



Capa Dura

tilibra

H. L.

CRONOLOGIA

22-92

73
3
nos.

SUMÁRIO

A hora da corte / 3

O tempo e os espaços / 9

Notas ($N_1, N_2, \dots$) / 51

Comentários ($C_1, C_2, \dots$) / 151

Acheques e Chamadas / 351

A Hora do Corte

Havia um relógio redondo na parede, moldura escura, mostrador branco e ponteiros negros marcando dez minutos para as dez, meio-dia. Nem considerei estranha aquela hora para se cometer o corte. ~~Depois~~, ~~depois~~ ter comunicado a mi depois pela manhã, pois não me ocorria a gravidade da situação. Lembro-me que o Dr. J. J. disse-me para esticar o braço esquerdo sobre uma espécie de proteléria que saía da mesa de operações, e de nada mais sou ~~depois~~ daquela sala, e não sei o grande espelho redondo que ficava iluminado em cima de mim. Tenho a certeza de que não me ocorreu que eu poderia estar num palco, alvo de todas as atenções, ou recebendo aplausos por minha 'decididade'.

• A cordier - me me

claras do mesmo grupo. A seguir
foi feita a corte ^{na mesma direção} ~~depois~~ ^{depois} foi transportado

costa ^{querem} de paco de amiam que guardem
café em grão, lá pelo tempo de Tiquaco.

tho' meses", e com na medicina rubi
é afirmado categoricamente, penso que
o câncer, "tuboz", tenha sido intima-
mente estirpado.

O certo é que, como não me celho
em condições físicas, nem mentais
para realizar uma obra de fôlego,
como pretendo, para dar sentido ao
tempo que me falta, ^(ou que me resta) começo a pre-
parar esta Conclusão, sem a idêntica
previsão de como será encaminhada
nem se será concluída. Mas, espero
ter tempo para fazê-la e refazê-la
como bandeira de novos tempos.

Flourensgras, 15' dec. 1991
H.L.

the same, I was very much
satisfied with the result of my
experiments, and I had no
doubt that I had discovered
the true nature of the
phenomenon. I had been
led to believe that it was
a simple case of refraction,
but I had found that it was
a more complicated matter.
I had been led to believe that
it was a simple case of refraction,
but I had found that it was
a more complicated matter.
I had been led to believe that
it was a simple case of refraction,
but I had found that it was
a more complicated matter.

O TEMPO E OS ESPAÇOS

1925 - Viagem da família de ...
a Porto Alegre, RS, para ...
de ...
março de 1926.

1928 - ...
...
...
...
...

1933 - ...

1922 - Harry Paus nasce em Tiquaras, Santa Catarina, à 23.30 horas do dia 11 de dezembro, décimo segundo e último filho do casal Rodolfo Paus, alfaiate, e Minervina Varela Paus, professora. A introdução do livro De-Campo-Per (nota n.º 1) traz a nomenclatura dos irmãos e pequena história da família.

1925 - Viagem da família, de navio, a Porto Alegre, RS, para tratamento de Minervina, regressando em março de 1926.

1928 - Morte de Minervina a 2 de outubro, depois de longo sofrimento pela paralisia progressiva que a prostrou numa cadeira de rodas.

1933 - Rodolfo casa com Isolina ^(57 anos)

Maria Pinna, 21 anos, a 28 de
outubro de cujo casamento nas-
ceram Opi e Estela (nota 5).

1934 - Harry regressa para Porto Fundo,
Rio Grande do Sul, com seu irmão
Jaime, estabelecendo naquela cidade com
o ramo de instalações elétricas, che-
gando dia 20 de setembro, feriado pa-
ra a Revolução Farroupilha.

1922-1934 - Primeiros Anos

Vê-se Comentário n:1, pag. 153

1934 (continuação)

Para não perder o ano de estudos,
interrompido em Tiqueras, foi ma-
triculado no Grupo Escolar Protásio
Blues, onde estudou apenas o último
trimestre do ano.

1935 - Matricula-se no Ginásio Nossa
Senhora da Conceição, de Porto Ma-
ritos, completando o curso ginasial;
no mesmo período, trabalha de
balconista e cobrador de prestações
dos clientes da "Casa Reidos", de
Feynos, que a esta altura casara-se
em Tiqueras com Eulina Bayer e
a trouxe para Porto Fundo com os
seus pais, tanto eles como Bayer.

1939 - Para ingressar no Curso Militar regular, frequenta o curso na Escola de Instrução Militar nº 89 (EIM-89), funcionando anexa ao Prédio.
10/9/39 ↑

1940 - Por estarem que parece, por intermédio de Jayme, prepara-se para o exame de admissão à Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, sendo aprovada para ingresso no ano seguinte. Maria Isolina Rios morou em Tiquera, deixando Rodolfo ainda pela terceira vez.
1939

1939-1940 - Passo Fundo
Vej. Comentário nº 2, pág. 163

15-
1941 - Ingressa no primeiro ano da Escola Preparatória de Cadetes - EPC, em Porto Alegre, no Parque a Redenção, atual Colégio Militar, tomando o n.º 218. (A 6 de dezembro) morre Rodolfo Rios em Tiquera. Para os exames, para o segundo ano, vai passar as férias em P. Fundo.

1942 - Cursa o 2º ano da EPC, sendo aprovado para o 3.º e último ano, Fim em P. Fundo. Conhecimento de Hilda Seltz.

1943 - Cursa o 3º ano da EPC, sendo aprovado por mérito, sem necessitar de exames, para ingressar na Escola Militar de Recrutas, futura Decadência Militar de Aguiar Negras. ~~Então fôra em Tiquera.~~ (At) Participa de um Concurso de Literatura no âmbito da Escola e tira o

terceiro lugar com a crônica "Perspectiva", publicada na revista da "Associação Espiritista e Literária" em dezembro do mesmo ano. Este é o primeiro texto assinado e publicado por Gary Paul. Conto fictício em Tijuca ~~(RJ)~~ que vem de inspirar o conto "O Vagante" (NX)

1944 - ^{com Paulo Pires} Embaixada a 21 de janeiro para o Rio de Janeiro, por terem com o colega que fixaram até 14 de março na Escola Militar do Realengo e a seguir na Escola Militar de Realengo, a fim de cursar esta última, sendo matriculados no 1º ano a 2º de março e tomados o nº 310. Em novembro, a revista "O Malho" publica a crônica intitulada "Nos seis meses", por interferência de minha prima Larissimar. O 10 de novembro recebe o esquadron de Cadetes dos meus dois irmãos e irmã Cora.

1945 - Promovido ao 2º ano, da Armada de Infantaria.

1946 - Promovido ao 3º ano em março e condecorado e ouro em dezembro, sendo declarado Aspirante a Oficial em 28 do mesmo mês, quando recebeu a esquadra das mãos de seu irmão Jayme. Comheiramento de D. Castello Branco.

1941-1946 - Forunaco Militar
Ver Comentário nº 3, pag. 173

1947 - Viagem de navio até Recife e de
través até Natal, onde foi desafiado
como Desafiante Oficial no 16.º R. 1.º Pro-
mou-se a 2.º tenente a 25 de abril. Fim
de fim de ano no Rio (27.12.47 a 26.01.48),
mais 16 dias de licença para permanecer
na corte capital federal. Publicações
das "Cartas do Nordeste" na revista "Jornal",
de Dalton Severina (da 1.ª à 3.ª carta).

✱ A. M. M. "O Negro" - Rio

1948 - Em fim de licença no Rio até
11 de fevereiro. Inspeção os Trás os furos
do Rio Grande do Norte (Macaú, Mossoró e
Joaquim Branco) em fevereiro. Transferido
para o 9.º BE, em Casimiro de Paula, R. 30
de abril. Publicações em "Jornal", em
março, da última Carta do Nordeste.
Viagem de volta de navio, permanecendo no Rio,
depois em Casimiro (15/6) - reaver este ano

1947-48 - O Ano Difícil

Vejam Comentários n.º 4, pag. 183

1949 - Permaneceu em Casimiro de Paula até
março, quando se transferiu para o 18.º
R. 1.º, Porto Alegre, por extinção do 9.º BE
Promovido a 1.º tenente em 25 de agosto.
Relecionamento com o Grupo Deslocado, de Porto
Alegre. Publicações de cont. "O Jôia" no suple-
mento do Grupo no "Correio do Povo", 19/5; "O
Bomigredo" no "Diário de Pernambuco", Recife,
24/7 e "O Vinte" no "Diário de Natal", 11/12,
dia em que se completava 27 anos.

1950-52 - Porto Alegre, RS. Até julho de 50,
no 18.º RI, transferido para assistente da
Escola Preparatória de Porto Alegre, antiga
EPC onde estudou entre 1941-43, lá per-
maneceu até março de 52. Monte apar-
tamento e reuni os irmãos caçadores:
Celso, Cezar, Ruth, Opi e Estela. Grande
período de leitura e escrita em cadernos
manuscritos (1947-1976). Conhecimentos com
o livreiro Herbert Caro. Transferido para
Juiz de Fora, MG, em abril de 1952.

1950-52 - ~~Tempo obscuro~~
V. Comentários nº 5, pag 193

1952-53 - Em Juiz de Fora, MG de abril de 52
a julho de 53, no 12.º RI. Promovido a
capitão em 25.04.52. Premiada com o en-
sai teatral "Alguns Habitantes de Ibsen"
(N.º 9). O conto "O Procurador" e publi-
cado no Correio da Manhã; o ensaio
sobre Ibsen saiu no Diário de Pernambuco, Ri-
o de Janeiro, a partir de fim de
[julho de 1953, no 2.º RI. Conhecimentos com
Pasechoal Carlos Magalhães e ^{outro} ~~outro~~ Magalhães.

1952-53 - ~~Refelds~~ ^{Refelds} em Minas
V. Comentários nº 6, pag 203

23

1954-58 - Rio de Janeiro. De abril de 54, aos
 anos de 55, 56 e 57, mais os dois primeiros
 meses de 58, servi no 2º Ri. na Vila
 Militar, Diretoria de Armamentos, Bi-
 blioteca do Exército, no Ministério da
 Guerra e Escola de Aperfeiçoamento de
 Oficiais - EsAO. na Vila Militar.
 por intermédio do coronel-escriba Mr-
 lerto Peregrino. Publicações: no Ceará de
 Momba, 54; "Alguns Habitantes de Ilhéus",
 "O Coronel", "D. Chene", "Olasco sem Ba-
 talha", "O Marinheiro", comentários sobre
 a peça "La Menné Argile", de Merin
 Luís de Almeida; ~~Podalino Rualdo~~ 1955 -
 "Podalino Rualdo", "Jandira", "O Mi-
 nistro do Professor"; 1956, - comentários
 sobre a morte de S. Castello Branco. Re-
 unido "O Professor de Inglês", pelo jornal
 Tribuna da Imprensa; publicação ^{dos contos} de
 antologia "Nove Histórias Reunidas", com
 dos contos de H.L.

1954-58 - Rio de Janeiro
 Comentários 7, ref. 213

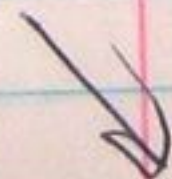
1958-59 - Curitiba, Mato Grosso, no 17.^o
Batalha de Casadores, geralmente como
Comandante ou Sub-Comandante, por falta
de oficiais de ~~posto~~ superior a Capitão,
de fev. 58 a maio 59. Entre dez e quatorze
jornais, feitos no Rio para lançamento de
"Os Inverentes", acontecido a 11 de dezembro
na Livraria São José. ~~Transferido para a~~
~~Biblioteca de Exercícios, por interposição~~
~~do Cel. Berquias, em maio 59, por~~
"Mensagens da Princesa", diário, inédito.

1958-59 - Curitiba
Ver Carantins 8 pag. 221

Vida Militar

27

~~1958-1964 - Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, Promovido de Capitão a Major, por merecimento, a 25.12.59. Recebe Medalha de Prata correspondente a 20 anos de bom serviço, a 20.11.61. Quilho de 62, preso por 8 dias em quartel do Exército, por seu comentário com o Cel. Perpinto na antecâmara da edição da Biblioteca, feita em função de milícia, sem cobertura financeira, o que contraria o regulamento militar. Promovido a Coronel-Capitão a 19.10.64 - transferido para a Reserva Permanente reserva de primeira classe.~~



~~1964 - Dadas as Razões.~~

~~Comentário N.º 9, pag. 231~~

29

~~1959-1964. Under Const.~~

~~1959 - Maio, transferido de Coimbra~~

1959 - Maio, transferido de Coimbra
para a Biblioteca de Escritos, Rio,
por intermediação do coronel-escriitor
Umberto Peregrino. Junho, recebe
o Prémio D. Afonso Pires pelo livro de
contos "Os Inocentes". Promovida a
maior, por merecimento, a 28.12.59.

1961 - ?, publica o segundo livro de
contos, *Do Juiz do Bonito*. No-
vembro, recebe Medalha de Prata con-
spondente a vinte anos de bons
serviços no Exército; inicia coluna
de *Arte Plástica* no *Correio da Ma-
nã*.

1962 - Junho, deixa a coluna de Dts Plu-
tões do Corvo da Moura. ?, artigo sobre
a morte de Mário Faustino no mesmo
jornal. Julho, preso por oito dias num
quartel do Leblon por ser conivente
com o Al. U. Pergrino na antecipa-
ção das edificações da Biblioteca sem co-
bertura financeira para fugir da
reflexão, o que é proibido pelos regula-
mentos militares; Dezembro, "O Im-
portante nos Dts", revista de 1962 para
o jornal do Brasil.

1963 - Janeiro, primeira coluna de Art
 Plásticos no Jornal de Brasil. ---,
 criada da Esplanada Resumo Jornal
 de Brasil que seria levada avanti por
~~de~~ ~~am~~ ~~gab~~ Walmar Oyala etc com
 platin 10 anos.

1963 - Janeiro, primeira coluna de Art
 Plásticos no Jornal de Brasil. ---,
 criada da Esplanada Resumo Jornal
 de Brasil que seria levada avanti por
~~de~~ ~~am~~ ~~gab~~ Walmar Oyala etc com
 platin 10 anos.

1964 - Testes para filmes de arte sobre
Bruno Pierri, Augusto Rodrigues e Isabel
Pons, ~~gondry~~ por Alfredo Nento e
Bluminda para o Itamarati. Oulu-
lo, transferido para a escola de
primaria classe com promoes a
Terenti. Coronel. Despedida de Exército.

1964 - Adesão ao Brasil

ver comentários 9, pag 237

ver comentários 10, pag 237

41

42

43

24

47

22

47

NOTAS

2AT0V

53

1 De-Curso-Per - documentário autobiográfico. Florianópolis, credica UFSC-Editora Livrandelli, 1980. Págs. 13 e 14.

2 Esta trecho é cópiado do início do projeto de romance Bata Chás Pequenos, nunca concluído. Em De-Curso-Per, págs. 156 e 158, há um capítulo inteiro, "Navio / marítimo", dedicado ao assunto como sendo a primeira lembrança que guarda em minha vida. Esse assunto, como capítulo inicial do romance, foi publicada numa antologia organizada por Gasparino da Mata, recolhida por processo importado por Diná Pulcinella de Queiroz (se não me engano) por quem não autorizara o texto incluído no livro. Histórias de Amor Maldito. Rio, Grafica Record Editora, 1968.

3 A Vinte, conto escrito em Porto Alegre, 1949, in Caixa d'Água - contos, prefácio de Claire Cayron. Florianópolis, Editora

da UFSC, 1989. Págs. 17 a 20. O conto A Visita foi publicado inicialmente no "Sorriso de Natal", RN, a 11.12.49. Refaz algumas modificações para inclusão no livro.

4 A Procriação, conto escrito em Ponta Delgada, 1949, publicado em Casaca d'Água (N.3), págs. 21 a 24. A Procriação foi publicado inicialmente no "Correio da Manhã", Rio, 19.09.53, com ilustração de Iberê Camargo.

5 Nos arquivos de HL há um manuscrito dos anos 40 em que o escritor fez um levantamento histórico da família Pery, com árvore genealógica e texto.

6 A Chove, conto escrito em Juiz de Fora, MG, em 1953. Publicado em Casaca d'Água (N.3) A Chove foi publicado inicialmente no "Correio da Manhã", Rio, 29.05.54 com ilustração

trabalho de Arthur Bulcão.

7 A Viagem, conto escrito em Apulhas Negras, RN, 1946, publicado em Casaca d'Água (N.3), págs. 29 a 34. A Viagem foi publicado inicialmente no n.º de março de 1947 na revista "R10", por intermédio do artista S. Castello Branco, também autor da ilustração.

8 O "deslize" foi tratado no conto inédito "Hora do Leito" que necessita ser reescrito, como quase todos os textos que compõem o livro "Coisas do Duro Bandido".

9 O Cap. 1, "Sinal de Partida", em "De Como Per", conta a respeito da primeira do enredo.

Thurs 24th Dec.

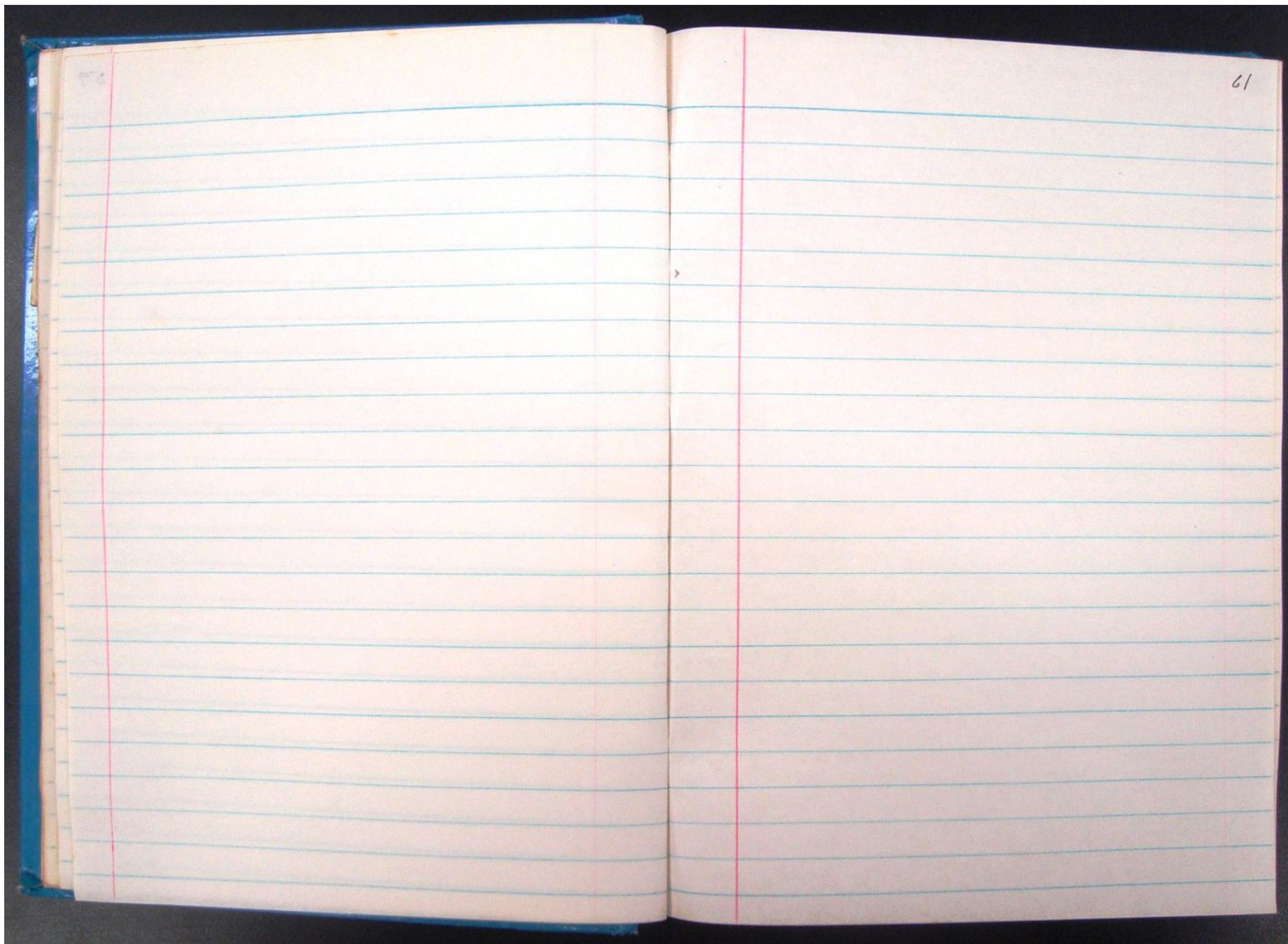
7 H. Vignier sent me a letter
Nogent, RN 1001, 1st Dec 1914
H. Vignier (RN) 1001, 1st Dec 1914
his published account of the
events of 1914 in the
Nogent area. He wrote 2 letters
about the events of 1914.

8 C. "Léon" for the 1st Dec 1914
about "Nogent 1914" and
Nogent, some time after the
events of 1914. He wrote
the "Nogent 1914" book.

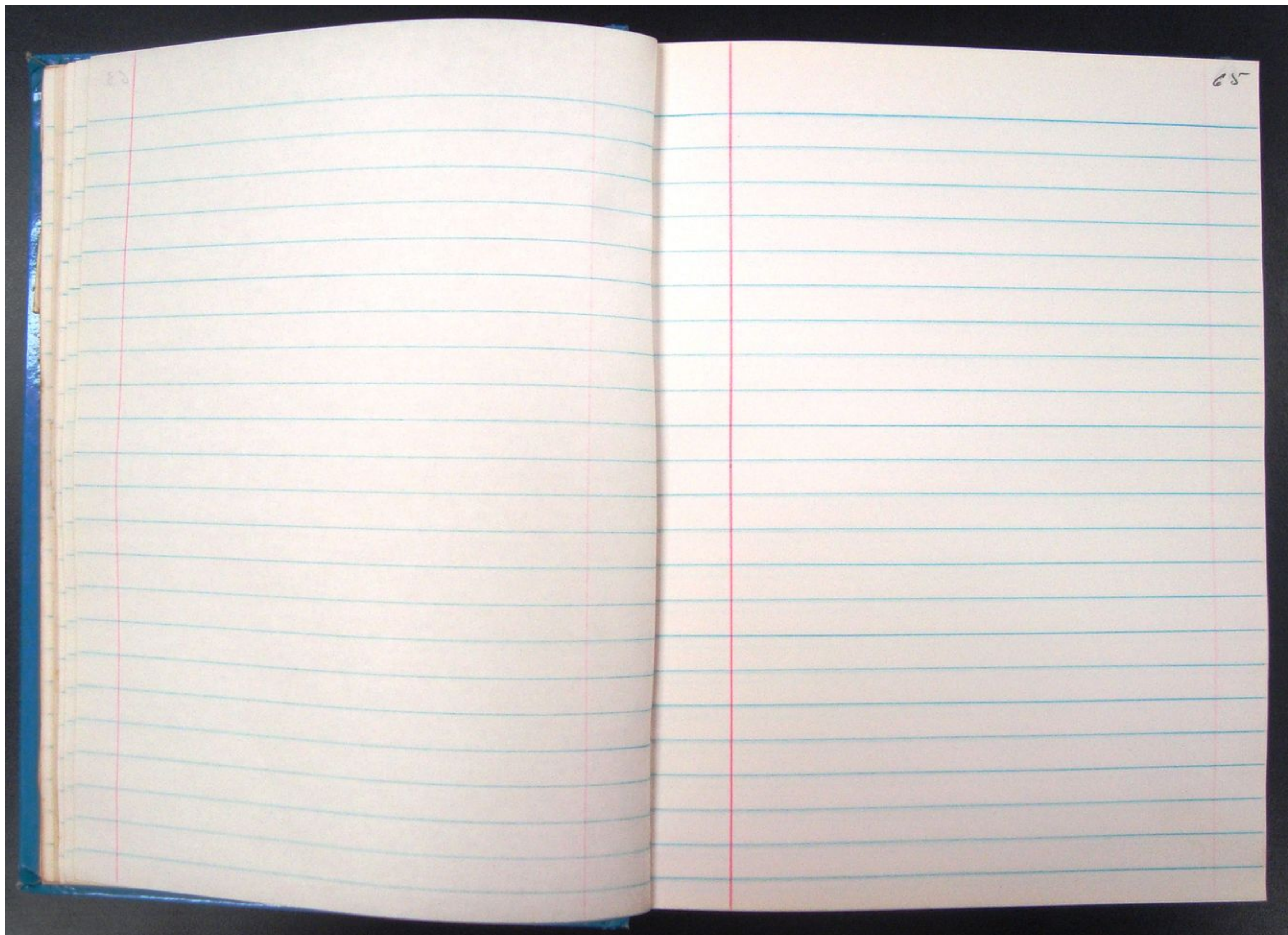
9 O. L. 1st Dec 1914, in the
Nogent area, some time after the
events of 1914.

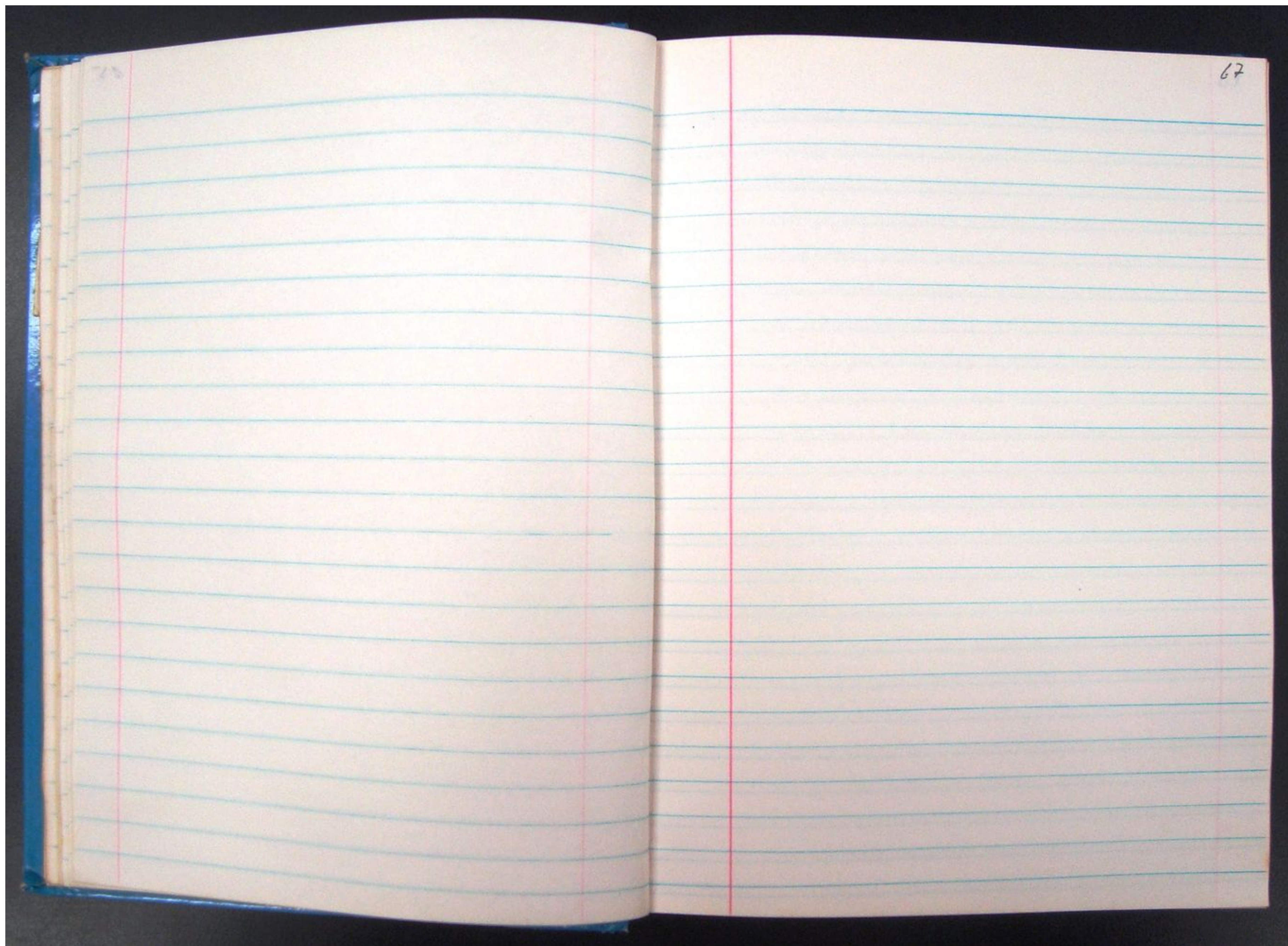
52

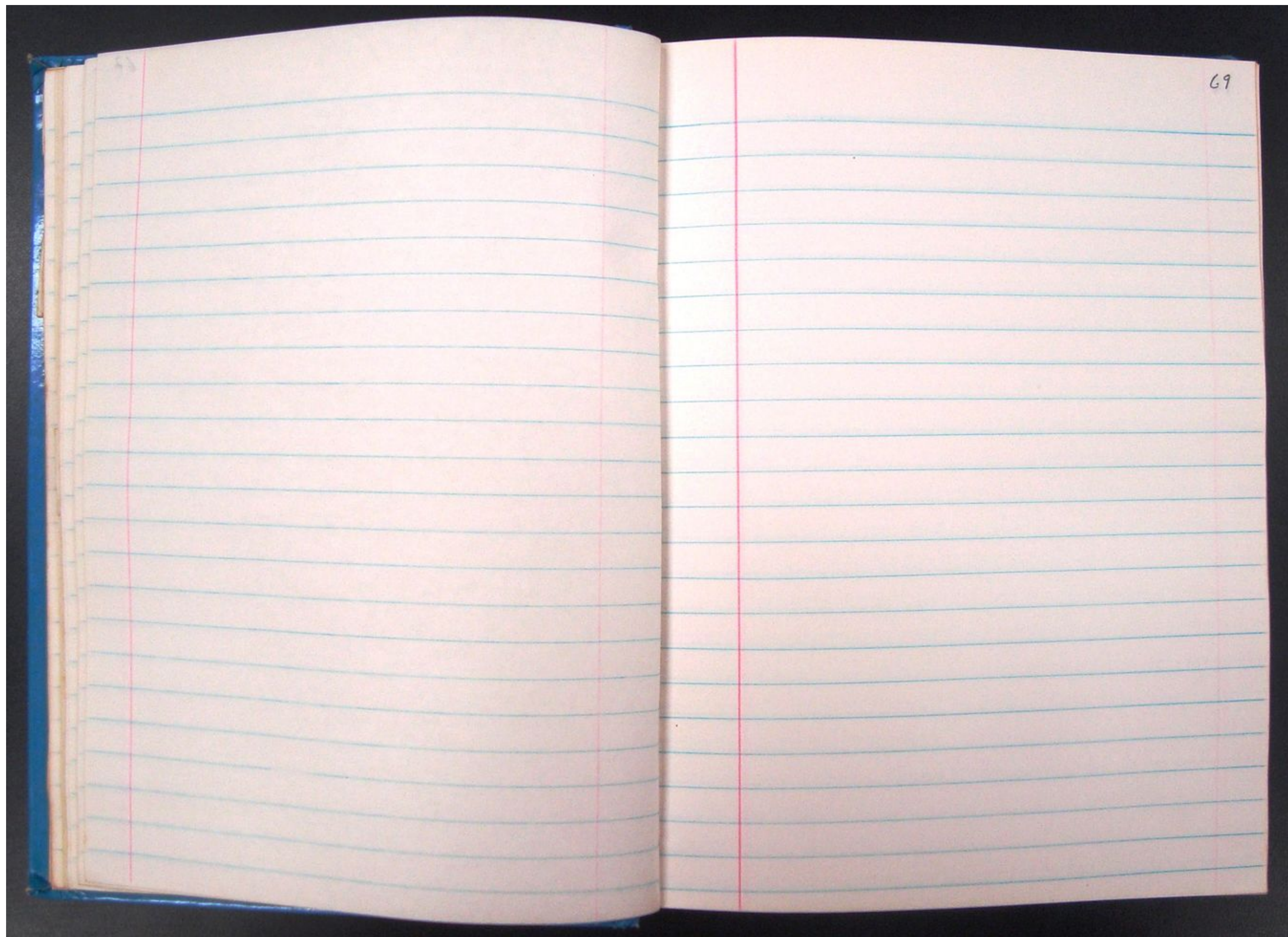
59

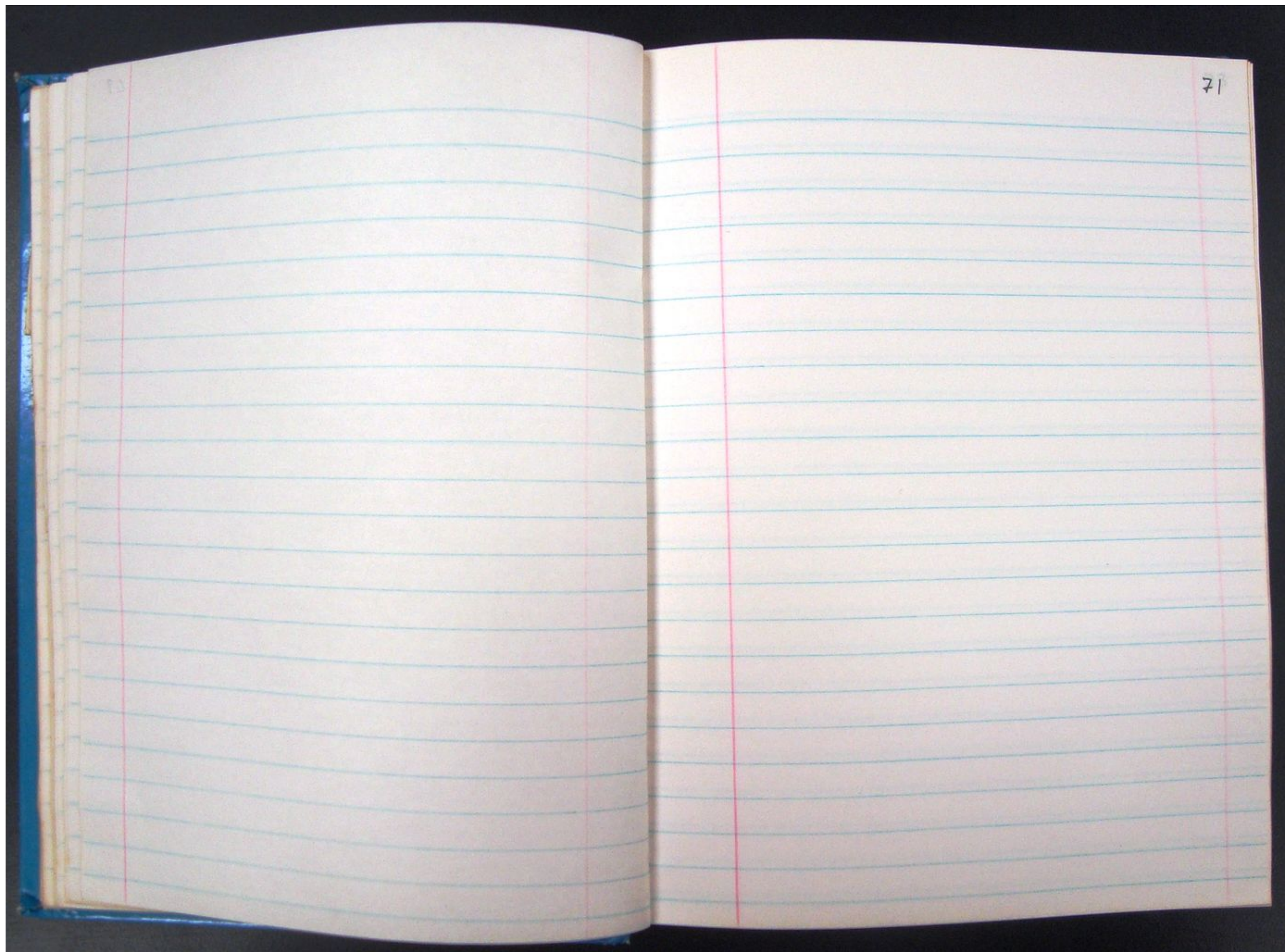


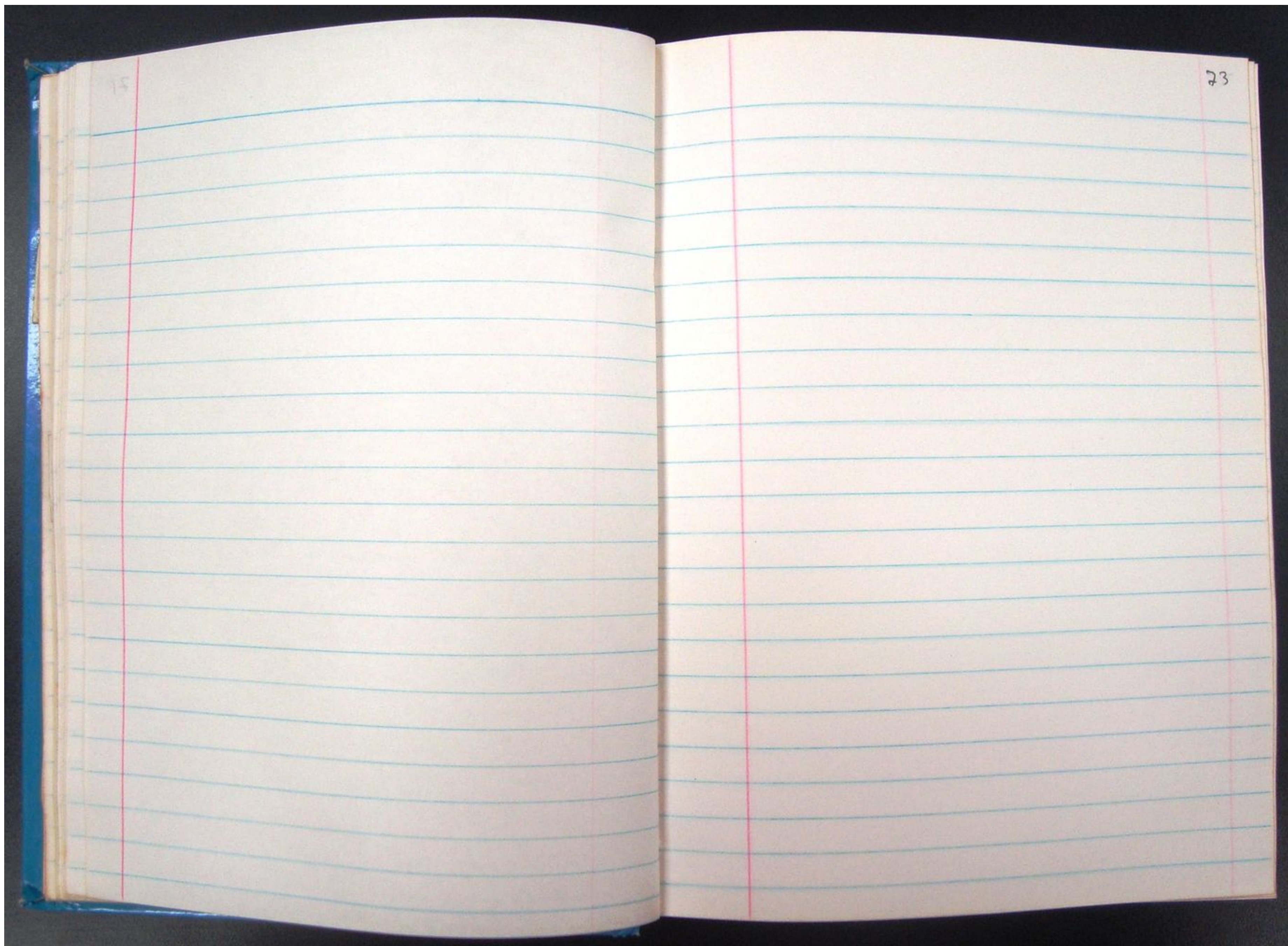
61

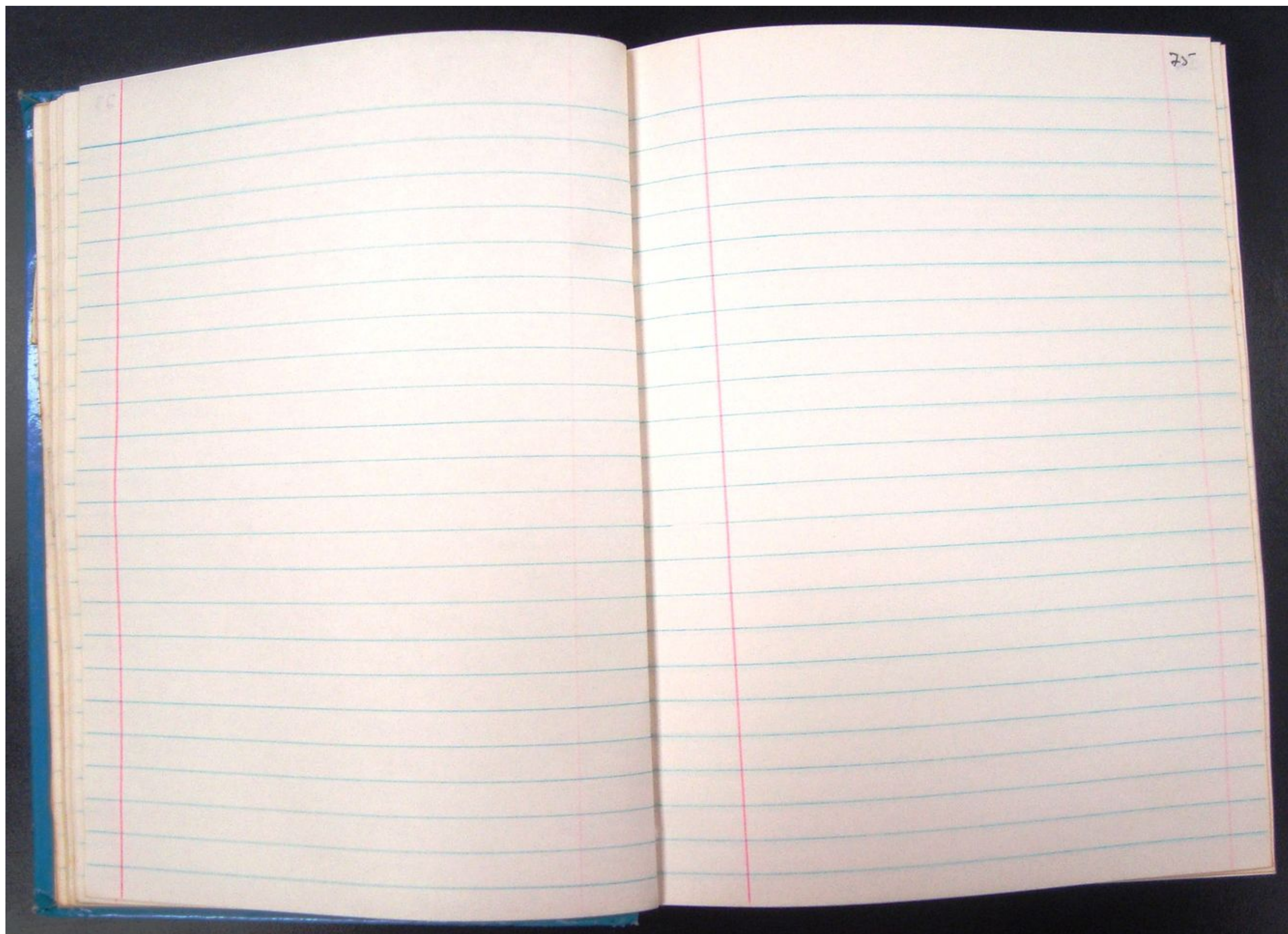








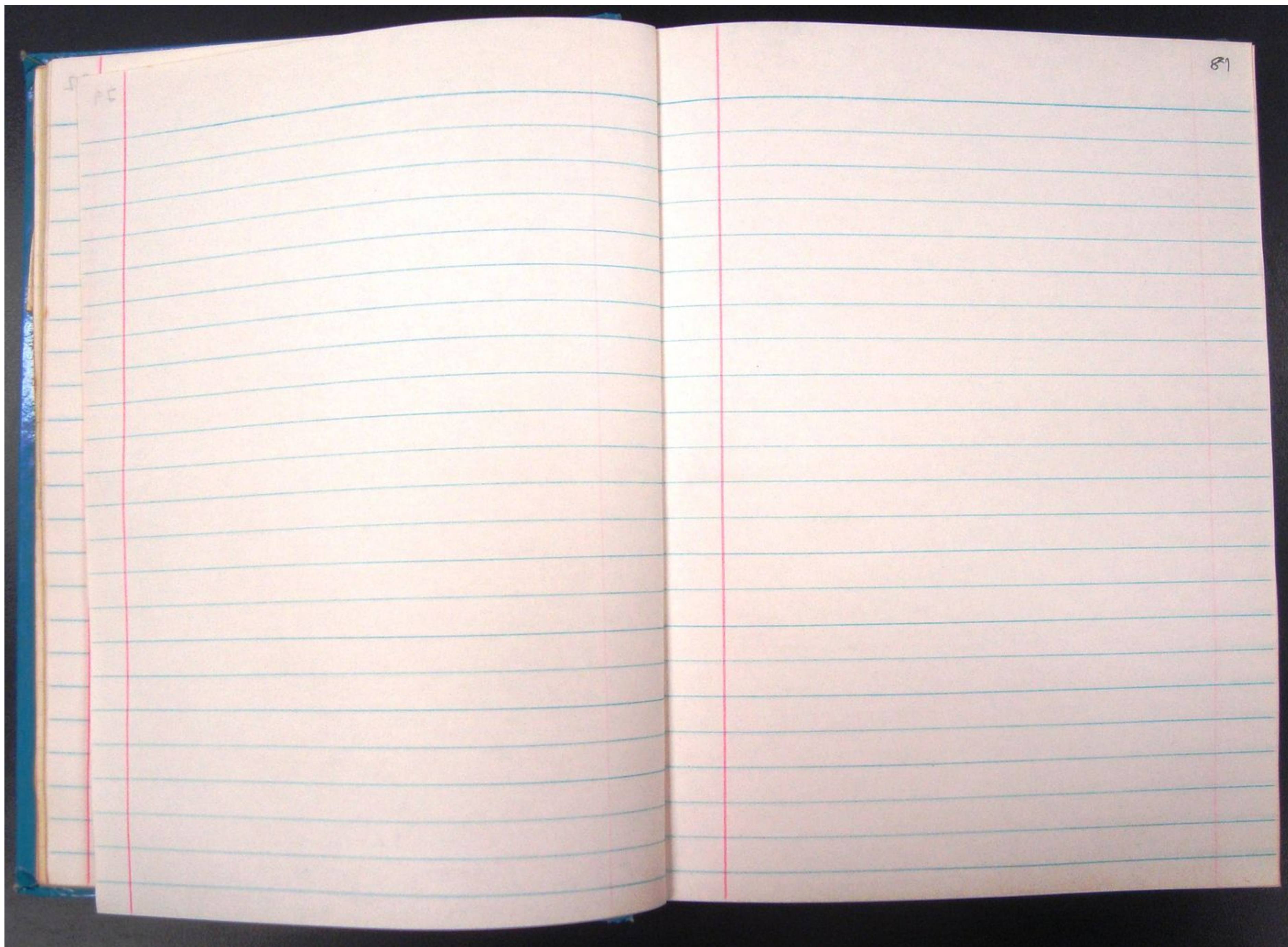




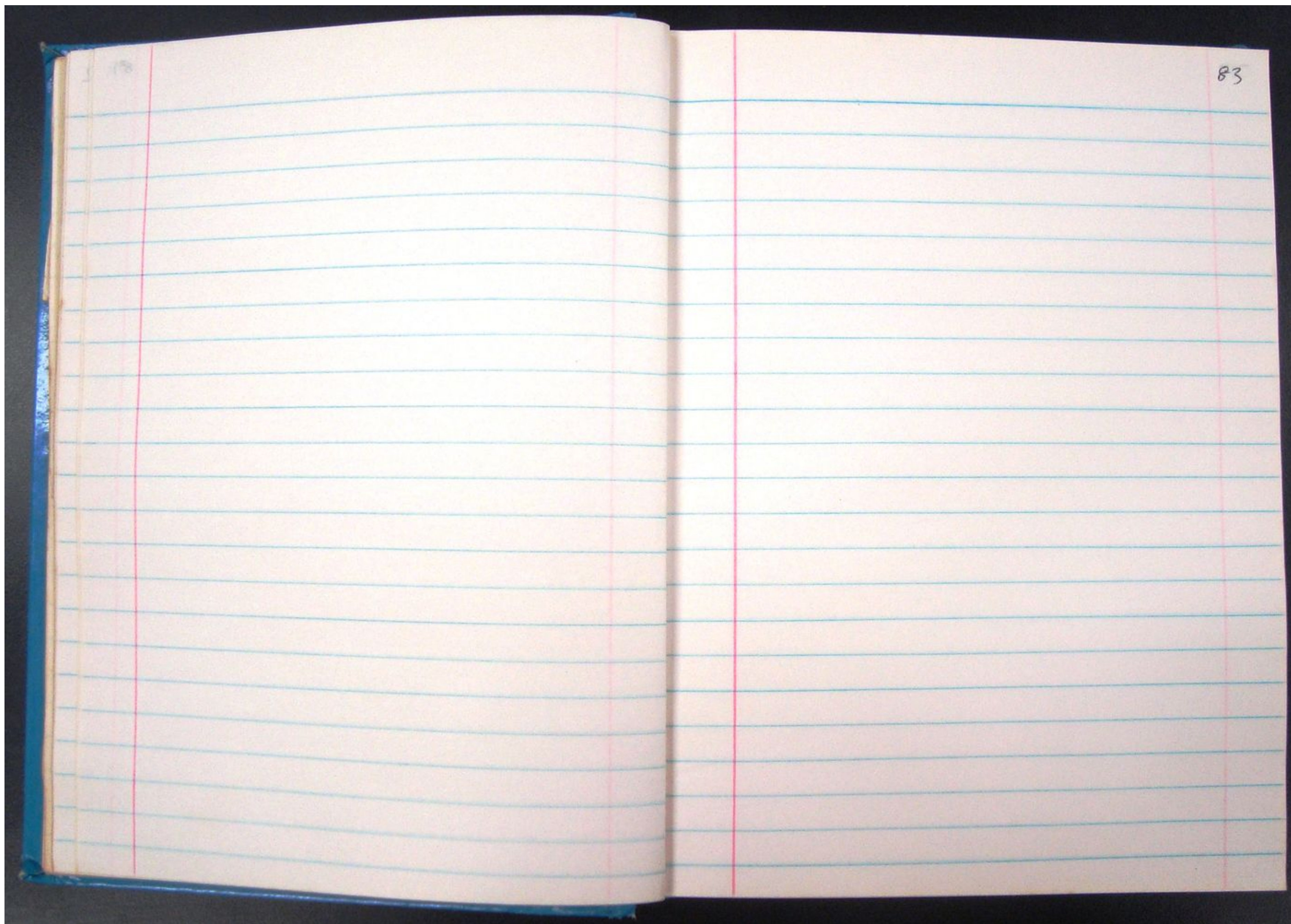
75

55

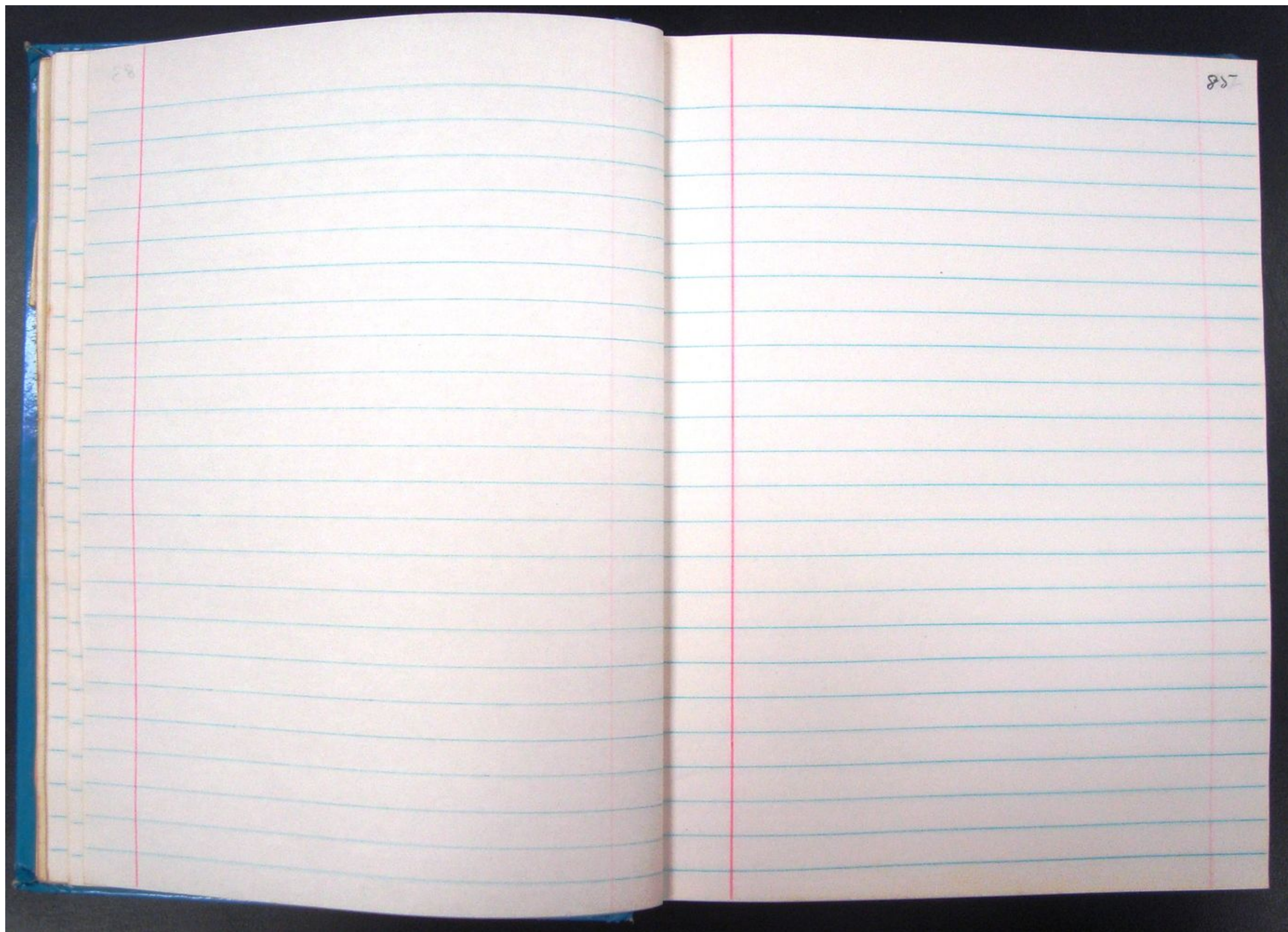
79

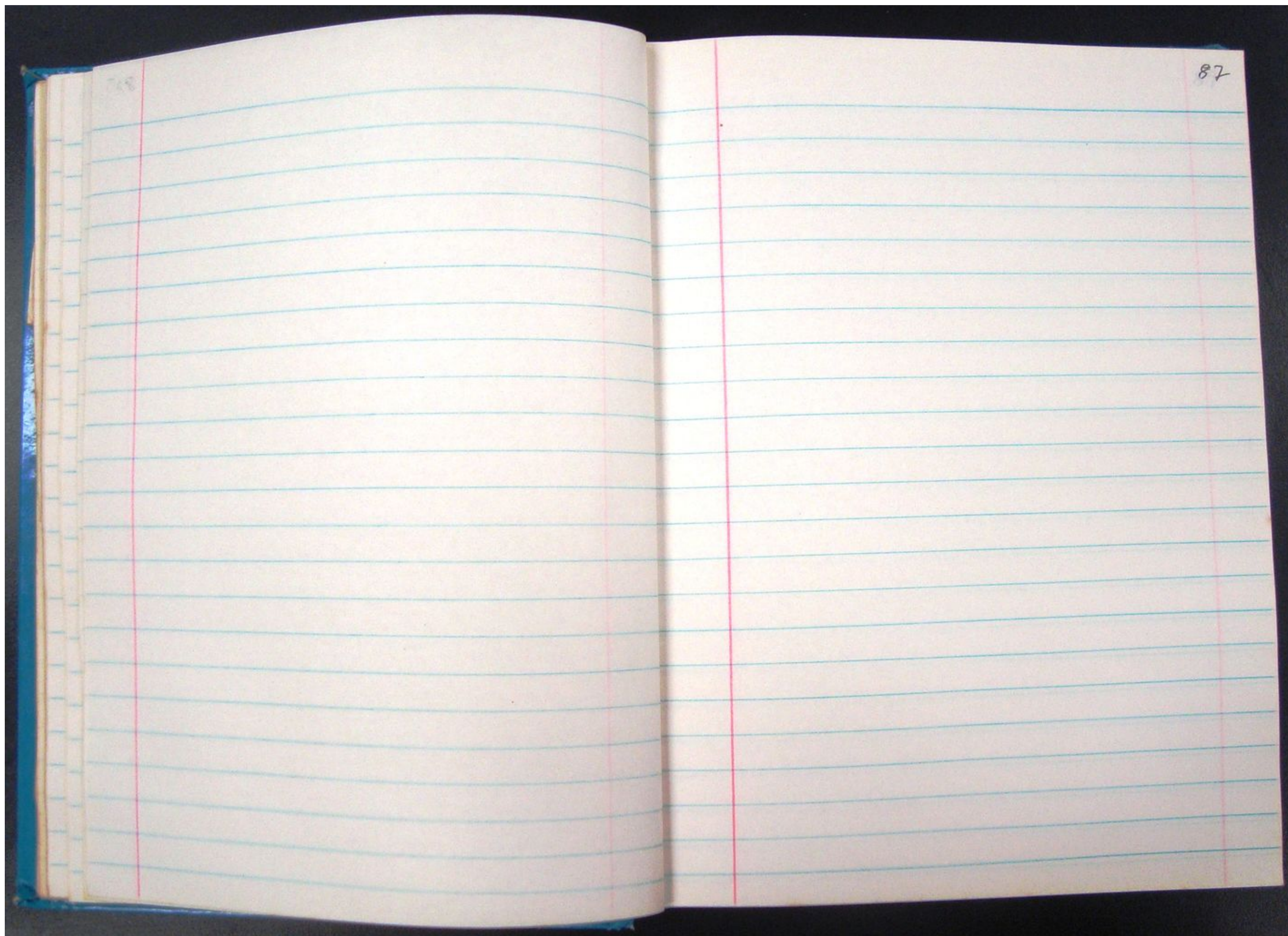


89



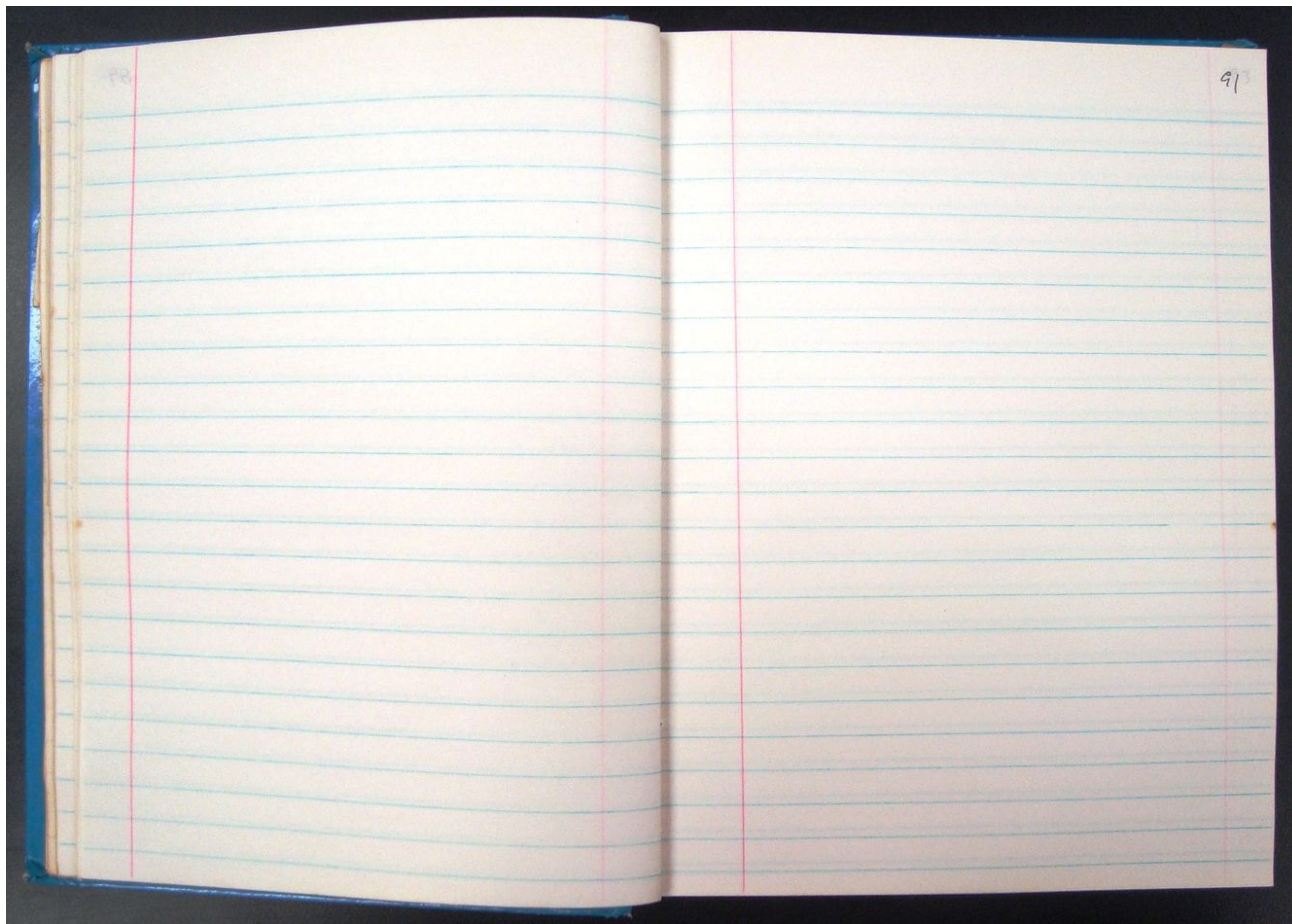
83





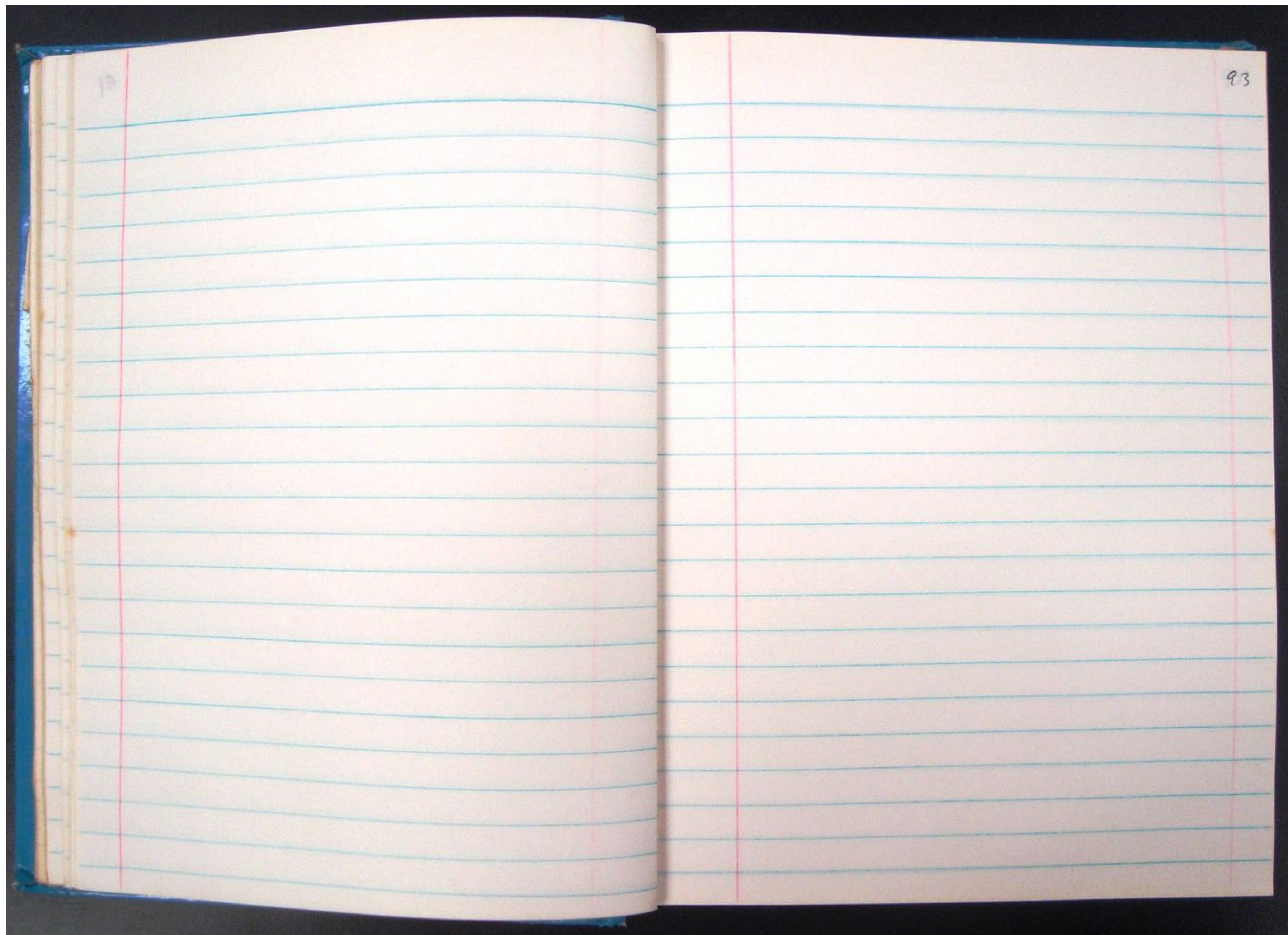
88

89

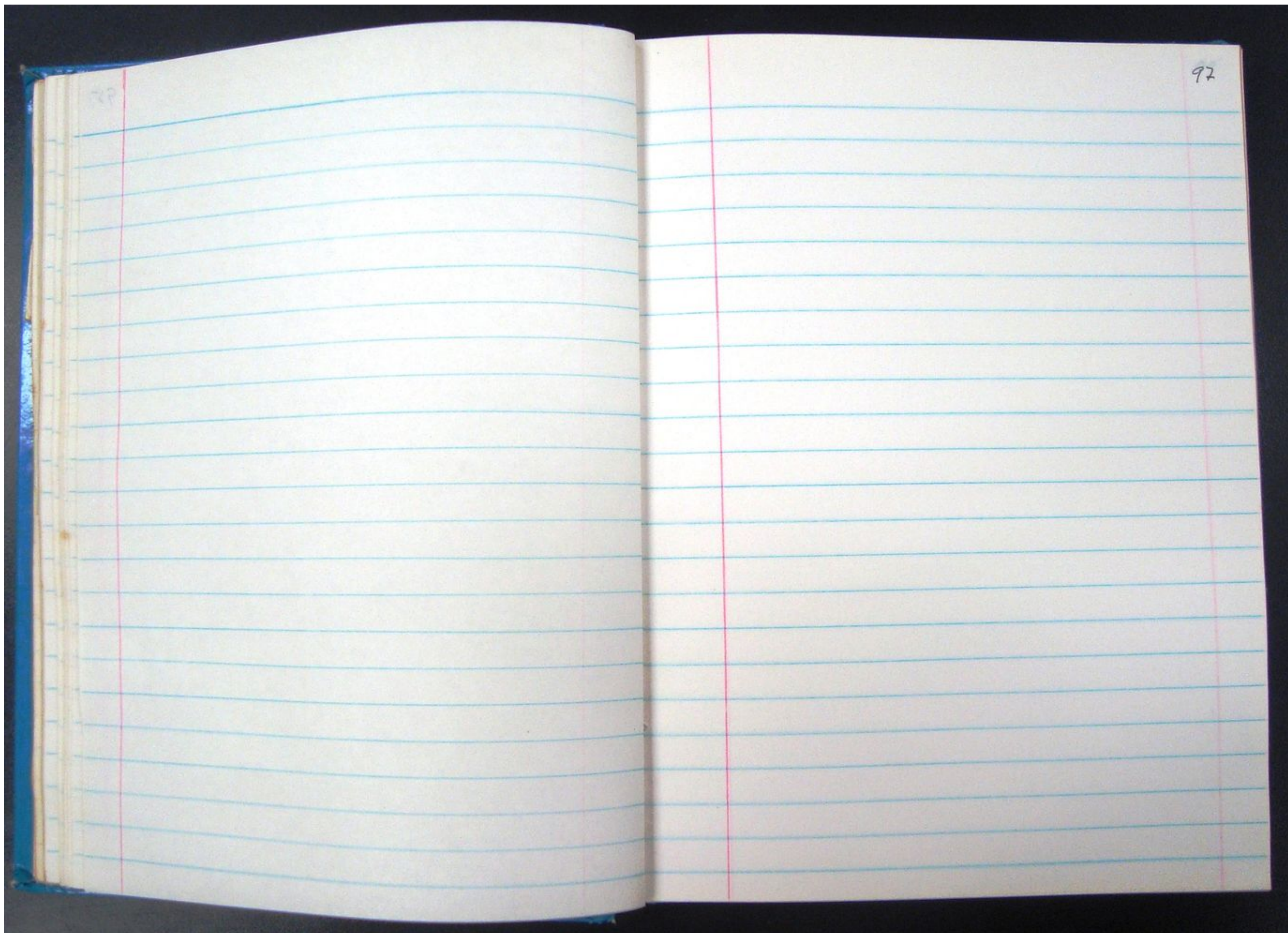


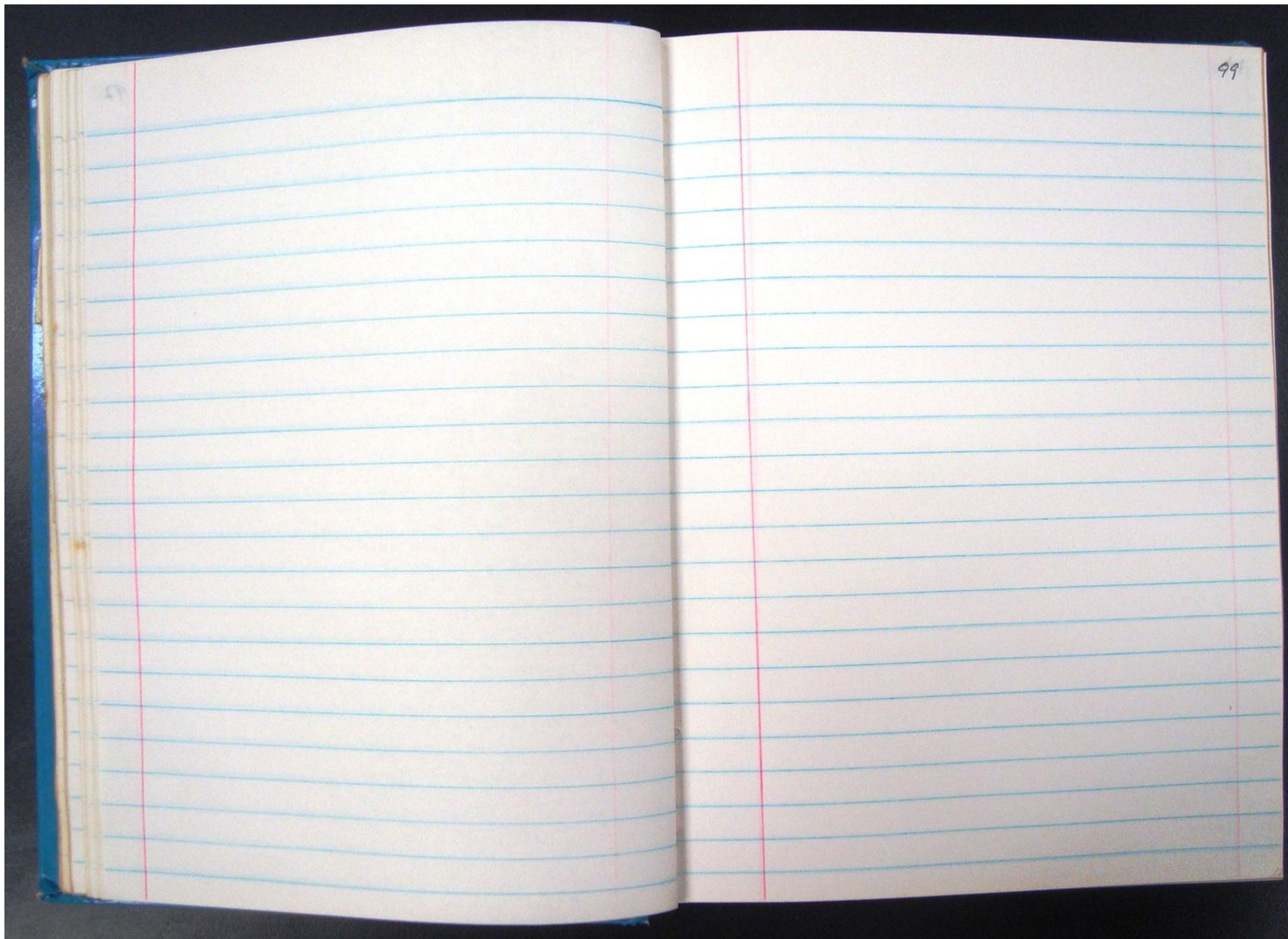
PR

91

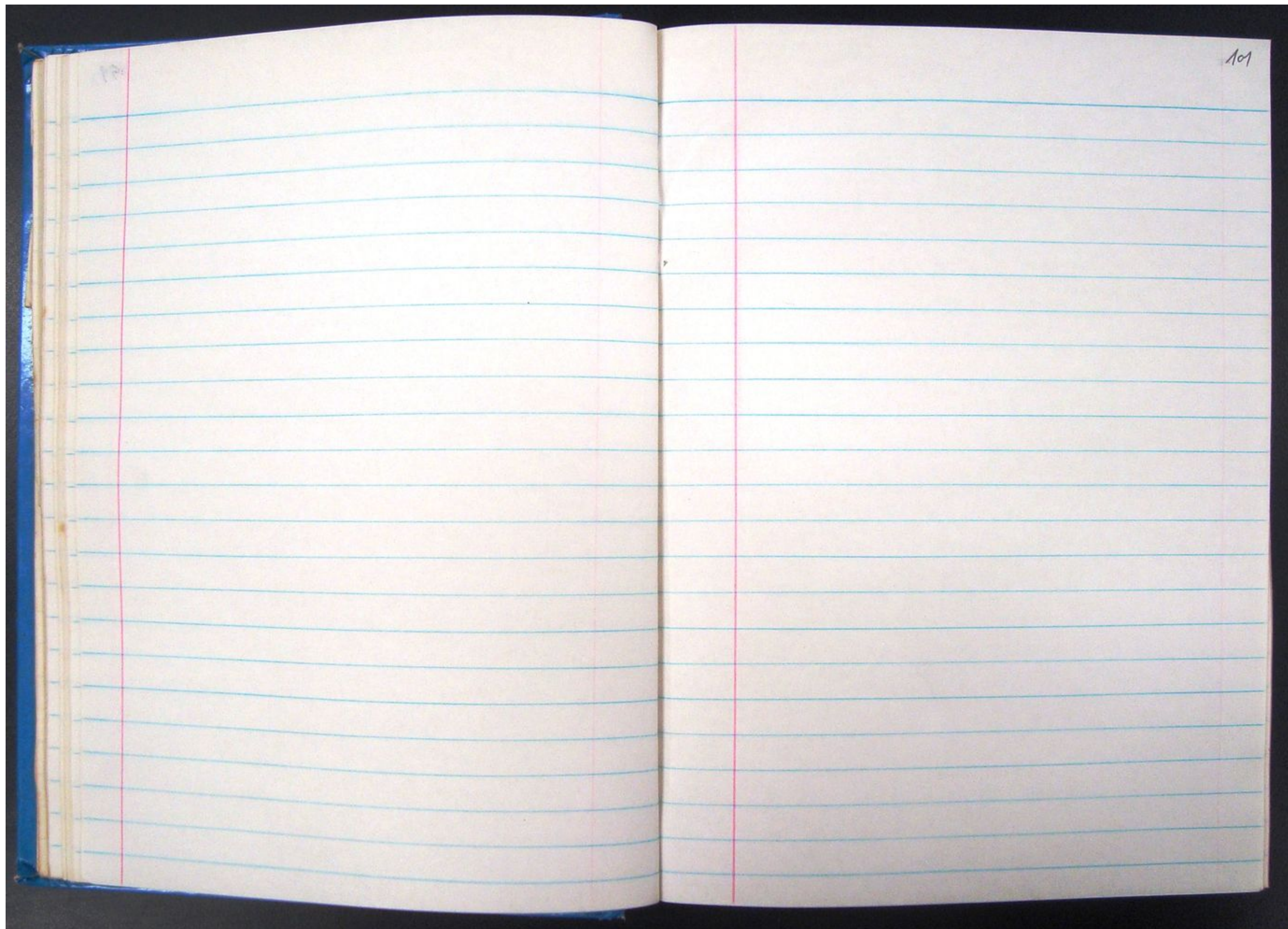


93

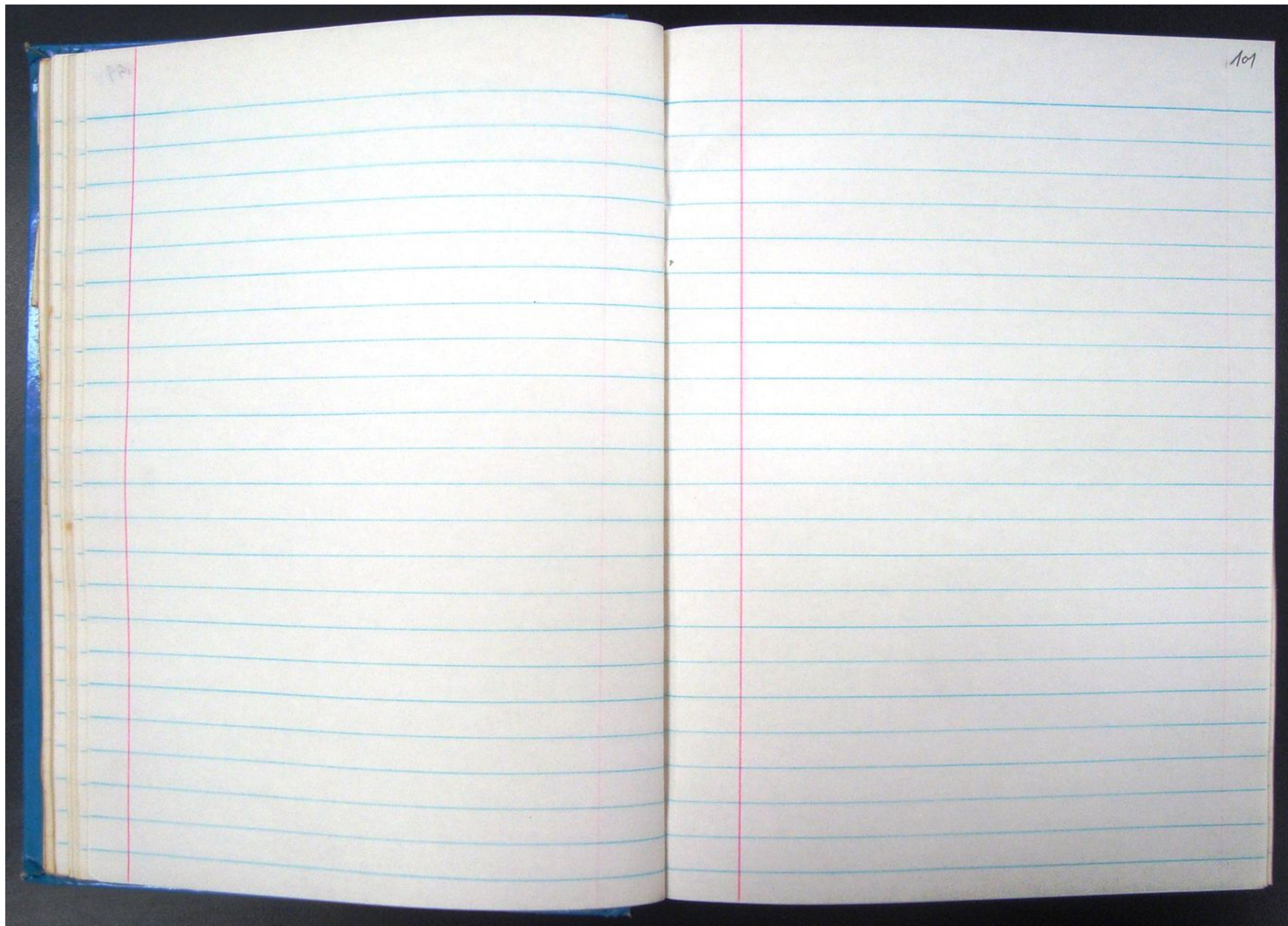




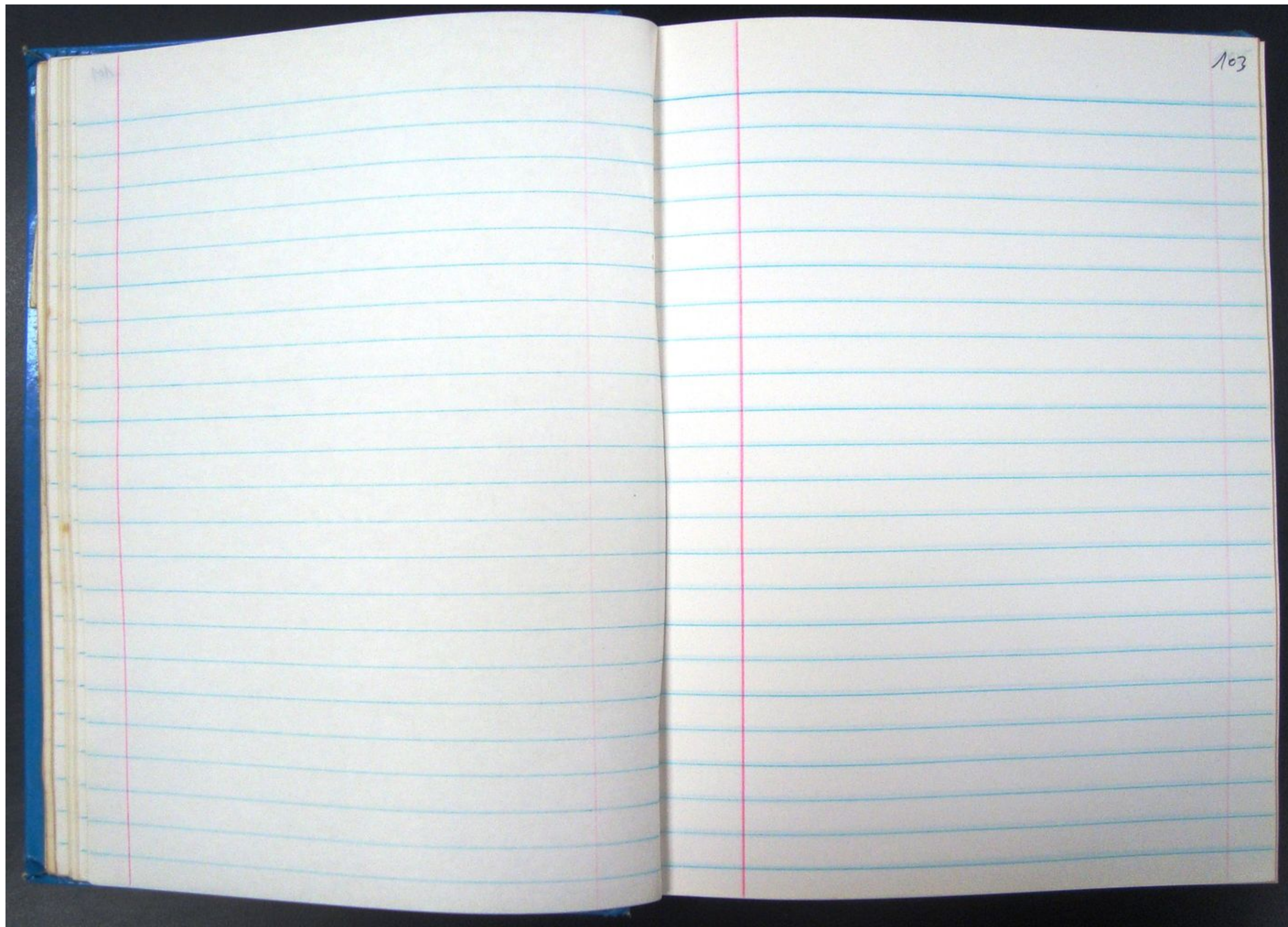
99



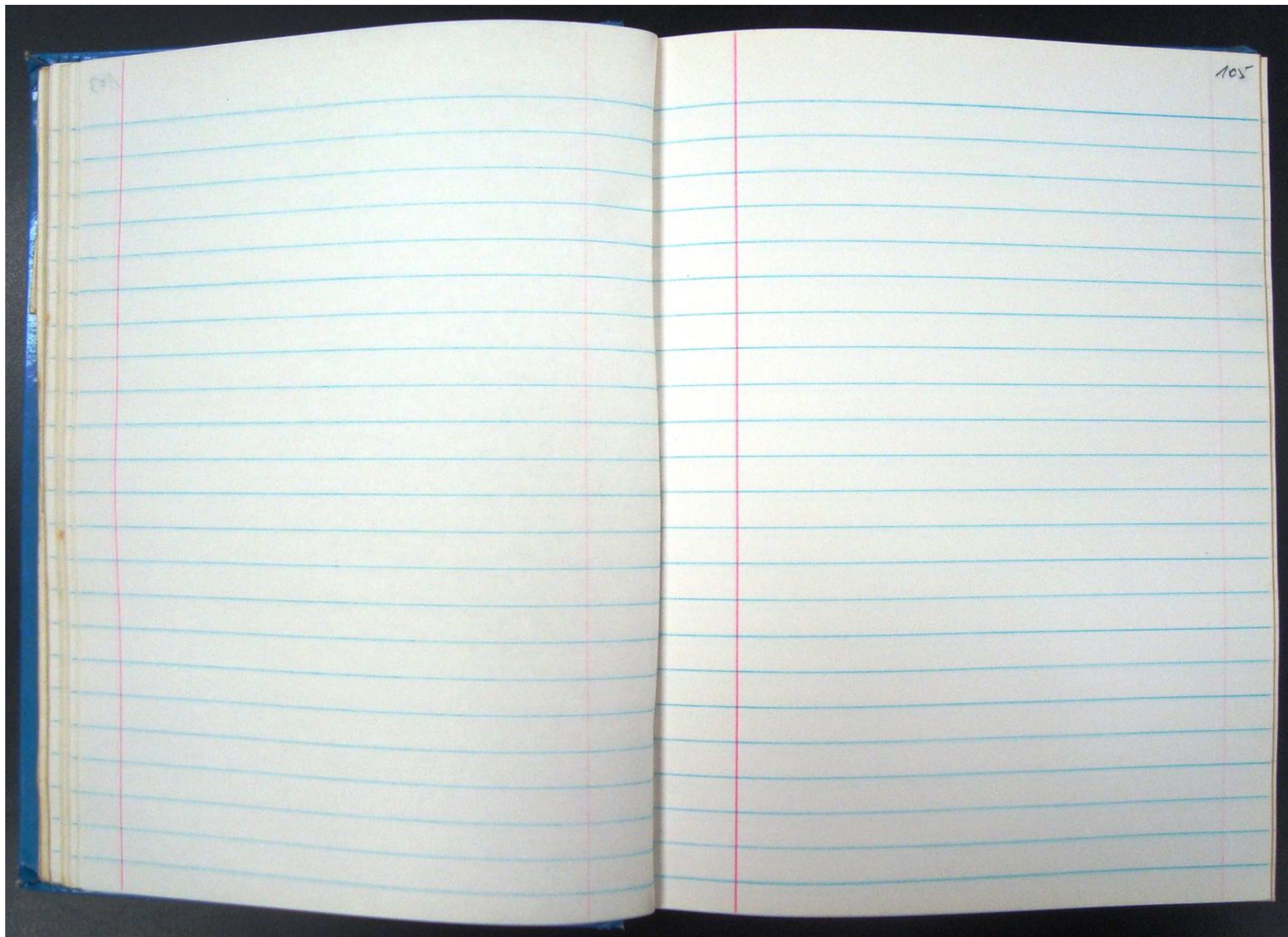
101

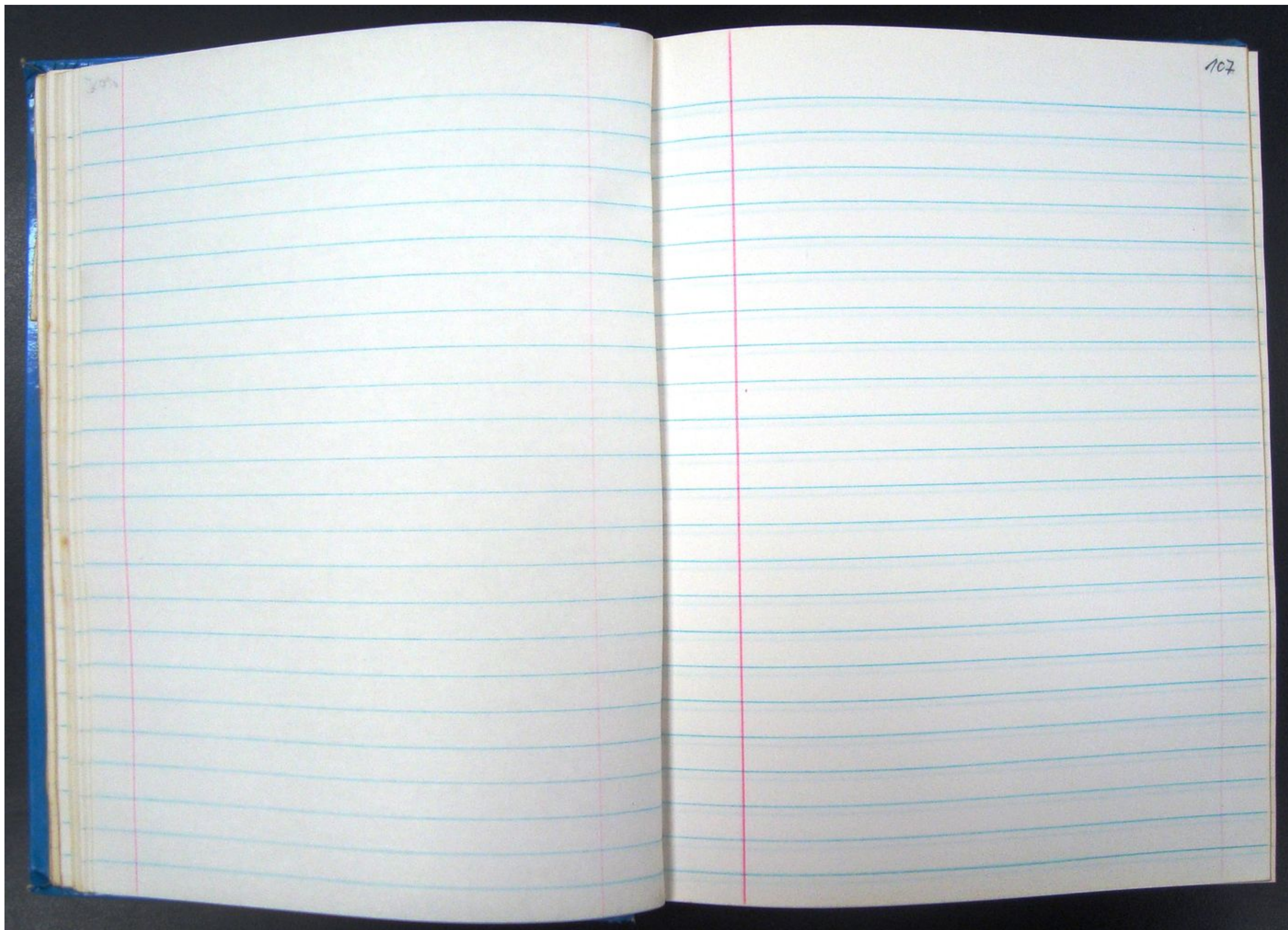


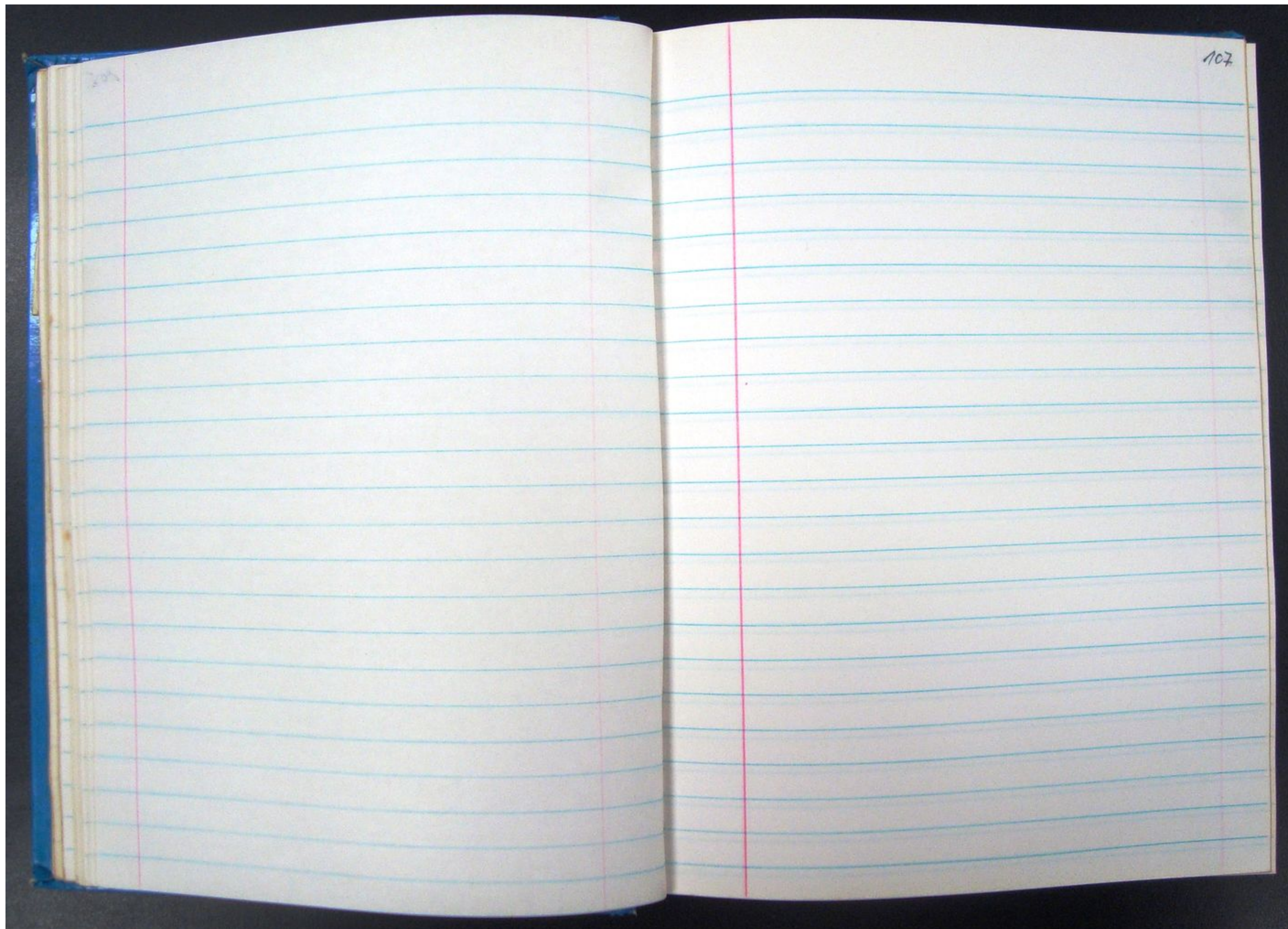
101

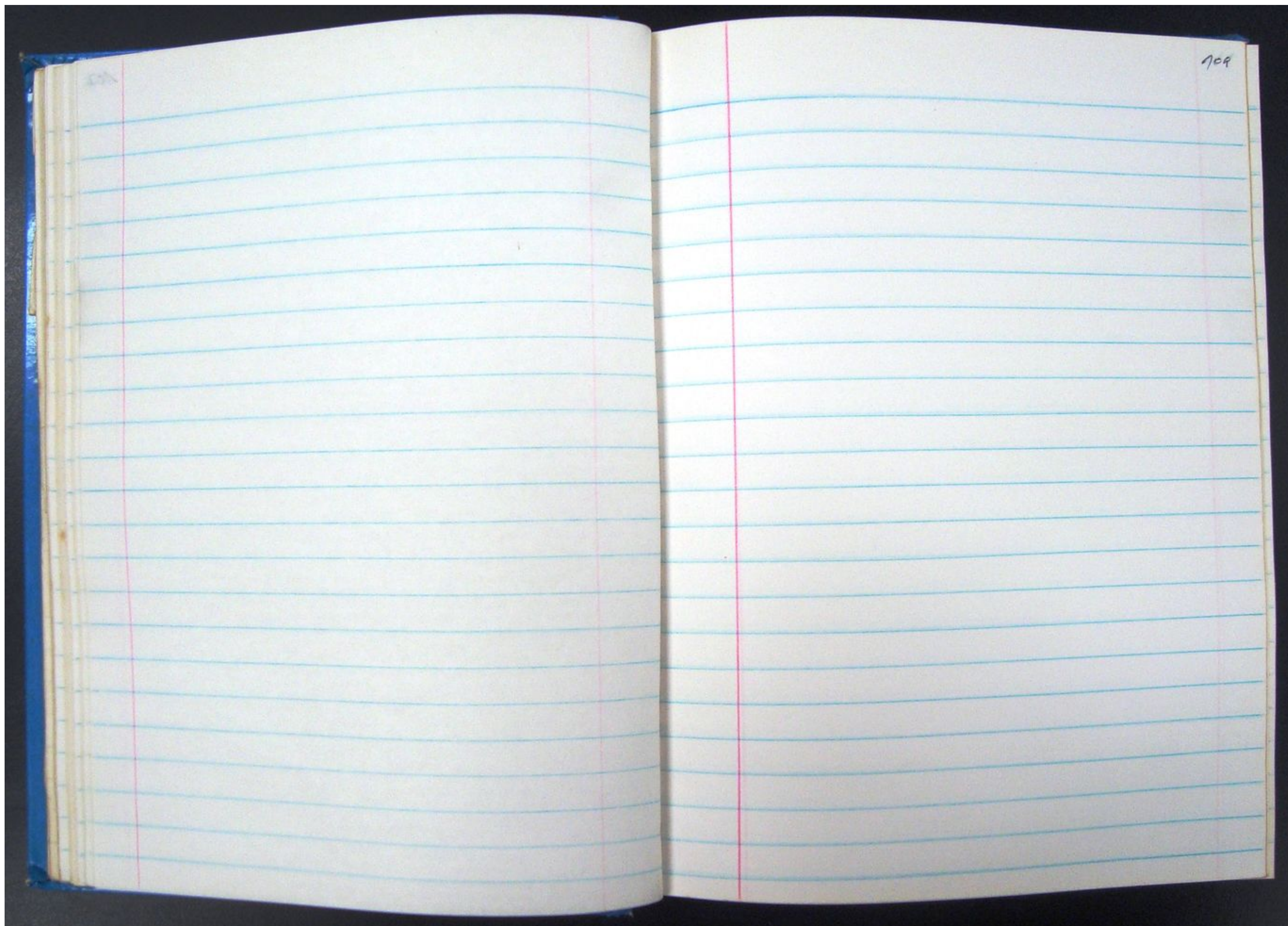


103

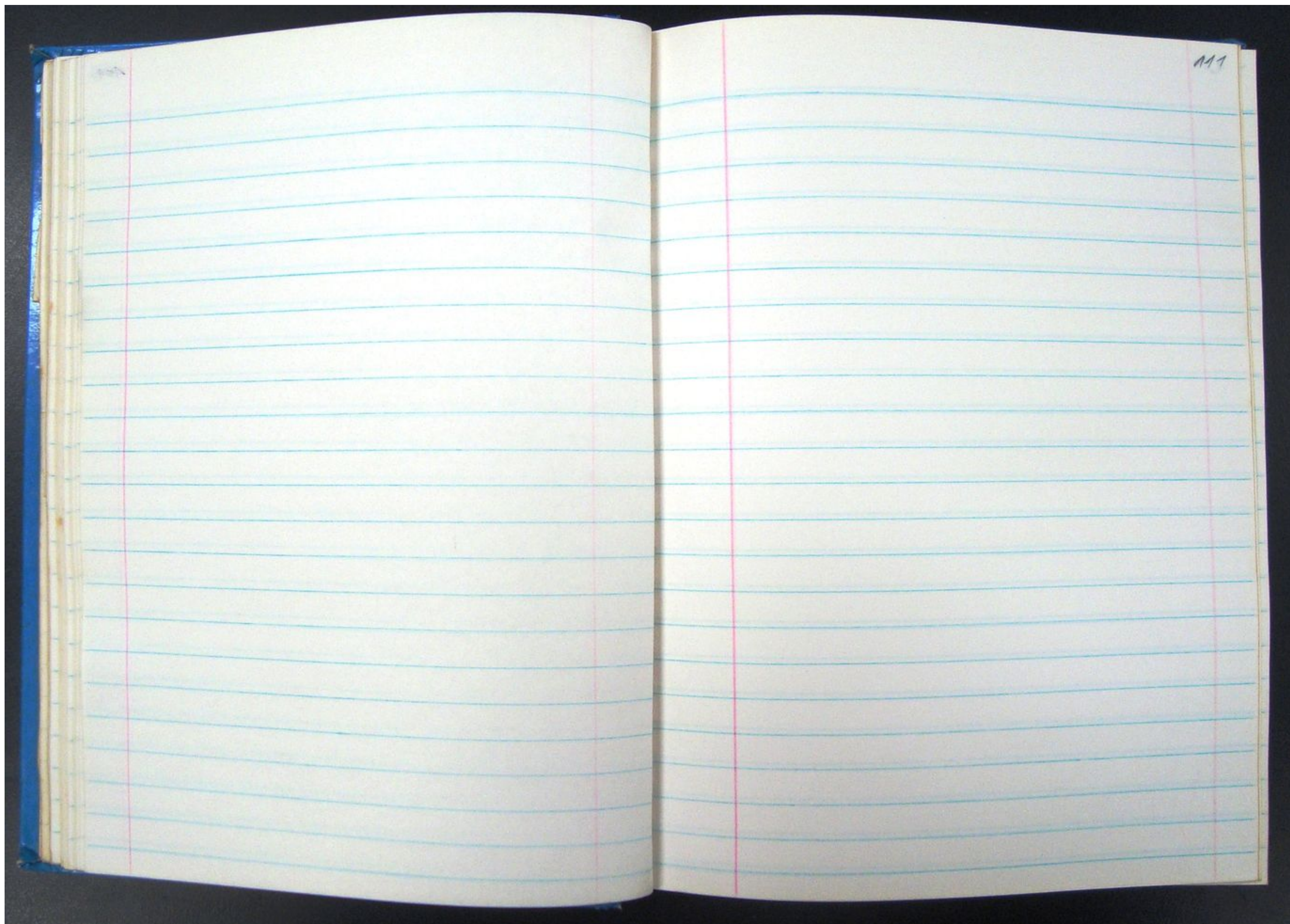


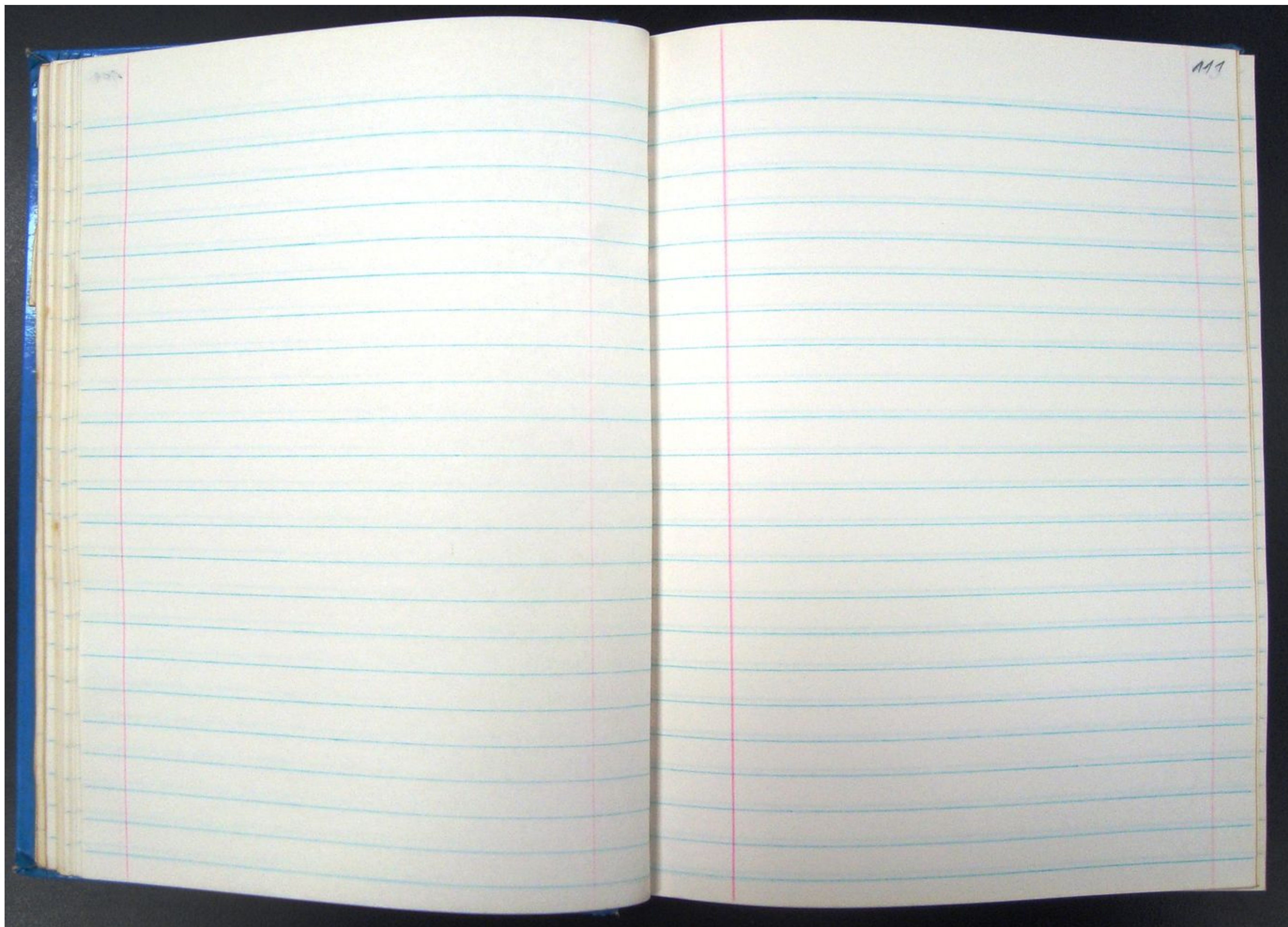


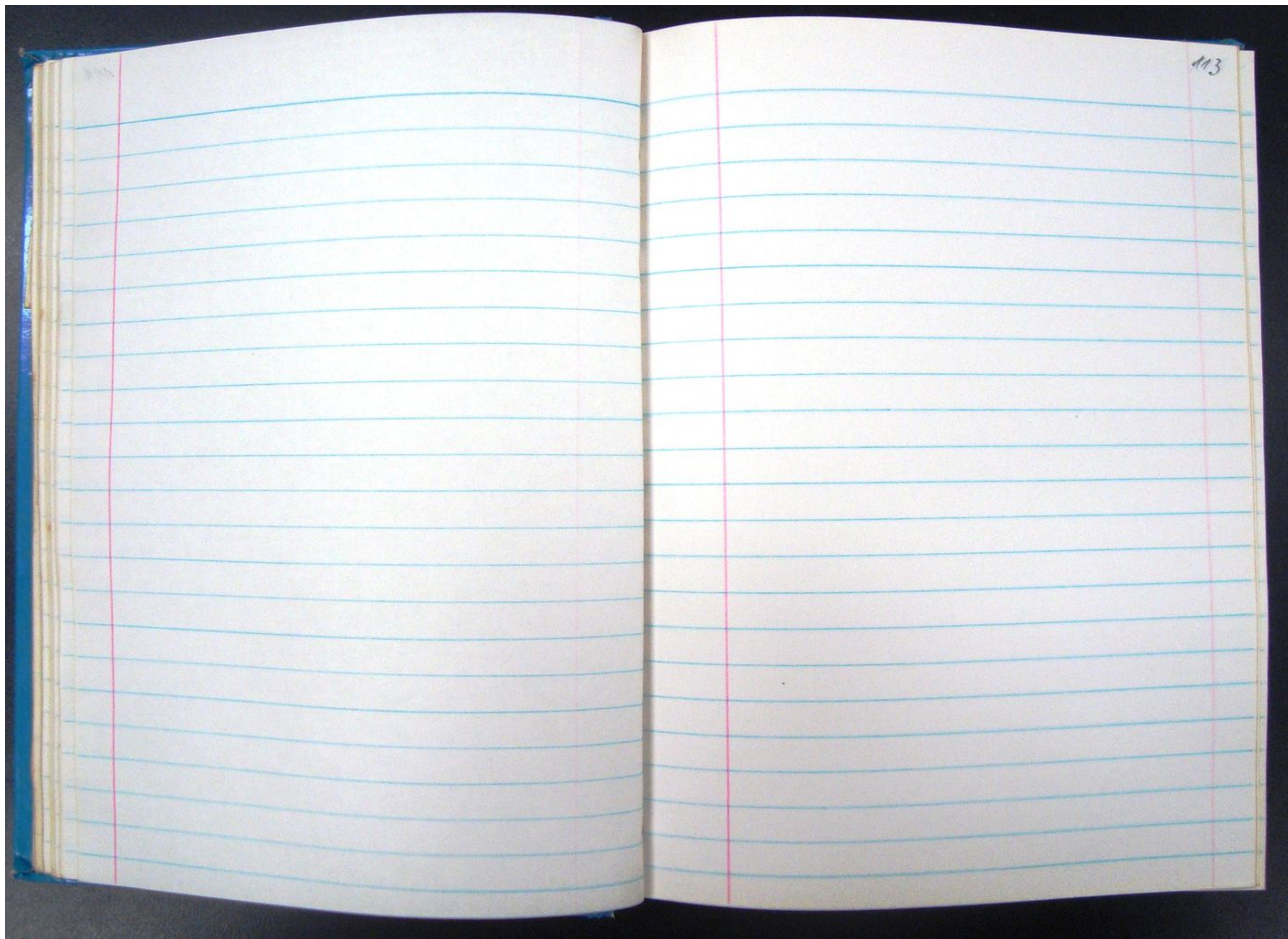




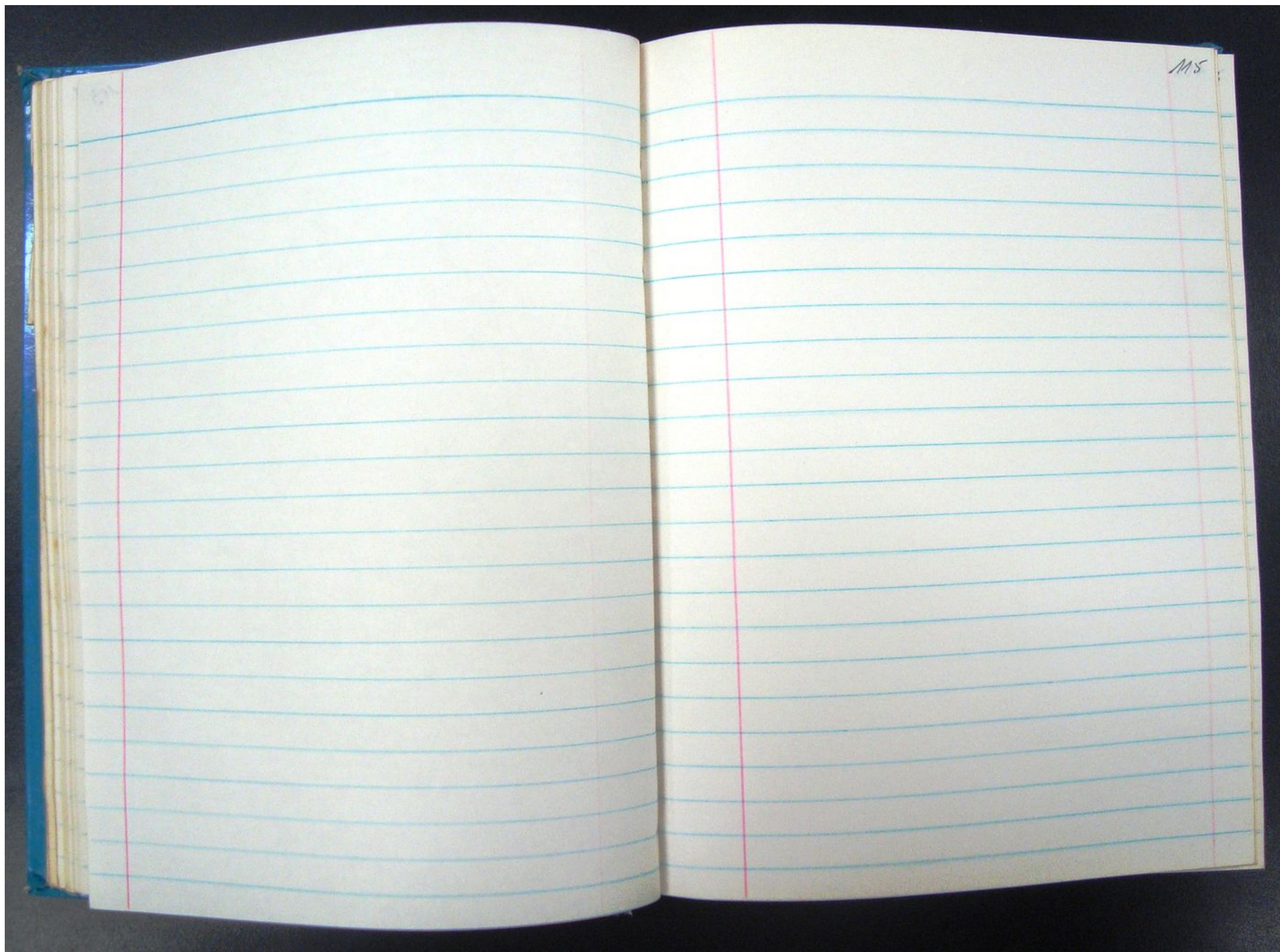
109

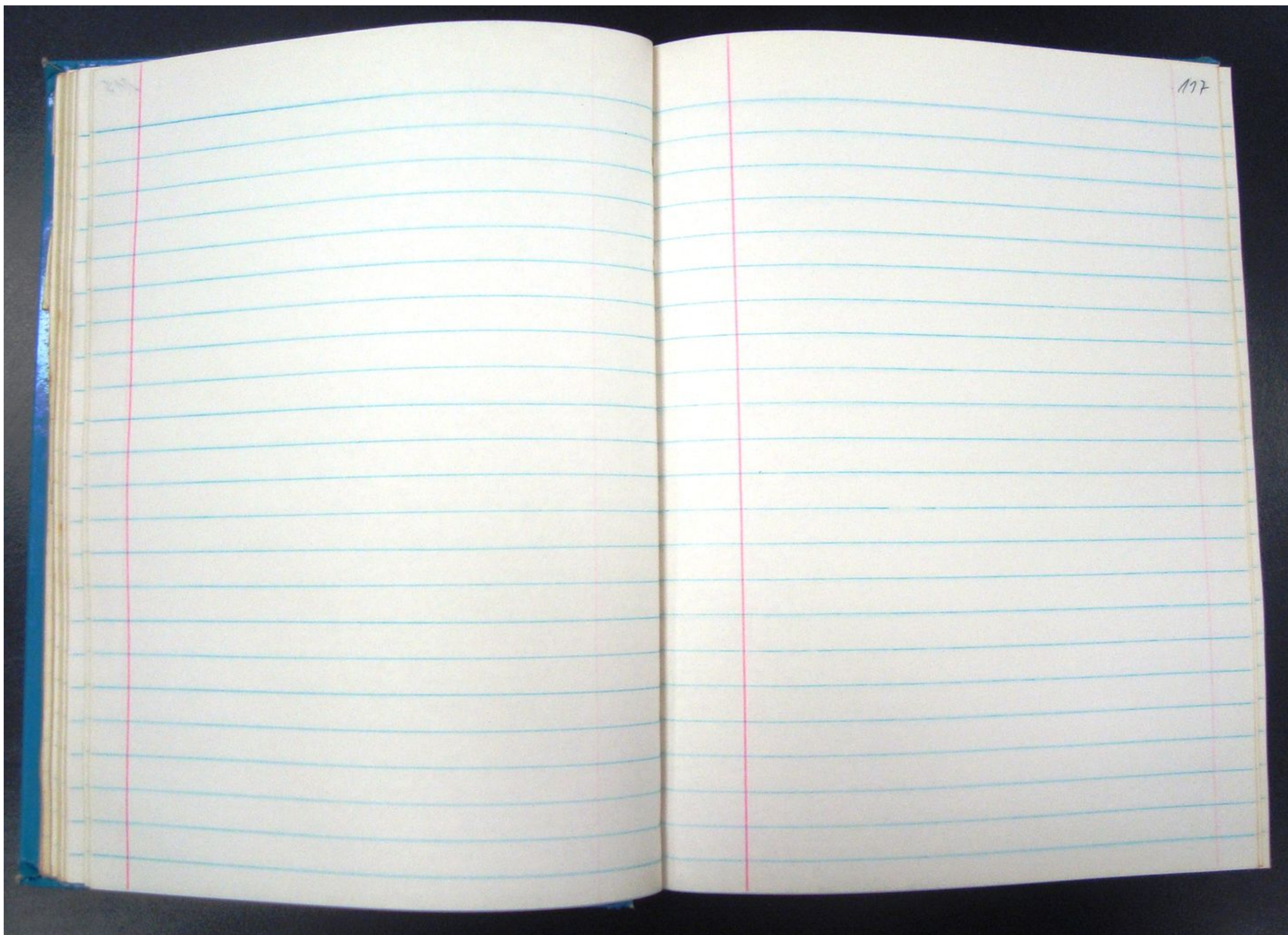




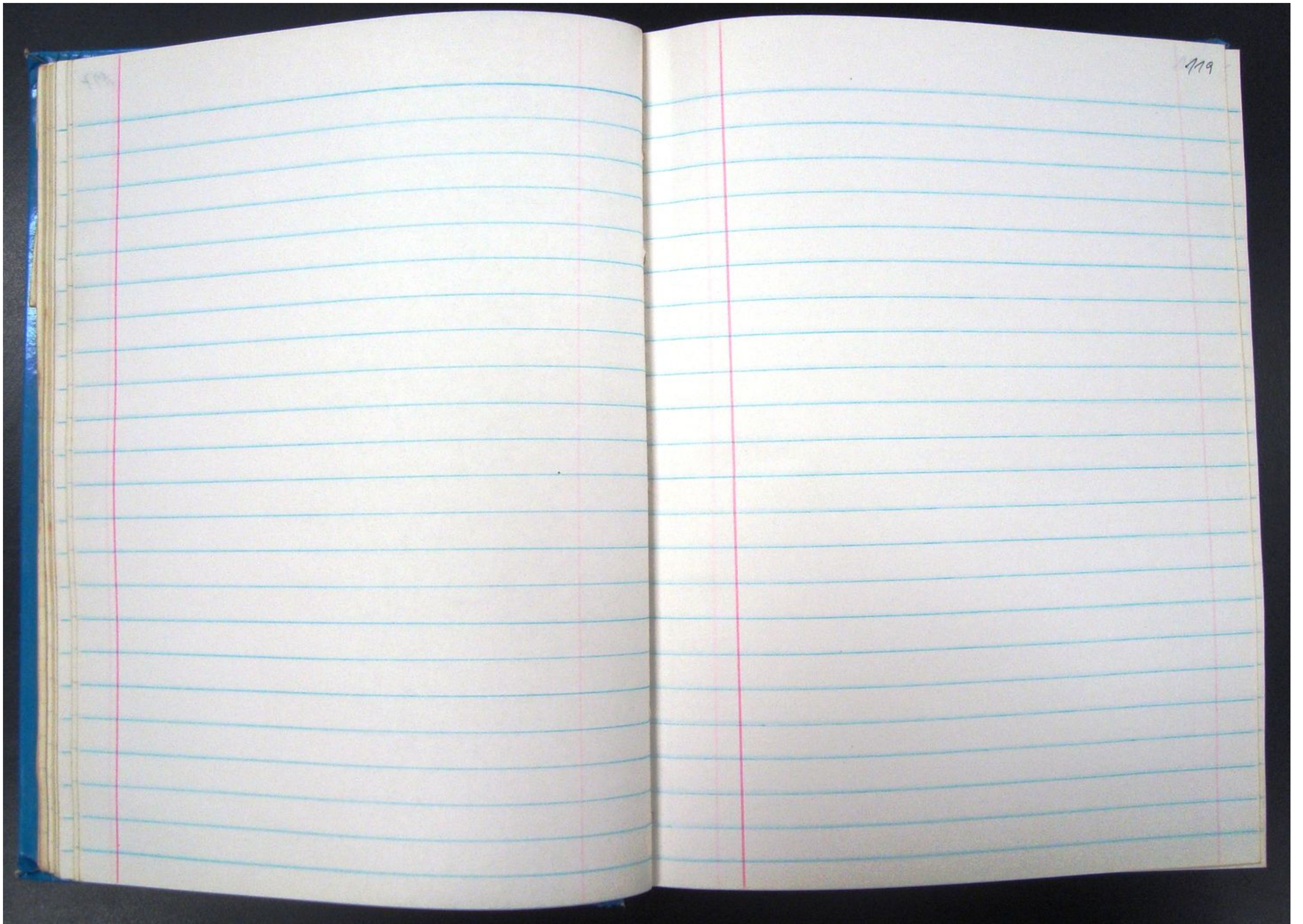


113



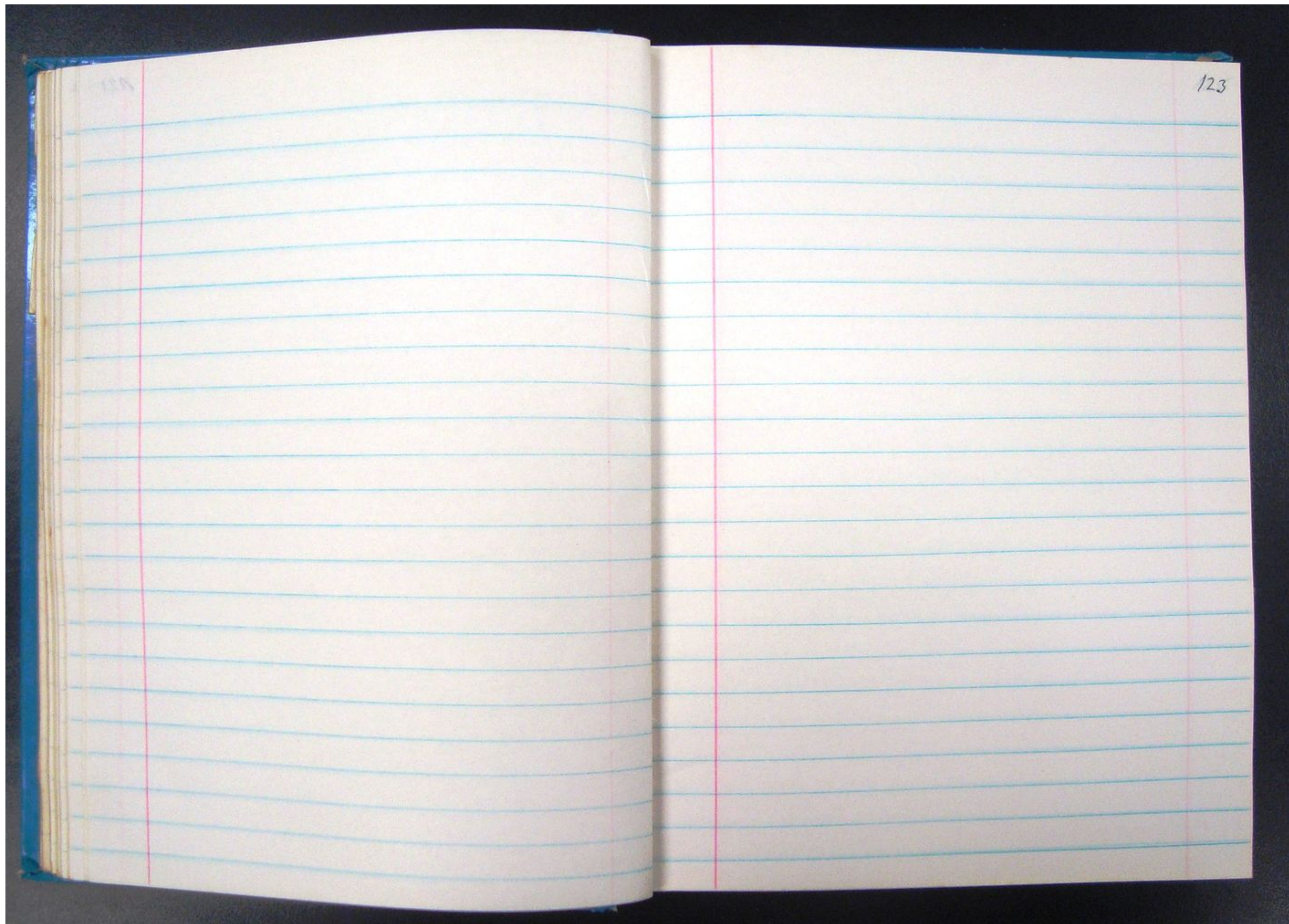


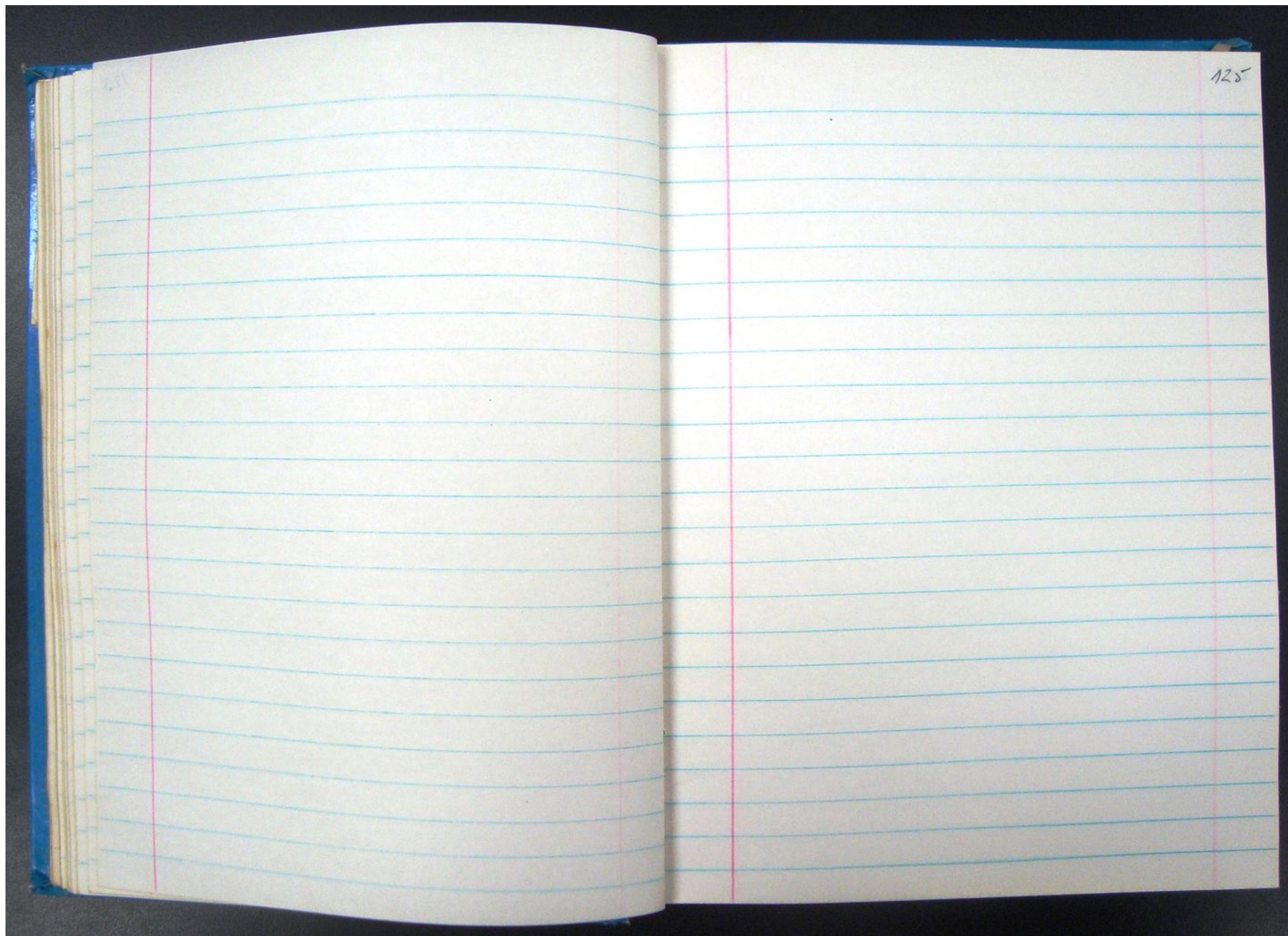
177



119

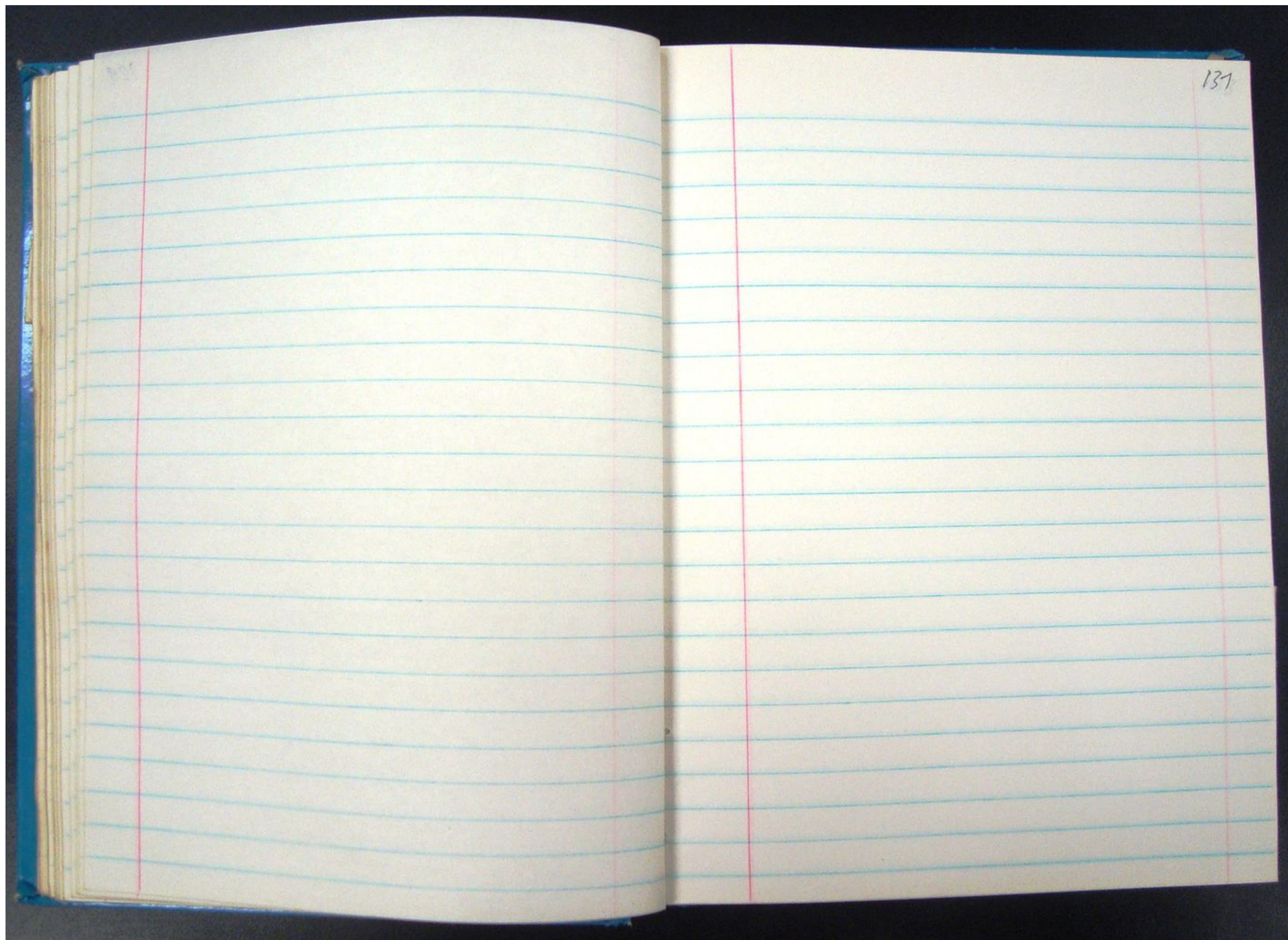
121

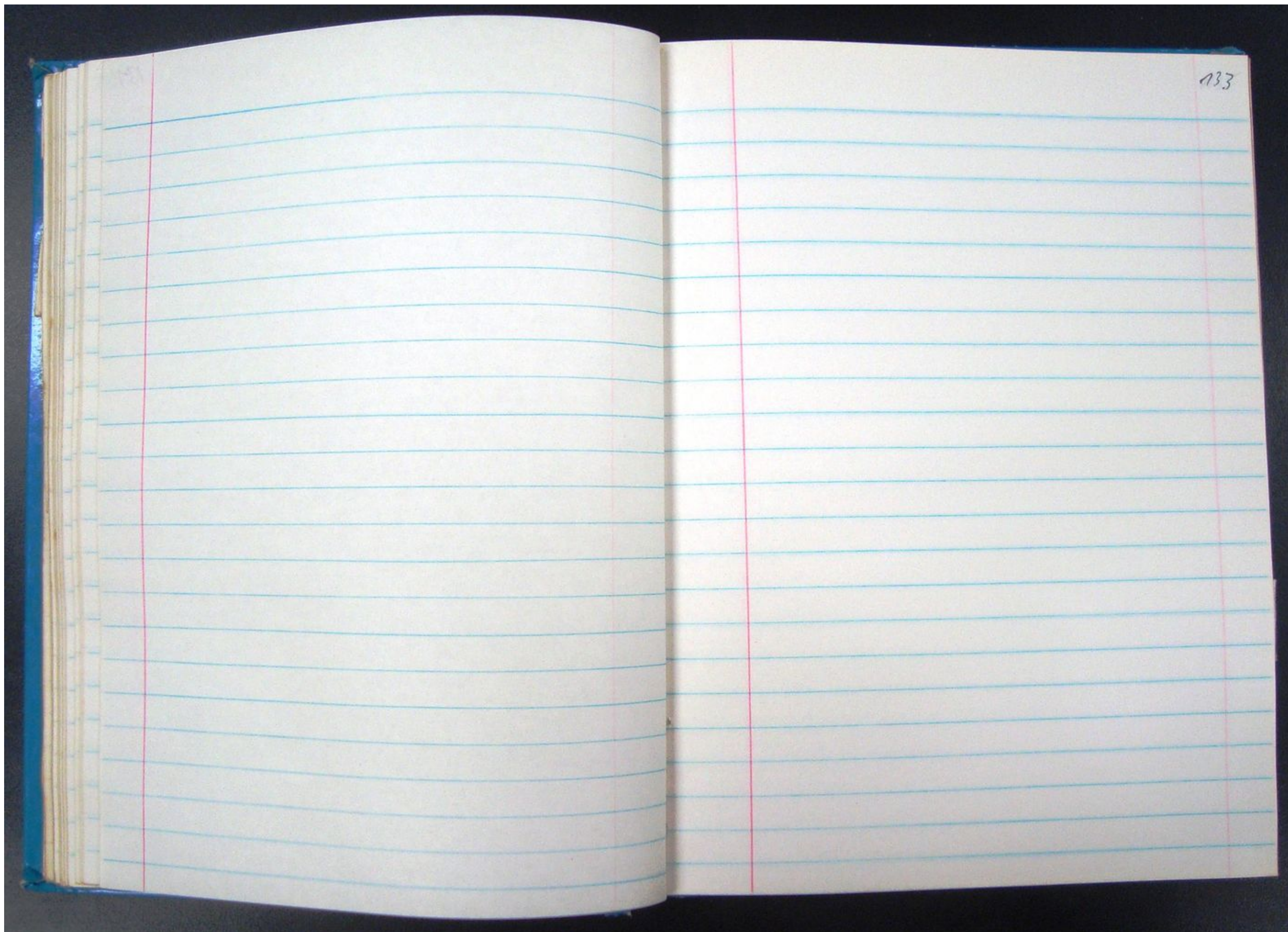


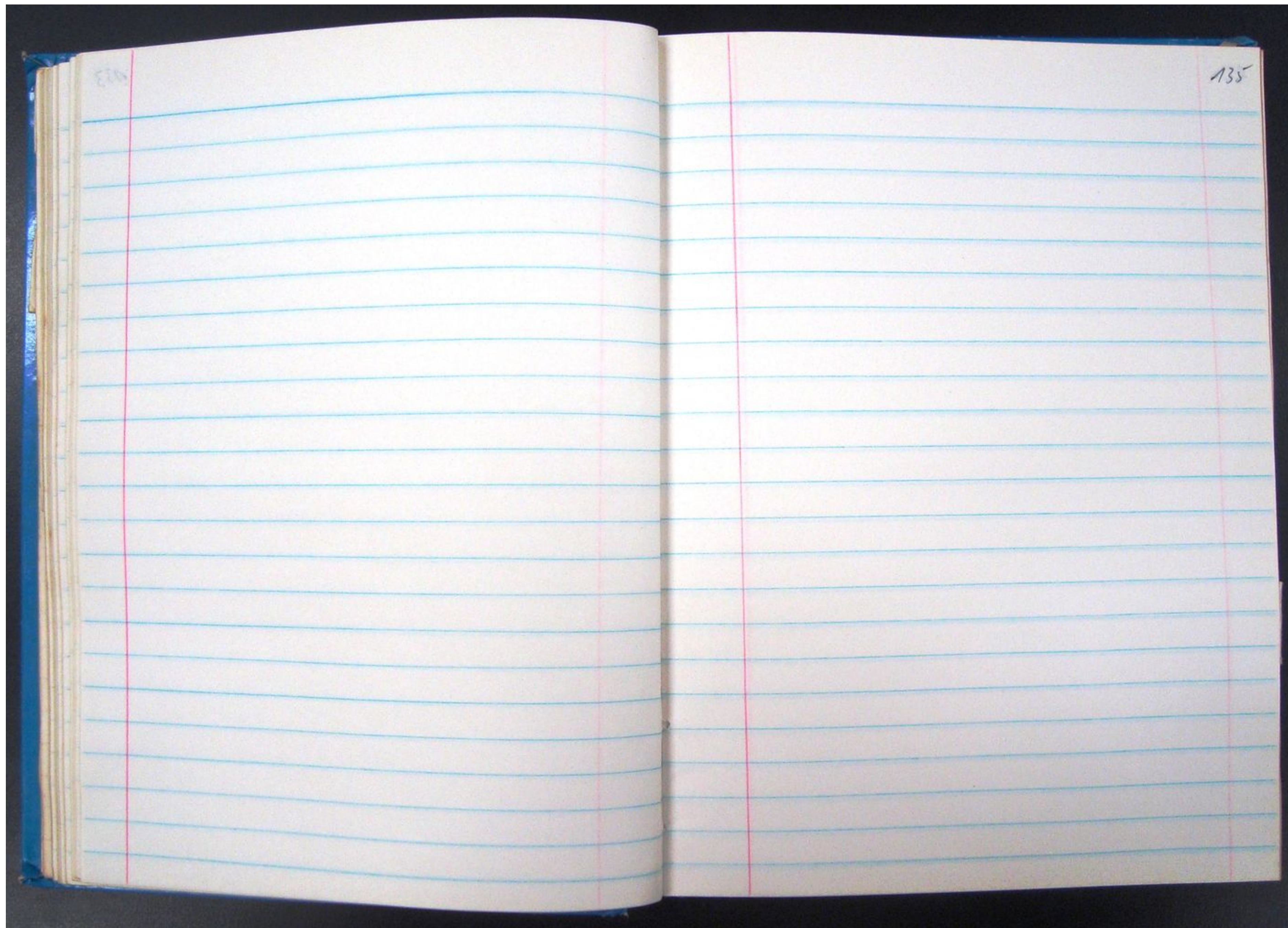


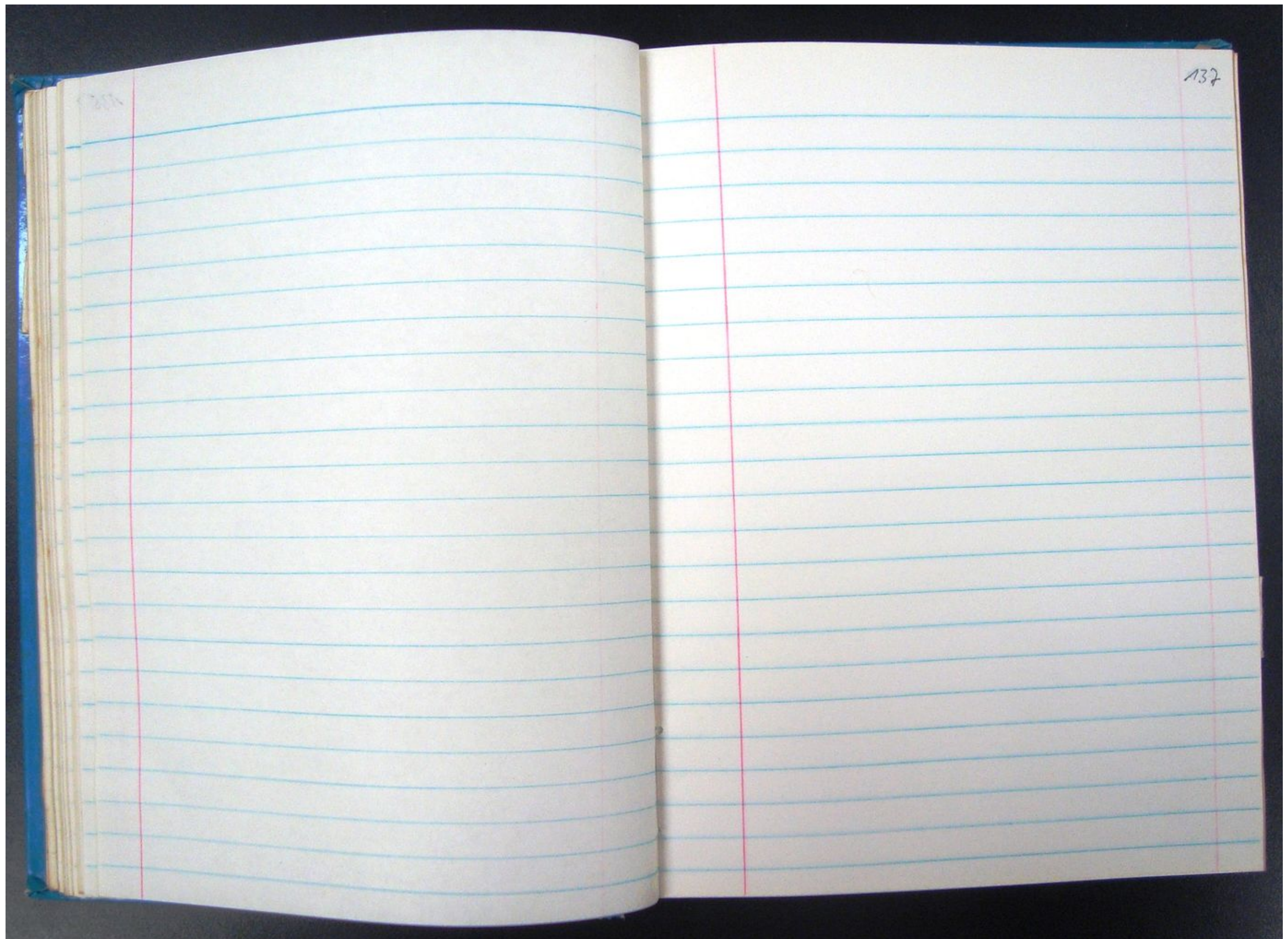
128

129

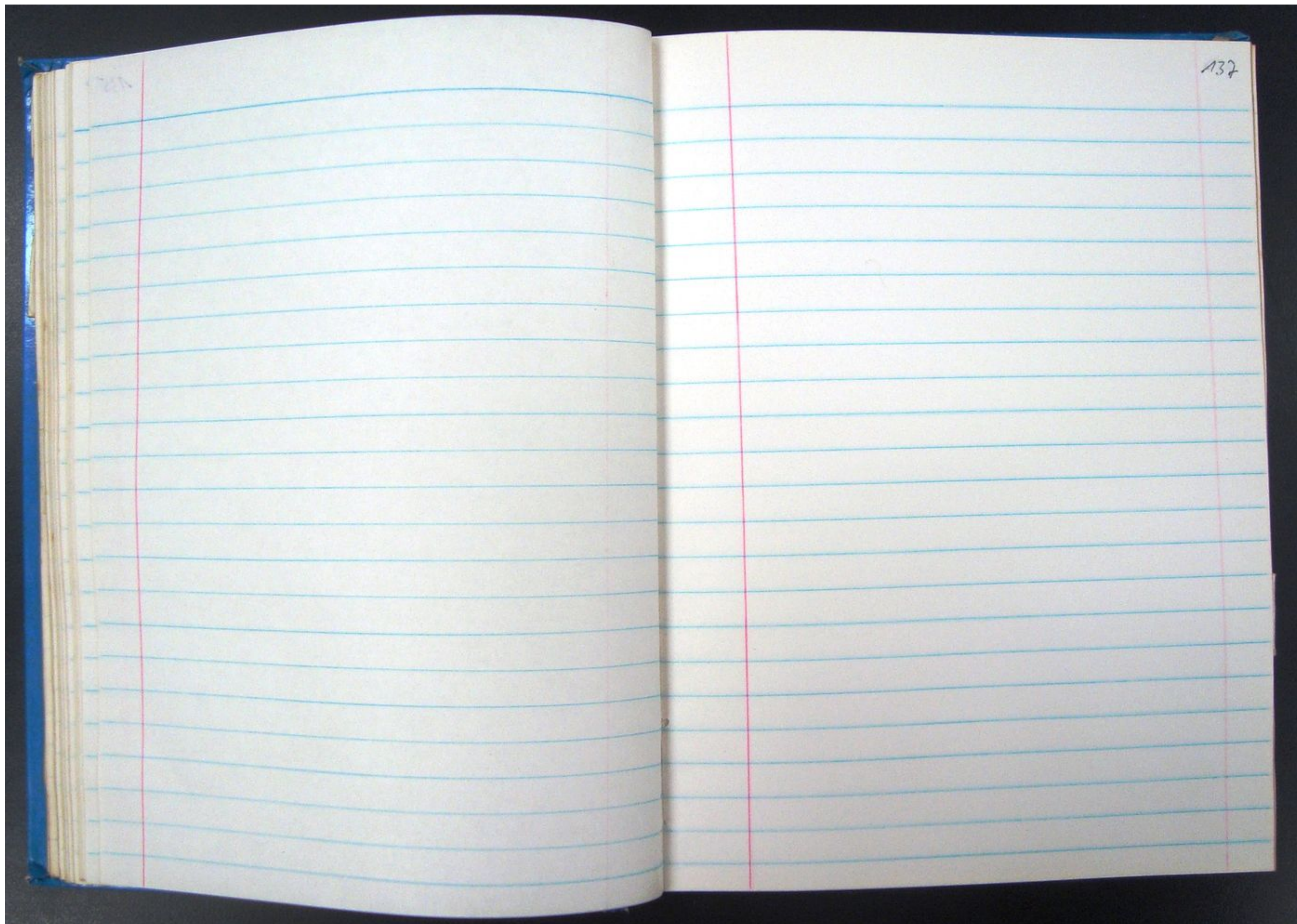






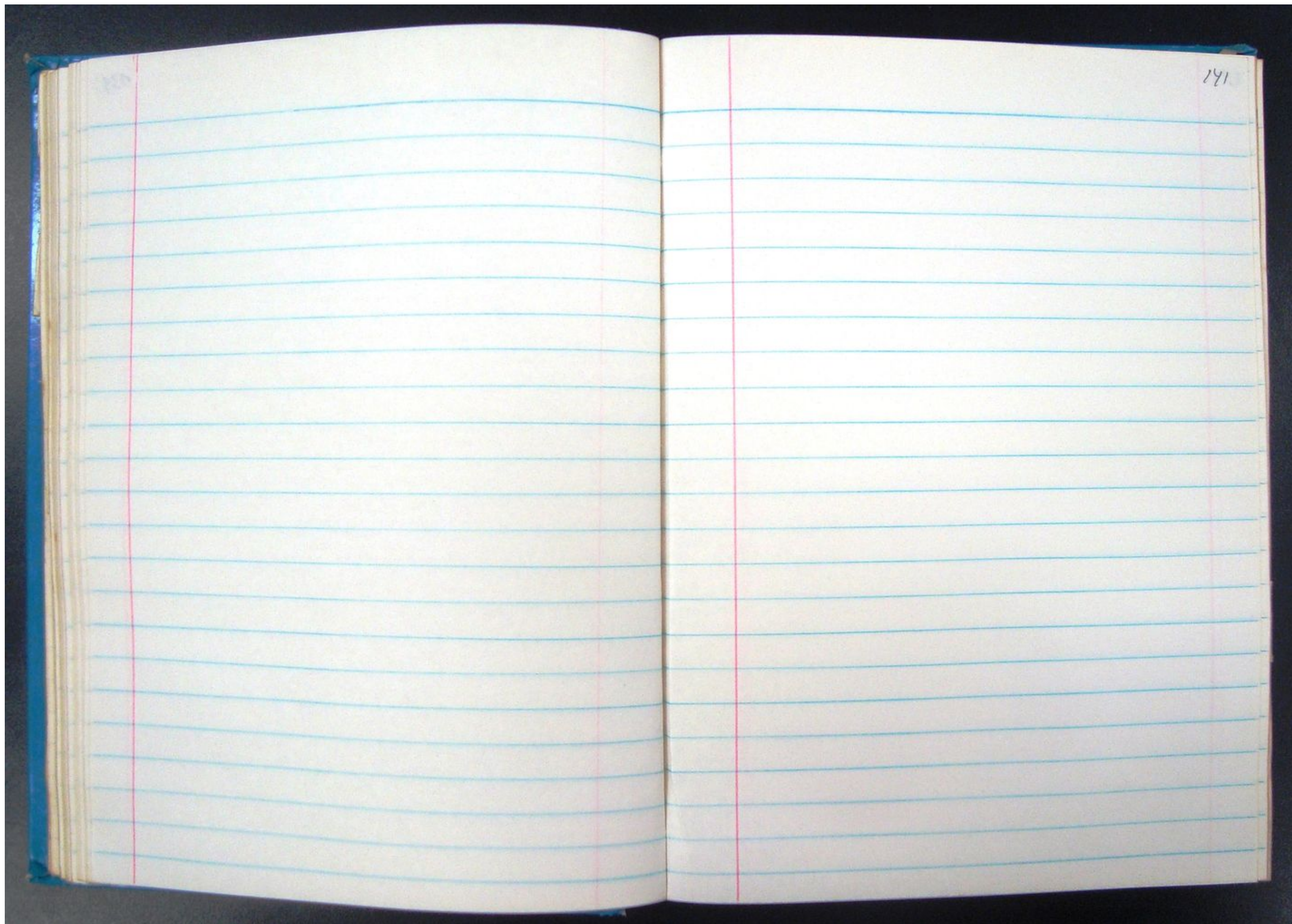


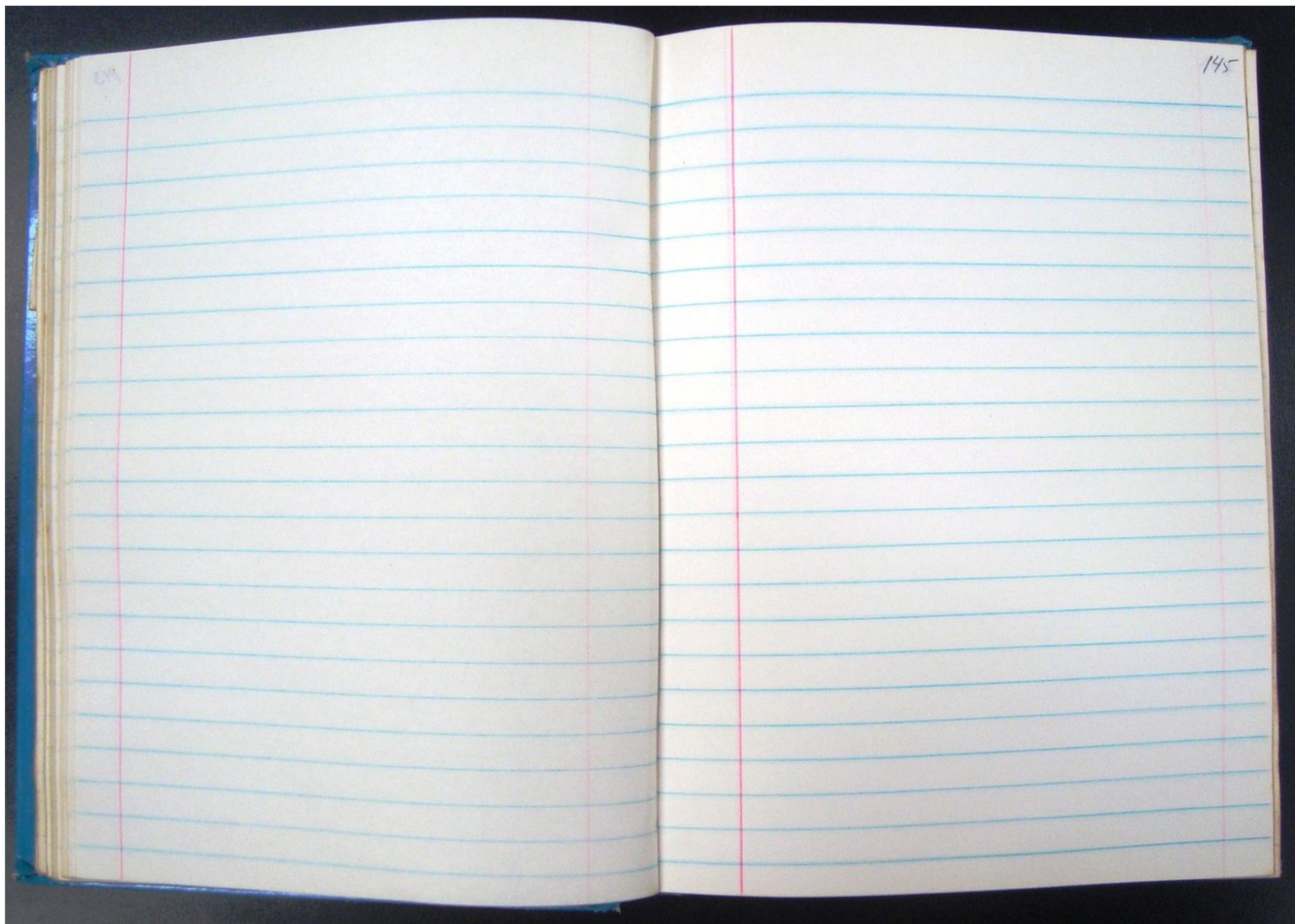
137



132

139





COMENTÁRIOS

A Memória das Fotos

COMENTÁRIOS

A Memória dos Fatos

COMENTÁRIOS

A Memória dos Fotos

1 Primeiros Anos - 1922-34

153

É natural que estes primeiros anos sejam cobertos por nebulosas, quando as lembranças aparecem ora puras - de minha própria recordação; ora adulteradas, talvez, por informações de outras pessoas.

Vou tentar crimi- me às naturais, às espontâneas, que me ficaram na memória pelas razões mais óbvias ou peculiares, geralmente puras os casos onde convivi com a família. Por isto, não entram recordações de casa onde nasci, mas bela chula' rosa com lambrequins ao longo do telhado que a conheci já adulta, antes de ser demolida na década de 80. Talvez daí eu tenha saído para acompanhar minha mãe doente de paralisia ali Porto Alegre. Fomos de navio. "Da viagem ficou a lembrança do sabonete líquido vermelho que eu nunca tinha visto e nunca es- cada em caracol por onde eu suspi- rava pessoas que liam na sala de estar". (N 2). Imagino ser esta a lembrança

mais remota, anterior à morte de minha mãe. Quando a cases, lembro-me de uma na então Rua Nova, de Pen Dica, pagu tive uma doença nos olhos - chamava-se "dor-d'olhos" - que a gente se acordava com os olhos fechados pela compunhite, sem nada ver ante de lavá-lo com água normal. Na mesma casa, lembro-me ter tomada uma estreita vintura fechada a cavalo, chamada curviala, que as pessoas sentavam num quadrado, ficando frente a frente. [Na outra casa, onde minha mãe morreu, a oficina de alfaiate de meu pai ficava na frente, de lado para a rua principal, sem calçamento e polvilho branca entrando pelas portas e janelas. Minha mãe chamava filhos por filhos para se despedir. Não via saída do entomo. Lembro-me que Ester, já casada, veio ali numa casa e teve um ataque de nervos, sentada ^{numa cadeira} no meio da sala, chorando e gritando. Aí numa segunda casa teve uma experiência bastante

155
dolorosa, relatada no conto A Visita (N3). Por esse tempo meu pai bebia muito. Com a morte de Minervina, ficaram morando com ele Celeste, Cora, Ruth e eu. Ele trazia pessoas francas convenientes para almoçar em casa. Jayme, vindo do Rio Grande do Sul convidou-nos, decidindo trazer-nos a companhia de Roldolfo. Celeste e eu fomos morar com Ester, Cora e Ruth com Judith, também casada. O dia referido no conto teve um resultado positivo: meu pai deixou de beber, por proposta de Celeste que ia todos os dias fazer comida e arrumar a casa onde meu pai vivia sozinho: "se o senhor deixar de beber, nós todos vamos para casa". E assim foi feito. Desse período em que moramos com Ester e eu lembro-me de "Pracissas", transformada em conto (N4). A terceira casa de minha infância ficava também na rua principal, um pouco acima da anterior, quando

em frente da casa da tia Fidoca, de nome
Alfídia. Lá meu pai tinha também a
alfaiataria com duas portas abindo para
a frente, e ali com duas janelas para a
frente e porta de entrada lateral. Era de
madeira. Quando aí, cursei o pri-
mário no Grupo Escolar Cruz e Sousa
e entrei para o Curso Complementar,
saíndo em setembro de 1934 para
Povo Fundo.

Tenho muitas recordações desta
terceira casa de minha infância,
a última de Trigueiras. Definitivo, aí
cheguei aos 11 anos. Mas há duas
coisas que marcaram bem a pequena
casa com pardini ao lado, uma grande
bergamoteira que carregava de frutos
ao tempo certo e um barranco ao
fundo. Uma das recordações, cuja
ora não posso precisar, talvez seja o
primeiro nível sexual em minha
vida. Passou-se entre mim e um vizin-
ho também criança. O capitão

457
juvenis de Balthus Pagano, sob o
título de "O Navio Imaginário", con-
tente de Histórias de Dona Maridito (192),
relata o caso, talvez "literariamente".

O outro fato foi ver passar pela
rua, em frente à casa em uma janela
em um encontro, o casamento de
meu pai com Maria Izabela Di-
mat. Era seu terceiro casamento,
já tinha feito três filhos (uma
filha do primeiro matrimônio) e
ainda faria mais dois com Maria:
Ogi e Estela. Lembrou-me de ver-lo
tudo preso, de roupa completa e
gravata, 57 anos, Maria de vir,
muito bonita, 21 anos, ambos
felizes num carro de noivos, parado
e dos cavalos.

Meu cabelo era longo, tinha-
los egiptos e me chamavam de D. Mat.
Usava franjas e era muito bonita e
marxista. Além disso, minha segunda
mãe, extremamente católica e pre-

concentrada, vivia em uma pequena mi-
ma peninse, cheio de cuidados e carinho
por todos os lados. Tudo era cuidado e en-
tinha verdadeiro medo de inferno, ven-
tando pela estampa mostrada na ri-
gida, durante as aulas de catecismo, quando
fiz a primeira comunhão.

Em brincadeira com Ruth, de uns
anos de que eu, e outros amigos. Para
com Ruth pelos metros é procura de minh
de passarinho para rabinhos e orinheiros.
Depois quando a resguinha ^{em} de cada es-
tendida, amparamos clara e clara que co-
míamos com seccas e farinha de mandi-
oca. Os carcos viviam boia de Natal
para nosso peba airon metolona.

E vivamos muito felizes. A alperitania
de meu pai vivia pouco, a esposa de
segunda mãe era grande e lembra que muito
os amamos café preto e pão puro
por falta de dinheiro para mantença
e leite.

Usos e costumes repetidos ao fazer e

primeira comunhão, com cerca de dez anos.
Para a solenidade ganhava roupa
nova: calça curta de flanela bege,
uma camisa de tricolores branca com
pola arredondada e paletó azul-ma-
rinho de resenha.

James's remarks on the
Bar or Columbus
notes: only one to think
was given to the
for the whole of the
with the same

2 Passo Fundo - 1934-40

A viagem Trípica - Passo Fundo era uma aventura inacreditável hoje em dia. De ônibus, eu chorando sem parar por ter sido afastado praticamente à força de minhas irmãs Cileste, Corei Ruth, seguindo inicialmente a Blumenau, ao norte de Trípica, quando P. Fundo fica ao sul, no oeste paracho. De Blumenau, ainda de ônibus, mas para o norte até Jaraguá do Sul; daí, por ferro, rumo em direção oeste, até Porto União; aí começamos a descer para o sul, pela Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. Foram 4 ou 5 dias de viagem, mas my lembro mais, só lembro o rio do Peixe nos acompanhando noite e dia.

Em Passo Fundo, o dia 20 de setembro era feriado, um comemoração à Revolução Farroupilha. Jayme levou-me à loja que ficava na Praça Marshal

Fleuvão, lado de rua Moron, com uma grande varalúria à esquerda cheia de panelas com o material elétrico que eu ia vender, um balcão para os frequentes e, na parte direita, espelhos e vidros, estufas e outras coisas que faziam o interior da "Casa Rádio".

Na parte dos fundos havia um quarto que eu dividia com um sobrinho mais velho do que eu sete anos: chegou com 11 anos logo 12 em dezembro; ele tinha 18. Ele via de noite para passar a manhã e em noite de muito trabalho quarto cujo barbeiro ficava ao fundo do terreno, depois de um corredor, tudo ao longo de um corredor uma cerca de taboas, no final em espina um salão com um pinto grande preto e branco. Passado esse detalhe, escrevi o conto "A Chave" (N.º 6).

Na escurecida desse quarto, aquela primeira sensação sexual mal definida da em Tiquia, com um vizinho

165
também criança, (N.º 2), via expandir-se, revelar-se, completar-se e desorientar-se para o resto da vida, através do solinho de 18 anos. Alguns anos depois, com um primo de minha idade que foi estudar em Porto Fundo, prosseguiu esse exercício de hipocrisia que ocupava as noites, pois dormíamos lado a lado no mesmo quarto, mas não era abordado durante o dia.

Como em Tiquia, também em Porto Fundo a memória longe tempo dividida por 3 meados. A primeira, já descrita e em 1935, com o casamento de Jayme com Eulina e vida de entre familiares, mudamos para o outro lado da praça, rua Im. dependência. Como minha notas em Givão eram sempre excelentes e eu estava sempre entre os primeiros colocados, ganhei uma bicicleta. Com ela e como cobrador de loja percorria a cidade em todos os caminhos e dire-

cê, fazendo uma planta, uma por uma,
por minha mecânica costurada e transcri-
ta na planta, baseada numa carta
aísa de cidade publicada no jornal.
Como Jayme não portava de um var
parado, um caso, parava e tando pe-
delante à procura dos denodores,
com as eternas promessas de volta
amanchi ou no fim do mês ou
outro dia...

De minha natureza militante quando
uma lembrança que mostra meu
puritanismo. Fiquei chocado, escan-
dalizado quando o pulcra não man-
chando pela Princesa Brasil, em dire-
ção à praça para o hasteamento da
bandeira do Pargento Comandante
(Fiquei, e me me enganei) disse para
um colega parado na calçada:
"Vamos botar a mão no jar".

Por um tempo de Porto Alegre
também comeci a ler muito,
principalmente romances de aven-

167
turas, tipo Targem, e livros de Karl May
e Edgar Rice Burroughs. Como eu
me saíva muito bem em francês,
e irmãos Casemiro, que era francês,
em prestou-me "Le Parait à la
main Blanche", não sei se que
autor. Mas me lembro de chepei e
entender grande coisa.

E em 1940, em uma das vi-
agens de Jayme a Porto Alegre, como
reportista que era foi ao jantar
da ~~Clube~~ sociedade no Clube Co-
muniat e sentou-se ao lado do
Cel. Comandante da EPC (Escola Polí-
técnica e Militar). Estava sabendo meu
destino. Jayme interviu-me de distin-
ções de exame de admissão, passou-
me tudo, estudei, passei nos exa-
mes e, sem choro algum, segui
para Porto Alegre com 18 anos
completos.

Deixei para a frente, pelo menos
até 1976, estes comentários sem me-

mas, a mais por quem eu cloro entre fatos
para quem minha coisa faz conta de "da"
Curo Per". (isto seria para o Com. 3)

3 Formação Militar — 1941-46

Este período de minha vida foi de abertura, esclarecimento de ideias, conhecimentos literários e pessoais de grande importância para minha auto-eficiência. A mudança de um meio estruturado como o de São Paulo, sob o domínio das exigências da Jayme, fez-me considerar um meio bem mais flexível do que em casa.

Quase toda a história desse período encontra-se registrada em Di-Corre-Pa (N1), pág. 21 a 24. No entanto, vale dizer que minha relação com a artista Hilda Felty, em 1942, significando, por um lado, a realização sexual completa, no sentido que se considera normal, e por outro meu futuro encaminhamento ao estudo das artes plásticas, é um fato definitivo. O outro foi o conhecimento com o artista plástico S. Castello Branco, tanto no encaminhamento

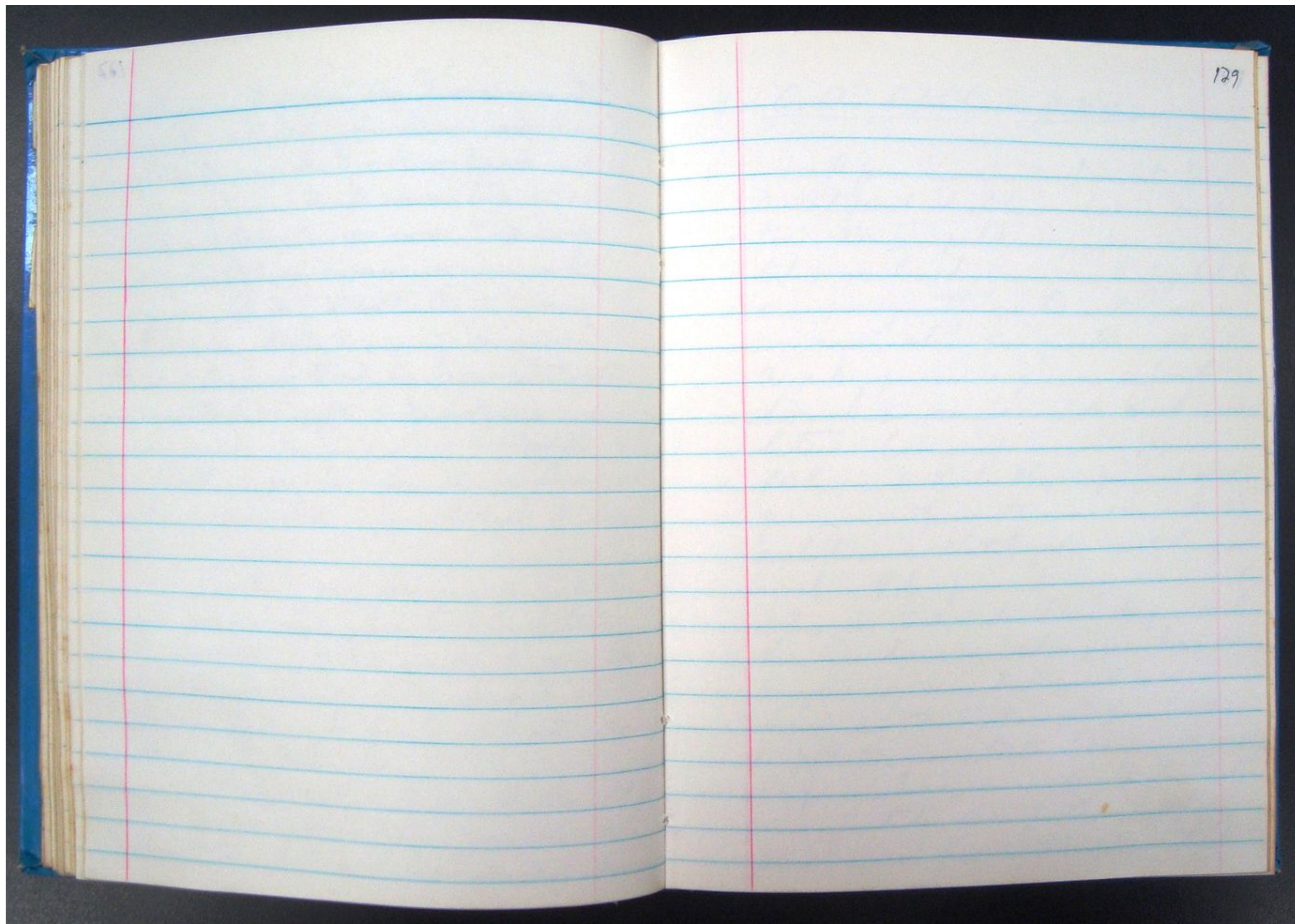
de um lado artístico (como escritor e crítico de arte), como no sentido da liberdade sexual. Devo a ele o conhecimento de muitos artistas e intelectuais ~~carica~~ nos anos 46/47 e depois, inclusive meu conhecimento com Dalton Trevisan, Eneida, etc.

Vale destacar, no período, a intensa correspondência que mantive com minhas irmãs, principalmente Celeste, com Ruth, o que deu ter desenvolvido minha capacidade e facilidade de escrever.

Também, nos três anos de Porto Alegre, preparei um levantamento histórico da família (N.S.), mediante consulta aos meus velhos (Ester, Fredith, etc), que me tem sido muito útil até meus dias para este trabalho.

Principalmente com Osvaldo Negreiros, havia um grupo pequeno mas bastante fiel à literatura e às ar-

tes em geral, que servia de incentivo e muitas futuras literárias. Em escrivão conto, mantinha um diário que se perder mas tinha a chegueira a guardar um conto "O Vazem" para um concurso instituído pelo jornal "O Manhã", de Rio, sendo recusado porque "tinha muitos contos oitavos em mãos". O que não persistiu ao confronto. O que me deixou contente.



O primeiro ano de oficialato foi o mais difícil de toda a carreira militar. Não por problemas profissionais, todos resolvidos com certa facilidade, mas por questões sentimentais, ou, mais ou menos, por questões sociais. A auto-repressão a que me submeti durante os seis anos de escola militar (com apenas um pequeno deslize em Porto Alegre que me obrigou a comprometer-me - ver nota 8), explodiu em Natal sem controle possível. Pela primeira vez em minha vida, eu tinha dinheiro disponível. Para se ter uma ideia: recebi 3.000, eu próprio; mandava mil para os irmãos em Paul; repasse quinhentos de pensão completa (cama e comida), e o que sobrava, mais da metade, era para montada em festas e cabarets, prêmios nos praias, passeios, todos

regado a minha bebida. Tive um compa-
nheiro para tudo isto, com parêntesis tanto
do quartel quanto do pessoal, muitos es-
coteiros e mocas de cidade. O Compa-
nheiro, que chamavam Ca. queria a dona
do pessoal, mas Dm. me preferia; Ca.
queria Dz. mas ela me preferia. Houve
até, na praça de Ponta Negra, um
batalhão curioso:

Ca. - Querias que tu postasses de mim
como postas de Lous.

Dz. - Querias que o Lous postasse de
mim como postas de ti.

Ela perubem tudo e, de noite,
ambos embriagados, eu e Ca.
nos dissolvíamos na liquidez absoluta,
que, aliás, durou pouco. Ca., no dia
seguinte, reagiu, mas recombinava
e amecava da parte no quartel.
(Estreito que minha escuridão finica com
Dz e o gozo com Dm mais me levavam
a deixar Ca.)

No dia em que Ca. participava

o que se passava no quartel do pessoal da rua
Professor Faria, minha vida virou um
inferno. O Comandante impediu a abertu-
ra de inquérito e mandou-me conse-
guir transferência; tive que sair do pen-
sal e ir morar num quarto do quartel;
no refectório dos oficiais havia uma
pequena mesa onde eu me sentava
sozinho, separado da mesa comum ao
centro; todos os oficiais me chamam "jê",
menos o Primeiro-Tenente Chinês
que, como excedente da Companhia
onde eu estava, precisava falar com
eu dar ordens e sustinê-lo.

Ante de mim havia perito em Na-
tal um Despartamento de Recrutamento que, por
ser harmonizante, suicidava-se com um
tipo de reboler no cabelo, em jaleco
Grande Ponto (o centro de Natal). Havia
no 16º R) um certo Cap. Ulisses que
dizia para eu ouvir: "Por que está
você foge a qual ao centro?" E o
Cap. Resumido, quando eu precisava

resolver problemas financeiros, man-
dear o sangrento "atender este rapaz".

Não sei quanto tempo durou esta
humilhação. Foi que em dezembro fui
ao Rio em férias, consegui licença,
fiquei por lá até 11 de janeiro. Ao
voltar, fui inspecionar tropas de guerra
no interior do Rio Grande do Norte
(Mourão, Macau, Duim Branco) e
a 30 de abril de 48 fui excluído do RI
com transferência para o 9.º B.C., em
Caseros de Paul.

Depois este drama que marcou mi-
nha vida de uma maneira tal que, se
afora, aos 69 anos, tenho coragem de dizer
visto, Natal abriu-me o campo liter-
ário por meio de muitos amigos no
meio civil, já que o militar me era
cuidado. Dentreos Pinto de Medeiros (que no
futuro seria meu vizinho em Copacabana),
Leandro Pinto, Vitoriano de Alencar (que me
apresentou a Câmara Casaca), o escri-
ta da desmilitar da Navarro, e alguns

dos militares fatigados que me des-
mararam formal a vida em Natal,
frangendo as penas para mim
o que eu escrevia.

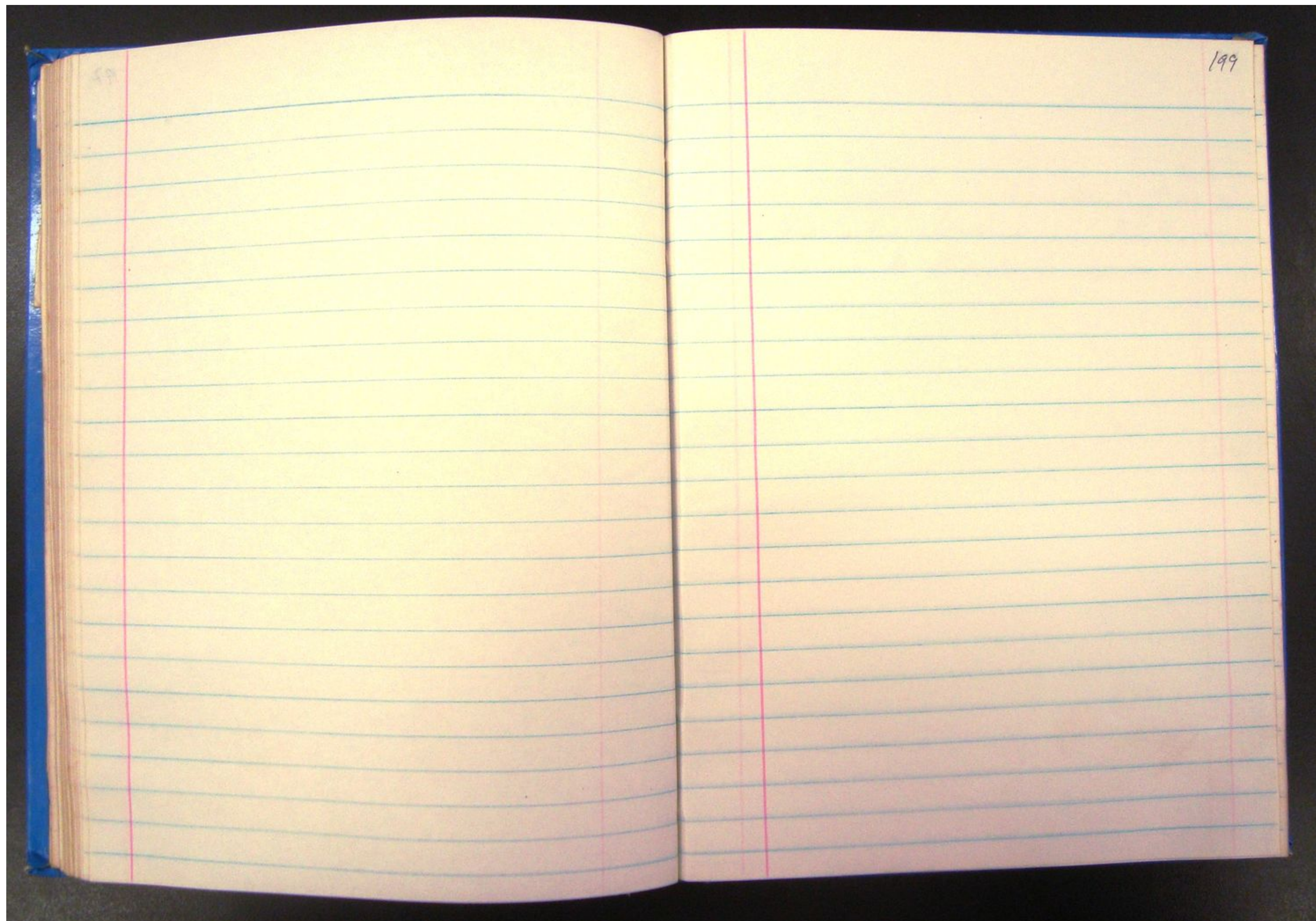
Estes dados aqui relatados podem
ser acrescentados ao Cap. 4 (Rio Grande
Norte - Sul) do "Dr. Com. Pen".

the white paper
was found to be
fragrant and
very smooth
It is also very
soft and
light in weight

197

194

195



199

6 Rebelião em Minas - 1952-53

O problema acontecido em Minas de Fora
que aconteceu minha transcrição para
o Rio está chorado em detalhes nos
cadernos de diário da época.

204

22-5-88 - 1995-23 Polilla en Hina

O problema surgiu em 1988
que aumentou muito a população
a pois está chegando em 1995
colunas de Hina de 1995.

205

207

7 Rio Liberal - 1954-57

Nesse período eu fui liberando uma série de dificuldades, na tentativa de me afirmar como ser humano, como ser humano, a despeito da grande dispersão sexual em relação, principalmente, ao meio militar. O Rio, como cidade maior e liberal da década de 50 (e na volta de Coimbra também na década de 60, principalmente até a metade de 64), permitia minha expansão intelectual, meu relacionamento no meio civil, enfim, minha maneira de ser eu mesmo.

De vir de Fuz de Fora, passei um tempo com a Ruth que morava muito mal num quarto de Rua Desvies, em Copacabana, depois fui morar com o Cap. Liberato num pequeno apartamento do posto 5, Av. Copacabana 1, mais tarde, com Ruth no ap. 1003 de Barata Ribeiro 435. Daí,

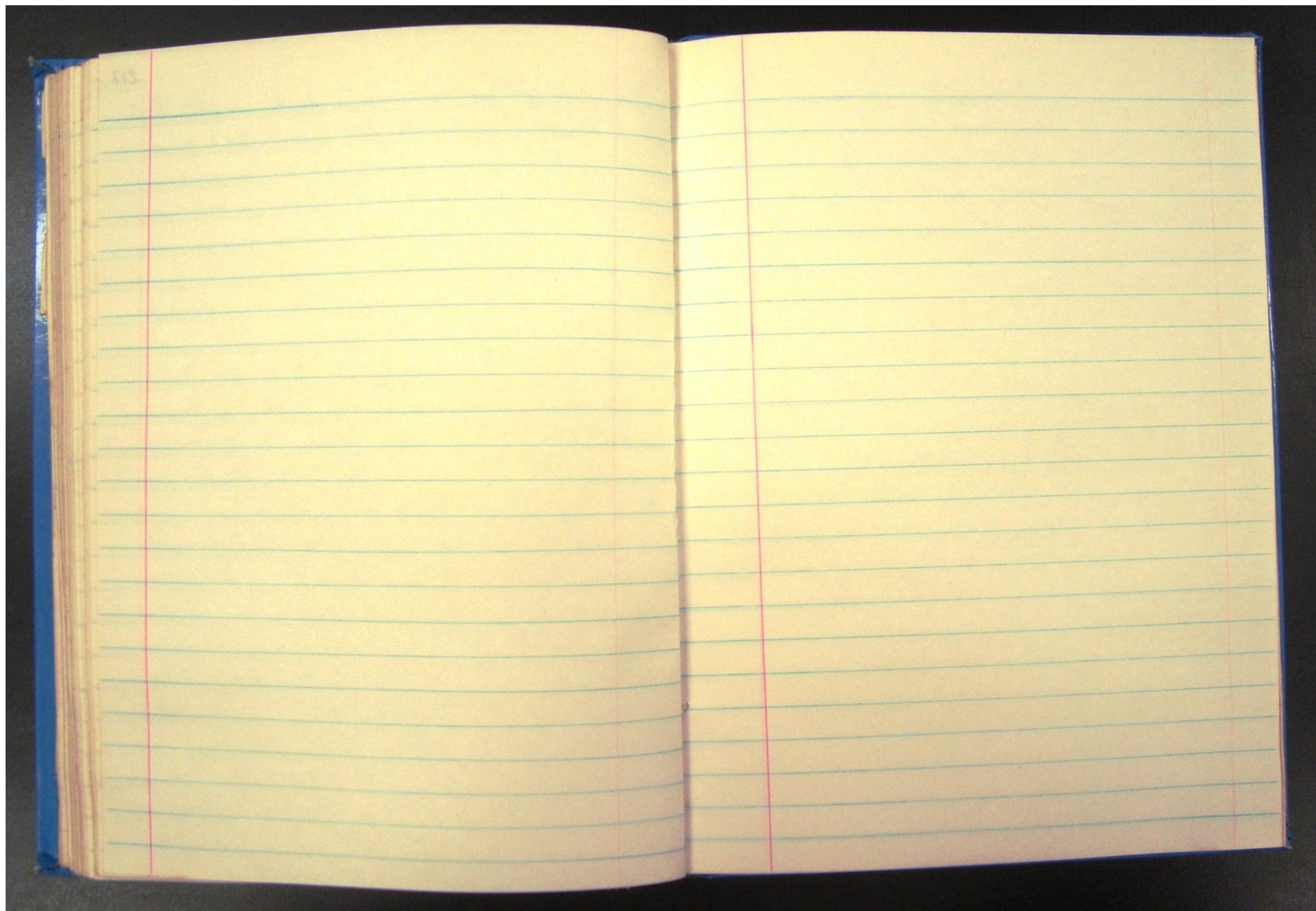
Ruth também se para o Rua Galvão Ul-
rich, que depois Villa Rica era um
pauco e se ficou no; finalmente,
no 435 ap 1003, com toda a certeza
lançava em liberdade.

O curso de aperfeiçoamento, obri-
gatório, em terra de Bibliotecas e um por
para Coimbra, no Mato Grosso. Men-
intense pelo Exército, apesar de con-
certo positivo que me disseram, pode ser
avaliado por este dado: foi o 101-º lu-
gar entre 103 alunos.

"Concerto sintético: Em Belém
Reservado de 28 Fev 58, foi emitido o
seguinte: - Capitão HARRY L DOS - Ofi-
cial muito ensinado, muito pontual, disai-
plinado, educado, inteligência viva,
tem senso de julgamento, espírito de
deuses e iniciativa. Recreio bem
e exprime suas ideias igualmente
com desembarques. Possui boa ca-
pacidade profissional e interesse pelo Curso,
estando em condições para o desempenho

215
das funções de Comandante ou Oficial de
Estado Maior de RI ou de RI".

207
the future of the community
State of New York
18



1958-59

The first of these is the
 fact that the "B. C. C."
 is a very old and well
 known organization. It
 was founded in 1884 by
 the "B. C. C." and has
 since that time been
 a very important and
 influential organization.

8 - Combaí - 1958-59

O período misano passou em Combaí mesmo num volume especial do Diário, intitulado "Memórias da Princesa" que teve intenção de publicá-lo mas não conseguiu editar por causa do medo da ditadura instaurada em 1964. No livro "Os Papéis do Coronel" há bastante referência a esse tempo, bem como em "De Como Foi".

A parte do comportamento sexual nunca foi escrita.

8 - Cambridge - 1928-29

I should mention that in the
middle of summer we spent
a little while in the
"Presque" for the water supply.
It was not much better for
some time as the water in the
lake in 1928. The lake is still
"Presque" but the water is not
"Presque" but the water is not
"Presque" but the water is not
"Presque" but the water is not
"Presque" but the water is not

9 - Ademir às Dores - 1964

O título acima, tirado do livro de Hemingway, e também título do cap. 24 de "De Canto Per". Como cap. 23, "Dois Rudeiros", um relato de minha vida de escritor. Eu havia concluído o tempo necessário em março e, em vez de fazer transferência para a reserva imediatamente, fui ficando por dois dias em per-lão que. Foi então permitido a fazer o requerimento do próprio furo ("para não dizer depois que foi coagido") e fui para casa "de pipoca", como escrevem Janine Mammie no Conselho da Mulher.

A partir desse ponto, quando eu já era colunista de arte, a Cronica pôs um novo aspecto.

21/10/64
**Reformado
o Major J.B.
Harry Laus**

Brasília (Sucursal) — O Presidente da República assinou decretos, ontem, na Pasta da Guerra, reformando Harry Laus no posto de Major e nomeando o General Moacir Araújo Lopes para a chefia do Núcleo de Comando da Zona de Defesa Sul.

Pelo mesmo ato foram nomeados os Generais Mário Po-
pe de Figueiredo e José Pinhel-
ro de Ulhoa Cintra membros da
Comissão de Promoções de Ofi-
ciais.

**Carta
do
leitor**

22/10/64
J.B.

* O Major Harry Laus pede que se retifique notícia de que tenha sido reformado do Exército no posto de Major, conforme foi noticiado pelo JB do dia 21.

Diz que "a 28 de agosto entrou com um requerimento pedindo transferência para a reserva, pois tem 23 anos duros de serviço e duas licenças-prêmio não gozadas, o que perfazem os necessários 25 anos".

"Também não vou para casa como Major — concui — e sim como Tenente-Coronel porque tenho a chamada Lei da Praia".

Laus de pijama 22/10/64

O marechal Castelo Branco deferiu o pedido do major Harry Laus, colunista de arte do "Jornal do Brasil" e antigo colaborador desta coluna, para ser transferido para a Reserva no posto de tenente-coronel com todos os proventos a que tem direito. Por equívoco, o próprio jornal de Harry Laus noticiou que ele fôra "reformado", o que é algo completamente diferente. Por haver completado 25 anos de serviço militar (na verdade 21, pois os 4 restantes correspondem à dois períodos de licença-prêmio não usadas) Harry Laus vai simbolicamente vestir o seu pijama de listras com apenas 42 anos, com base e tranquilidade financeira para novas atividades e viagens pelo País e pelo mundo, sua grande meta futura.

Correio da Manhã

10 Impresso

233

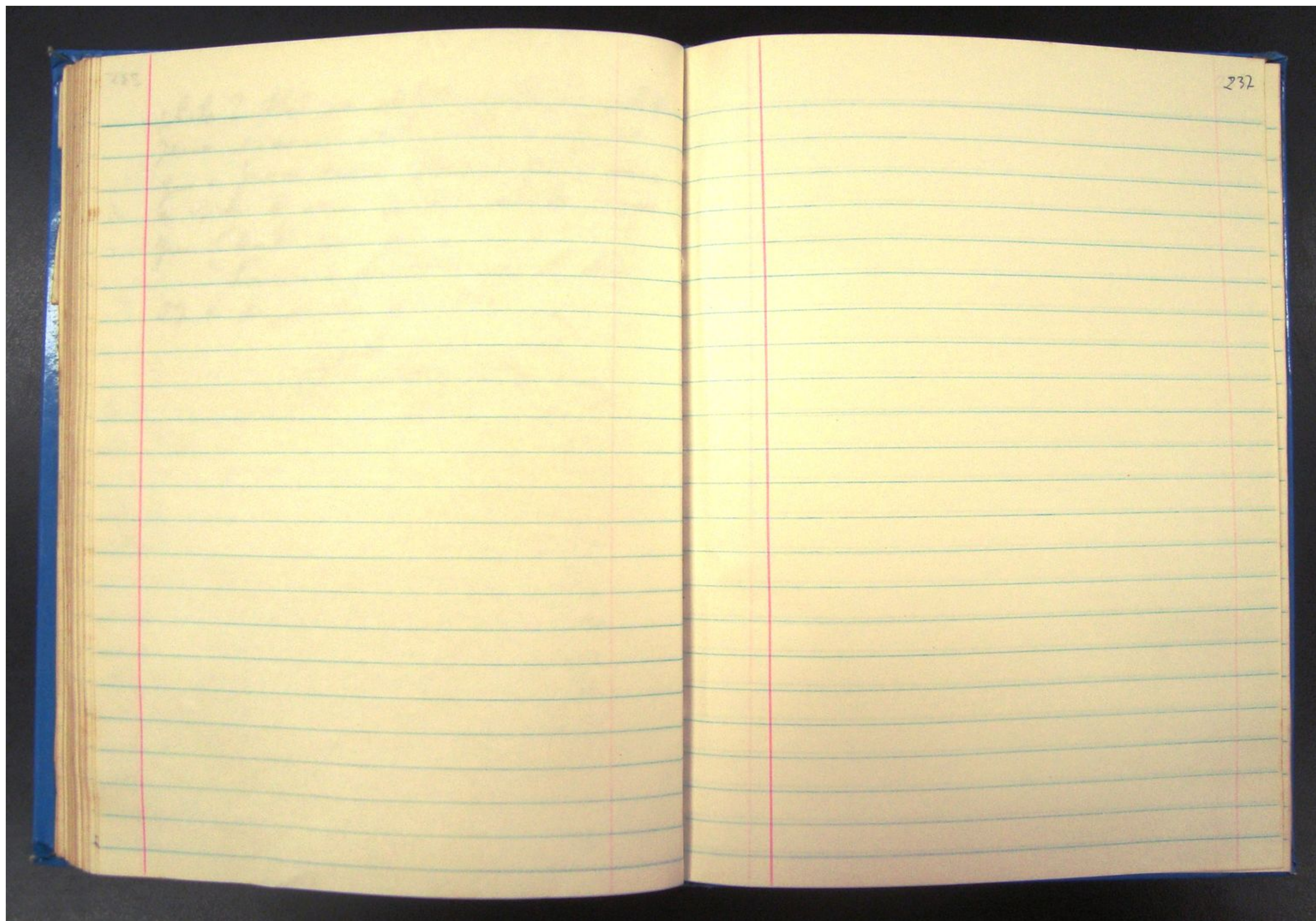
O três recortes ao lado estavam soltos dentro da pasta de Folhas de Alterações — minha vida militar — que foram muito úteis para o levantamento de datas e dados etc. 1964.

Todo o trabalho precedente, de 1922 a 1964, foi feito aqui em Porto Belo, onde vim passar Natal, Du-
More com Celeste e Ruth. Mas
pude trazer todas as minhas fontes
de consulta para levar o trabalho
isto e fim. Precisei também
de máquina de datilografia para
passar a limpo e melhorar a forma
da Cronologia que, a partir de 64,
poderei seguir em andamento.

Quanto aos Comentários,
surge-me uma grande dúvida: de
que serviria levantar o problema
sempre que, de resto, devesse incom-

plata? Mas sei efetuar muito na vida
fama mesmo sobre isto, e me per
que o fazer como ficas sobre
a vida de um futuro chefe, coisa
que Cartu sei faz,
Fica a divida neste dia
27 de dezembro de 1997.

Harry Ken

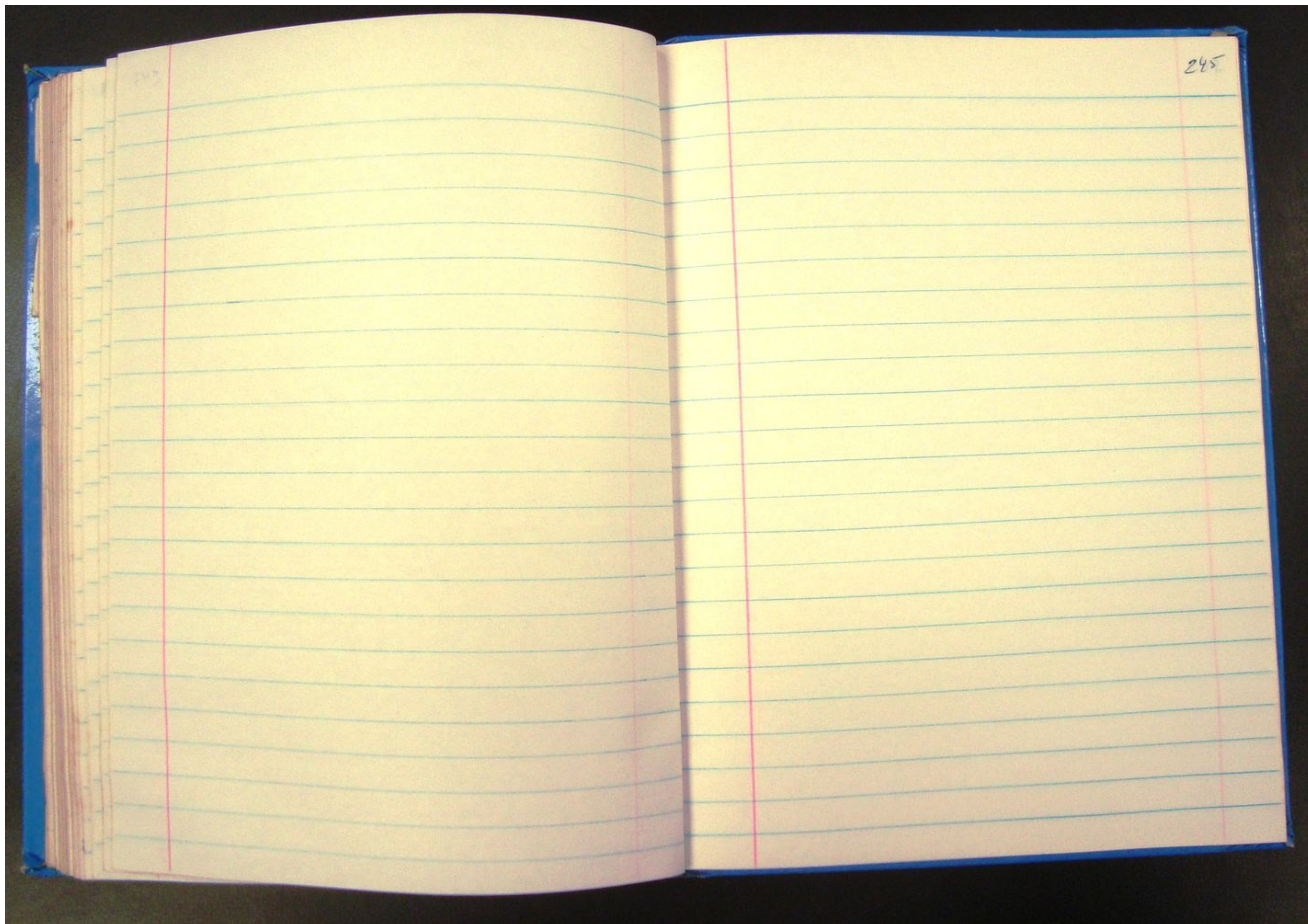


239

240

241

243



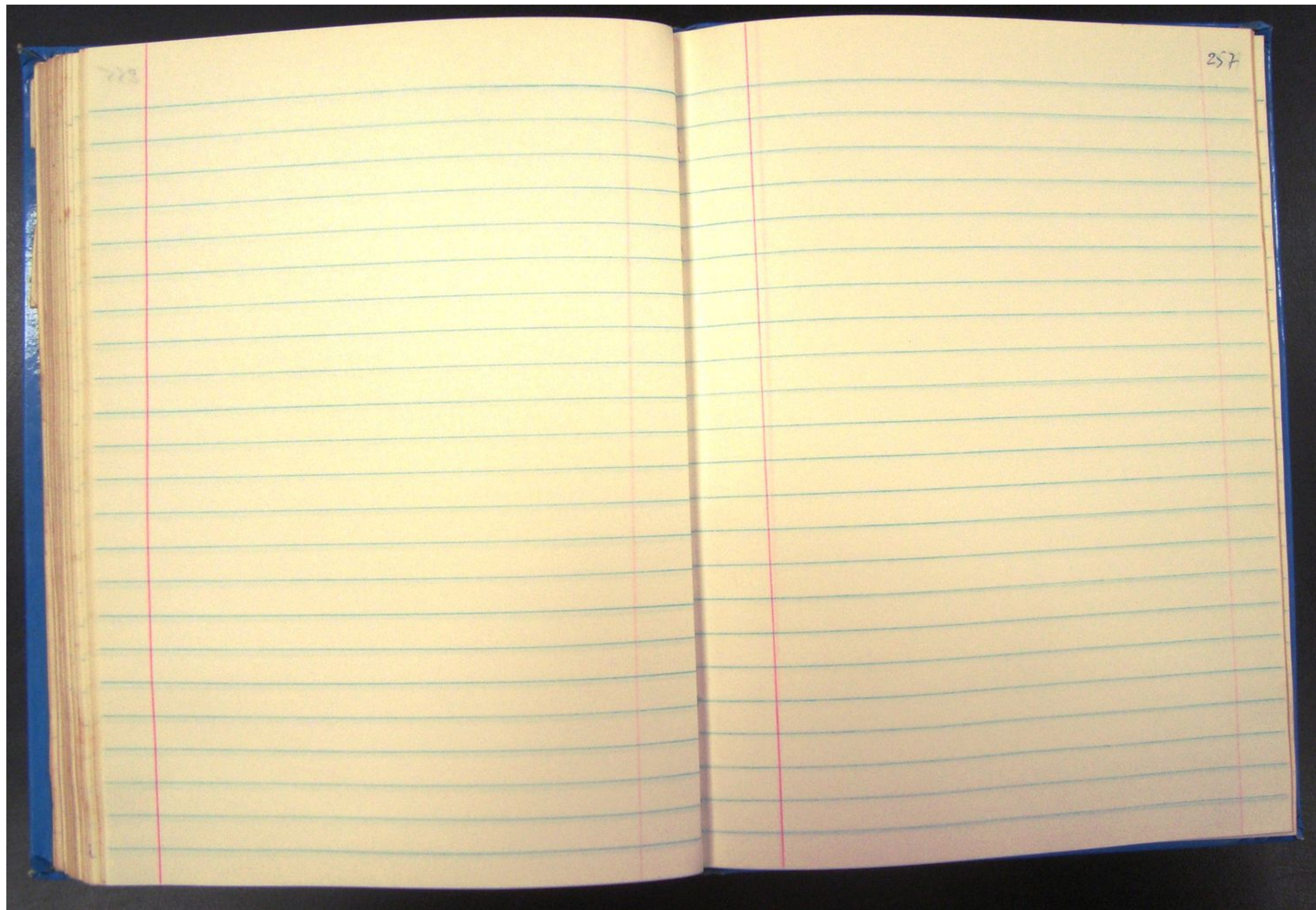
242

249

252

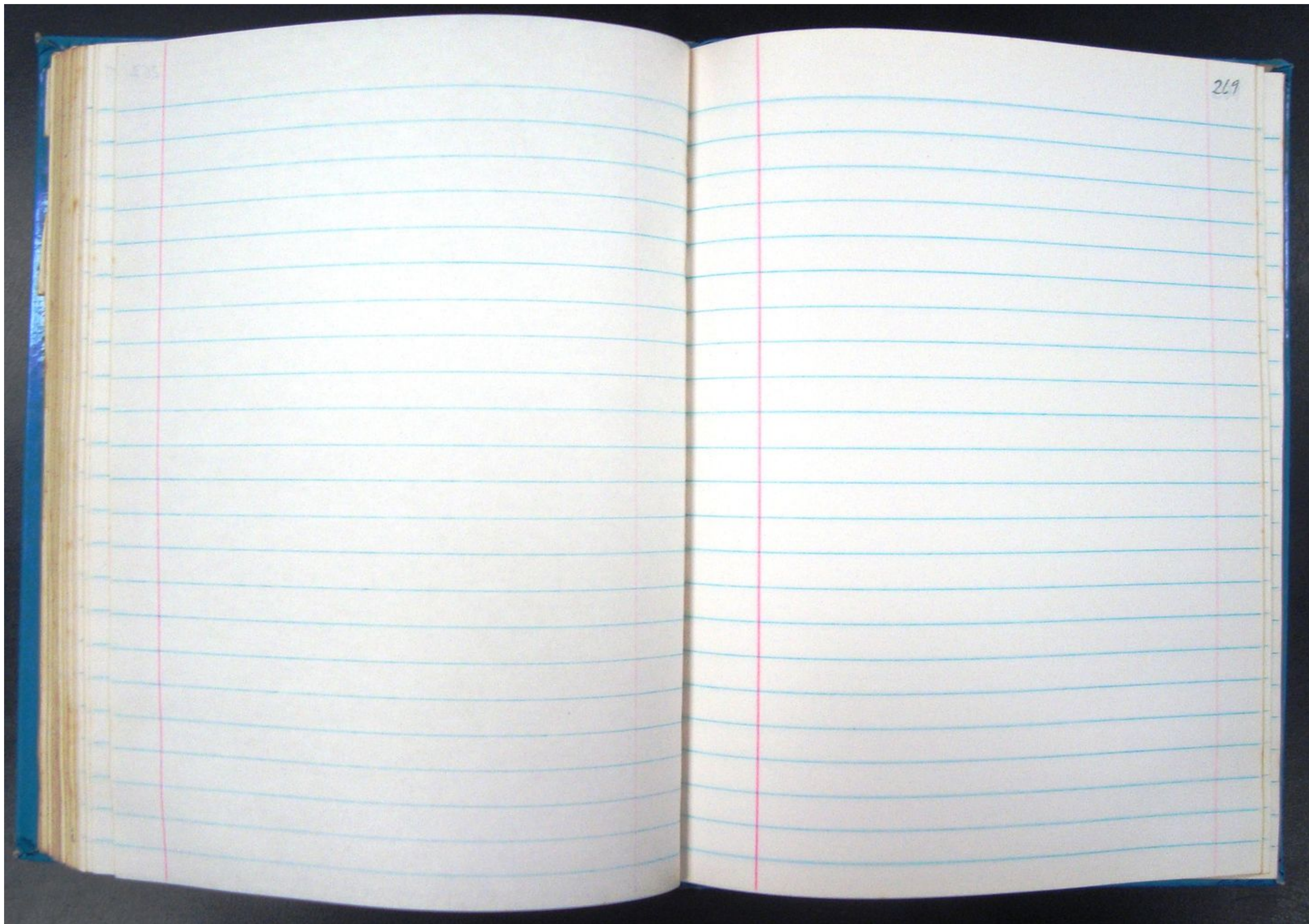
253

255



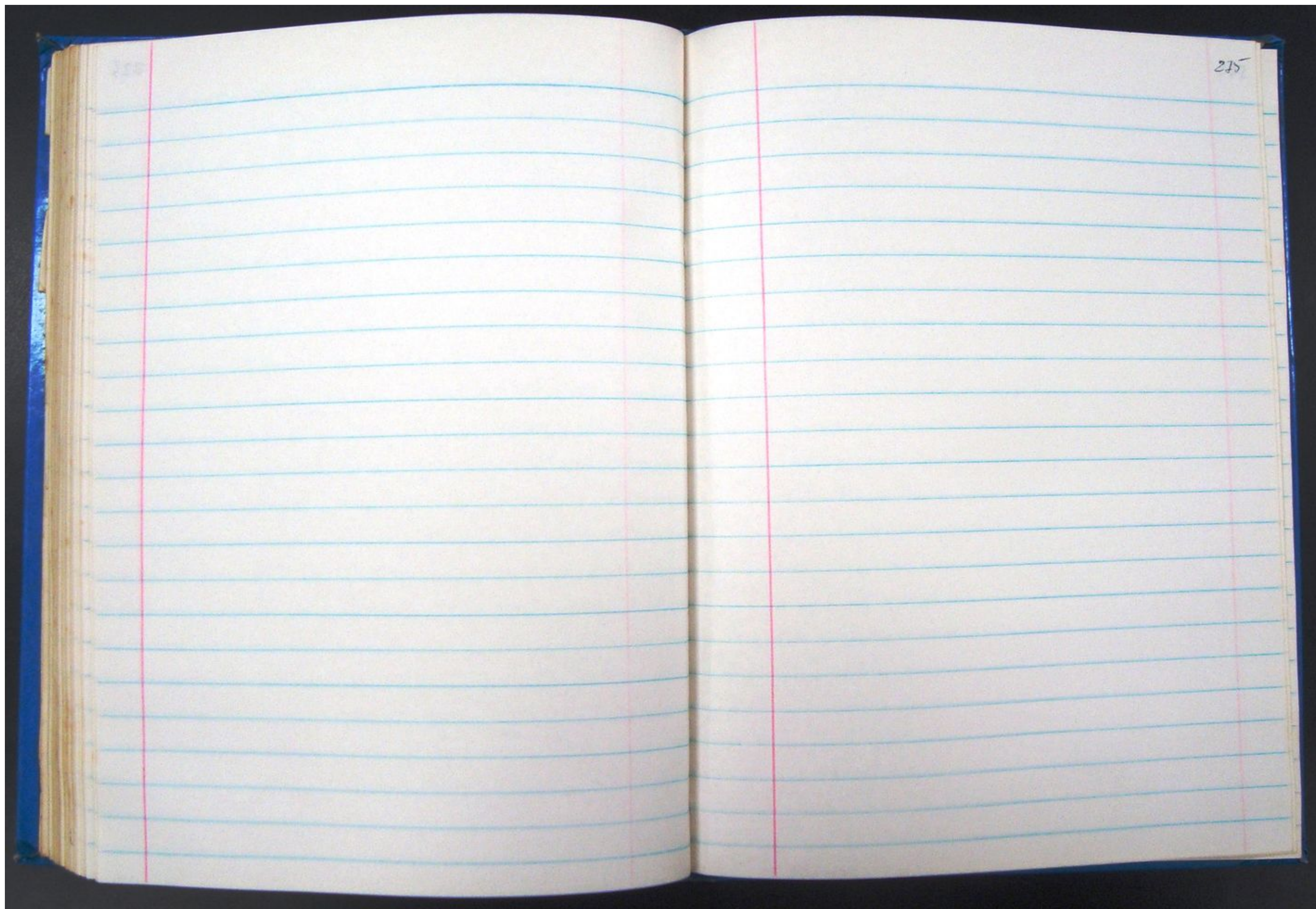
259

265

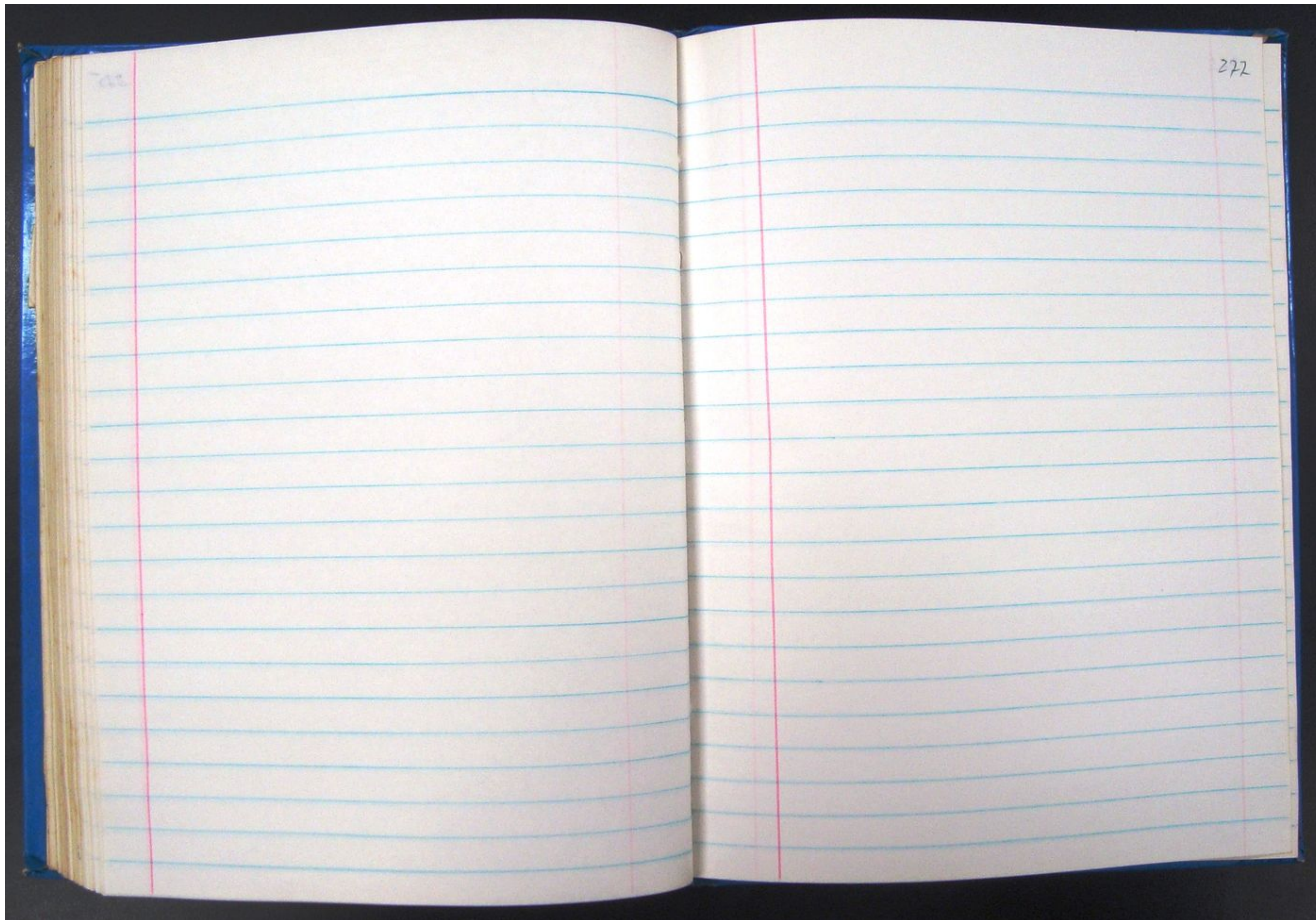


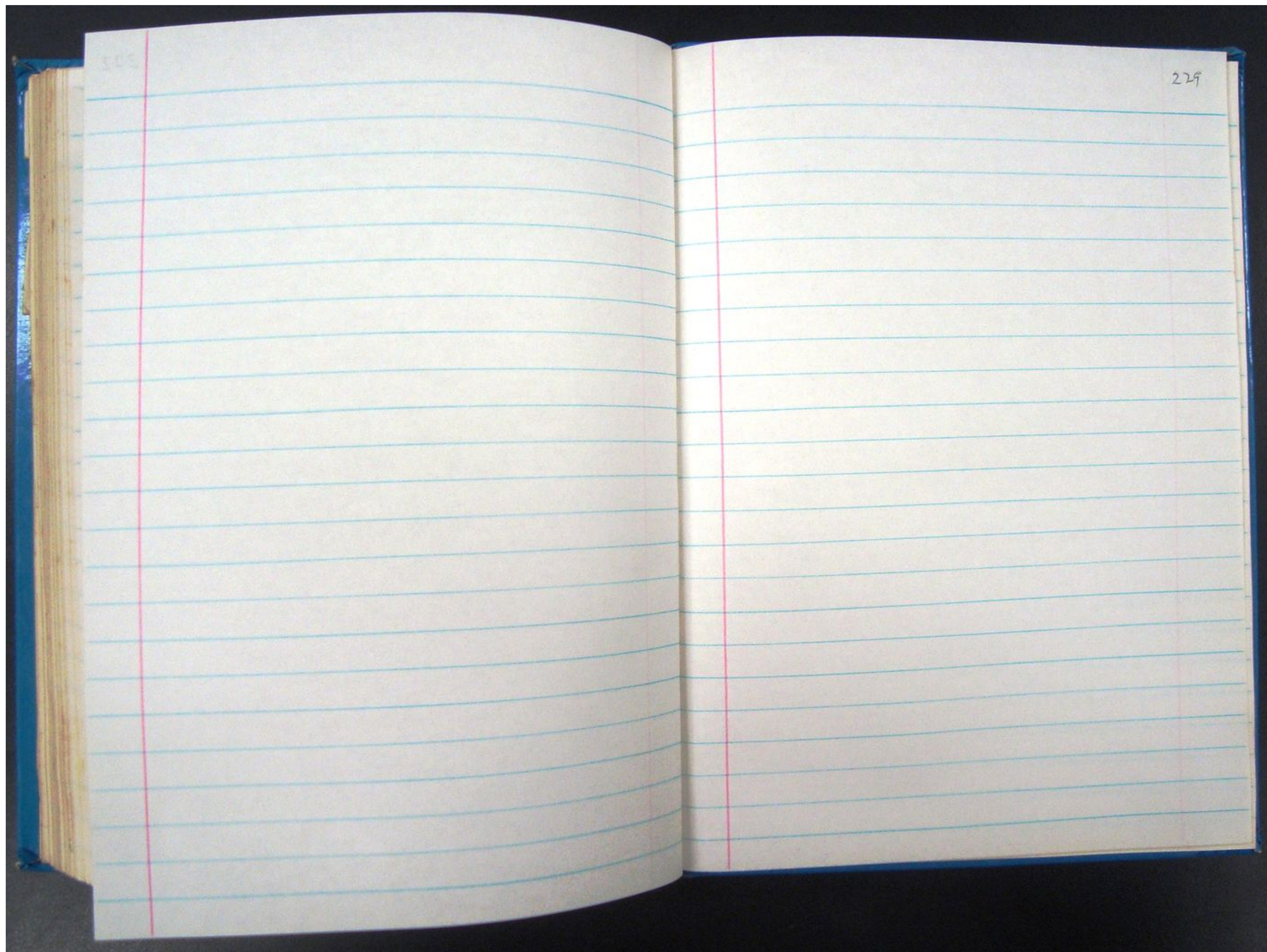
269

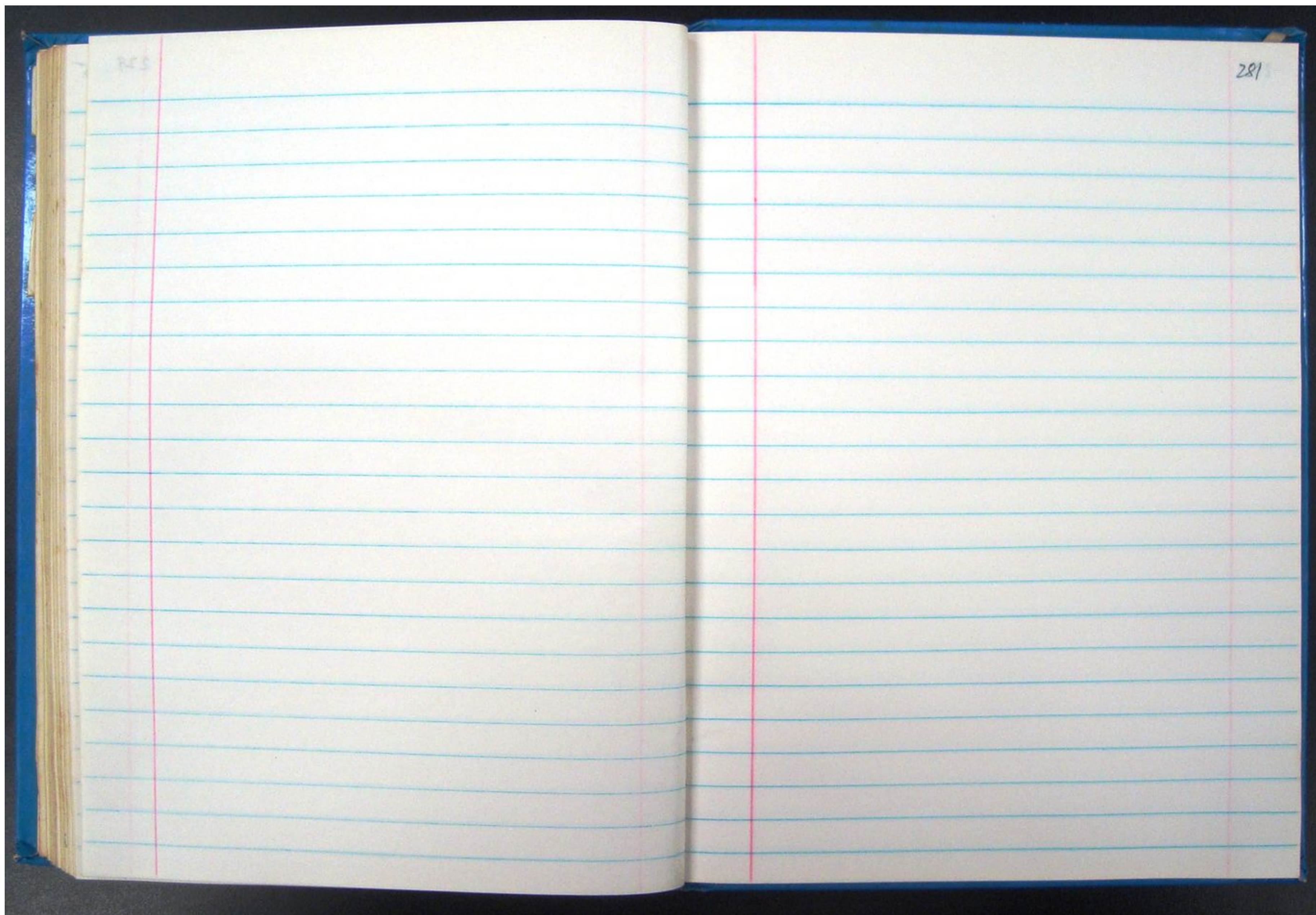
271

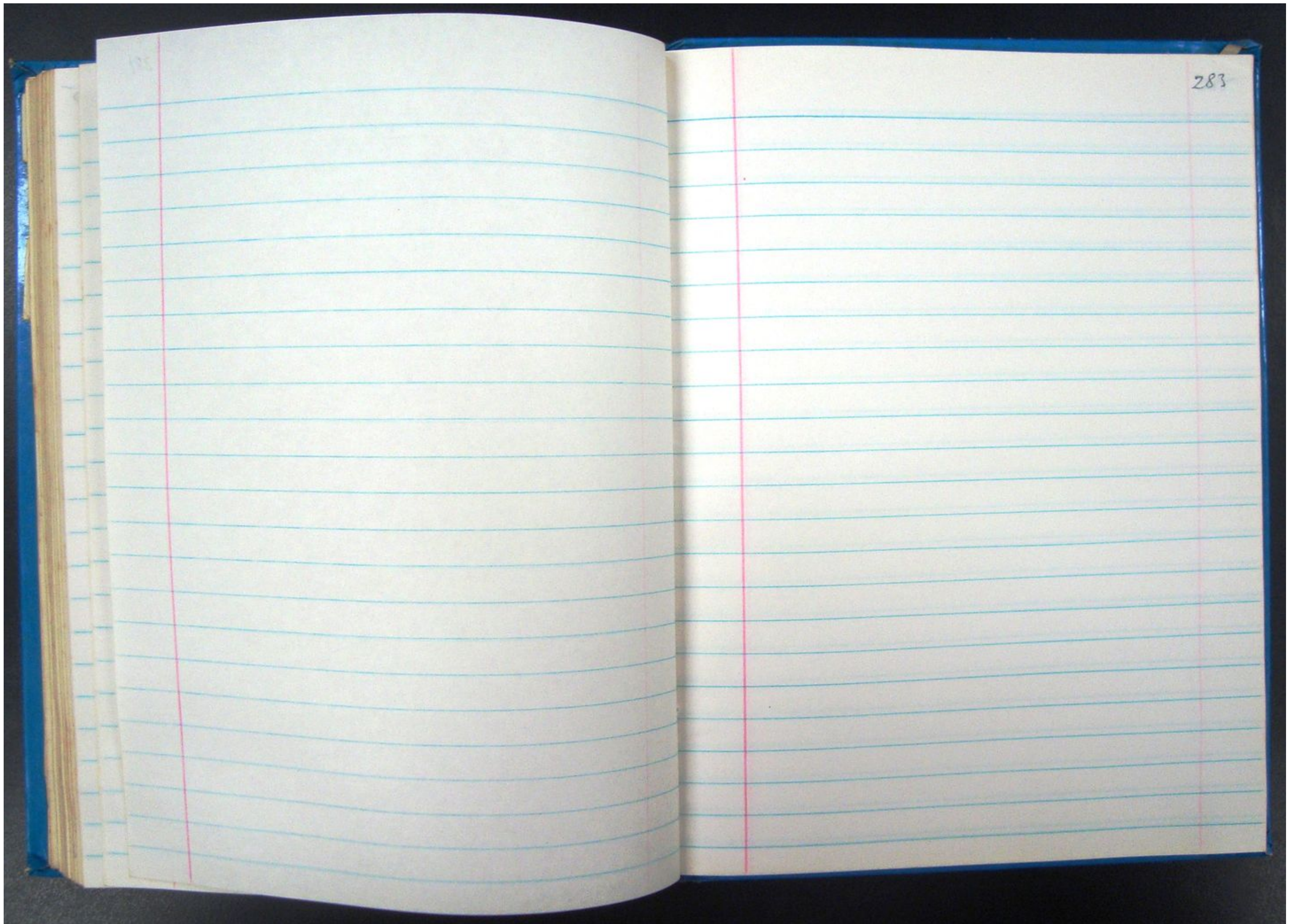


275

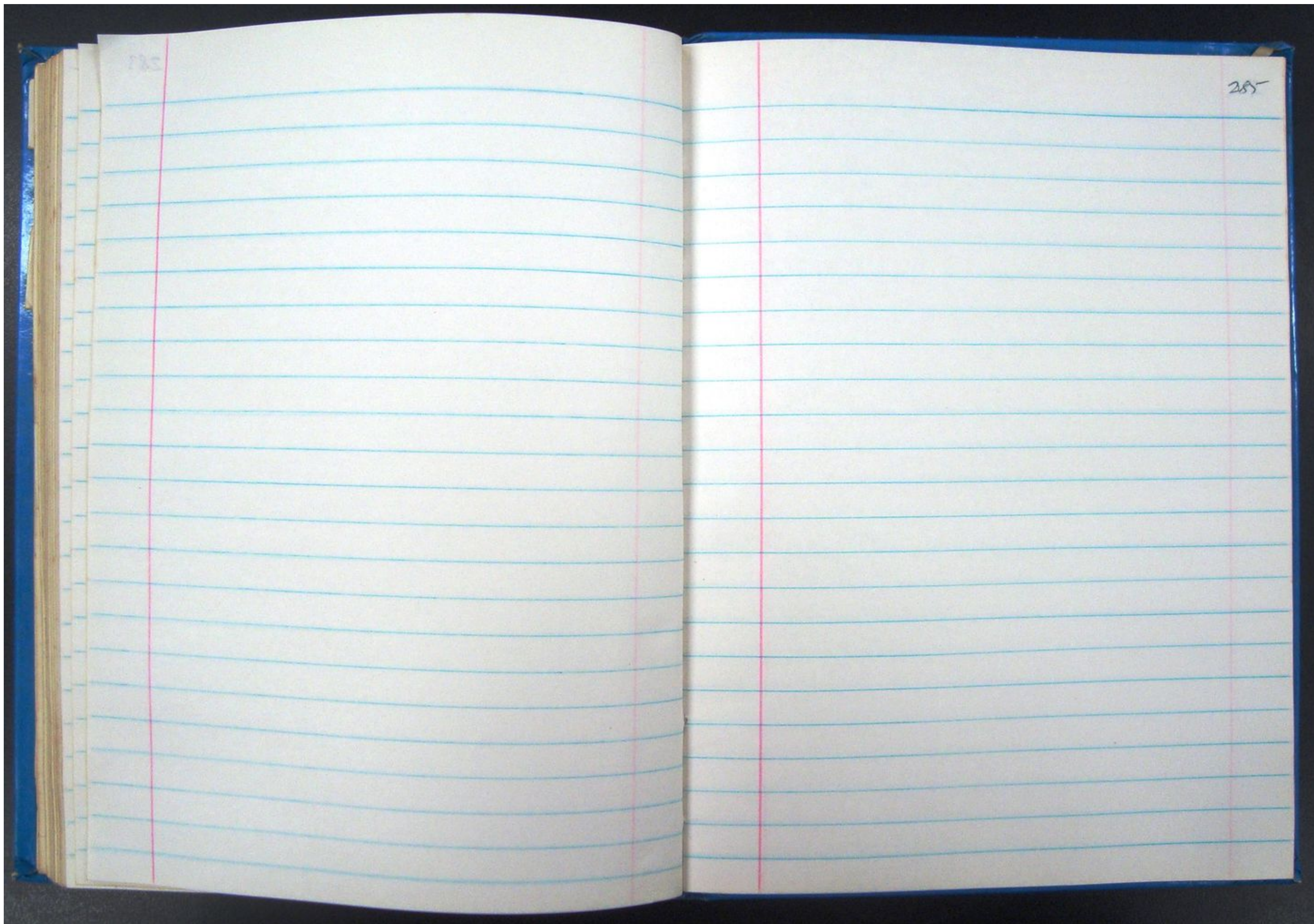




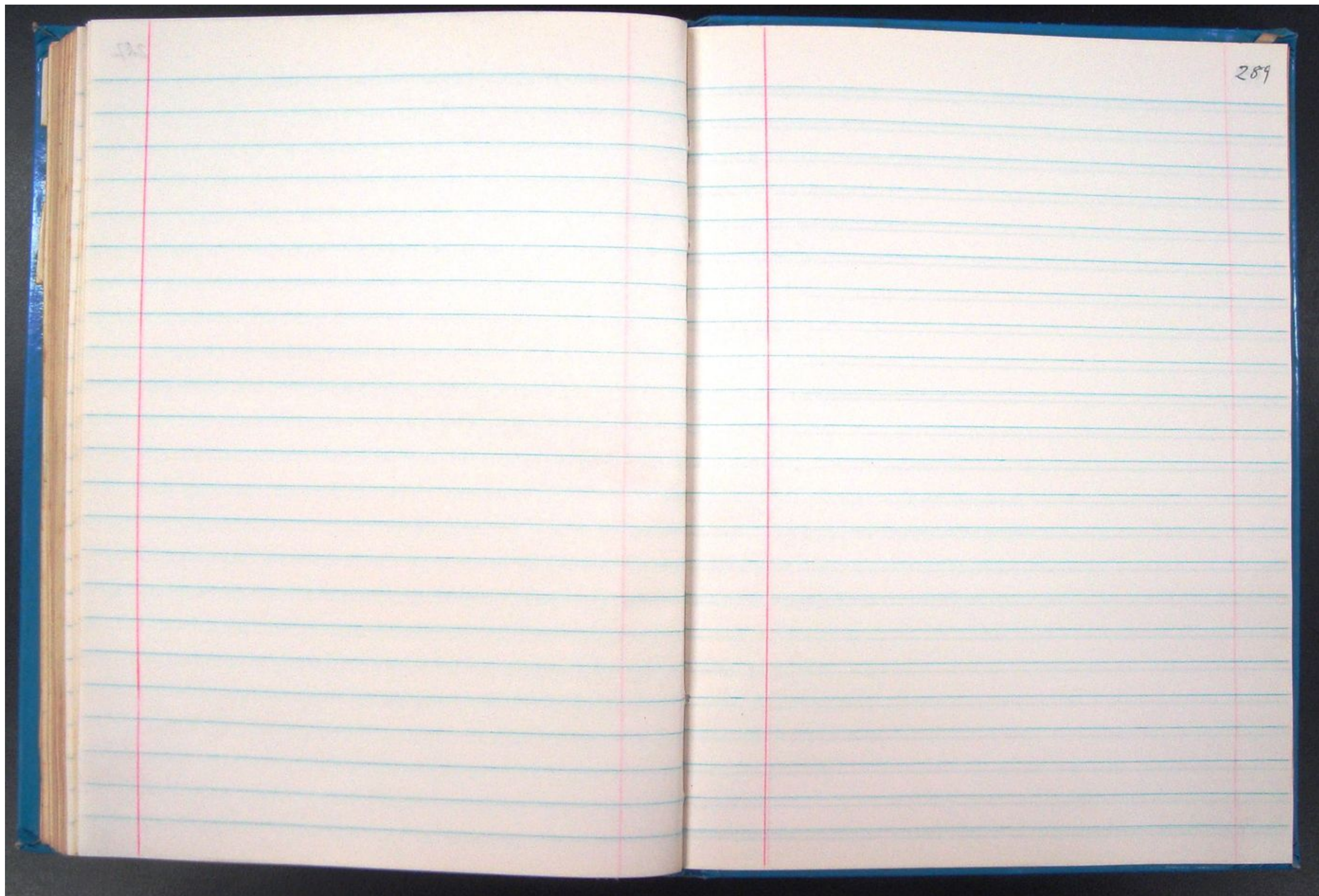




283

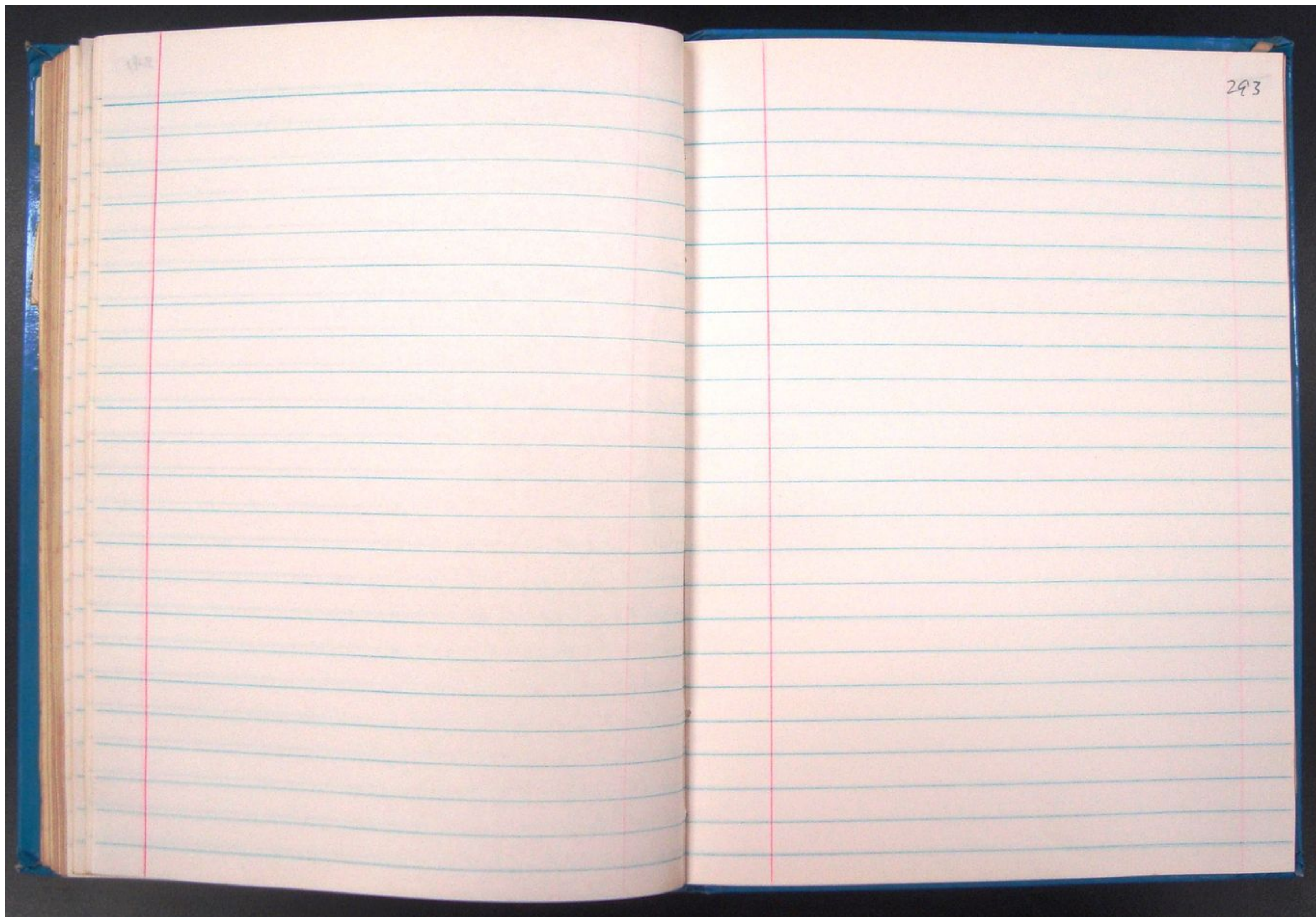


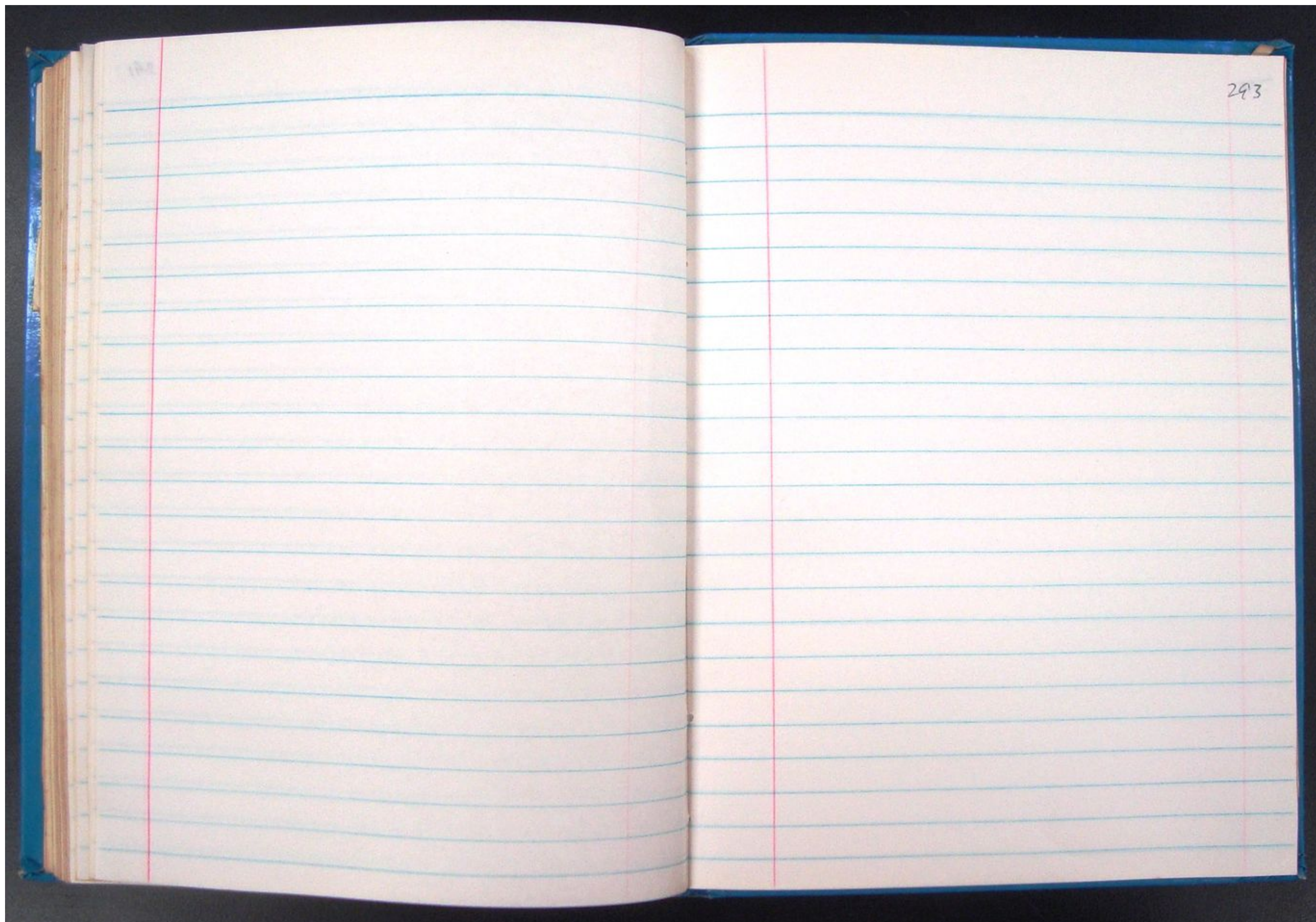
287

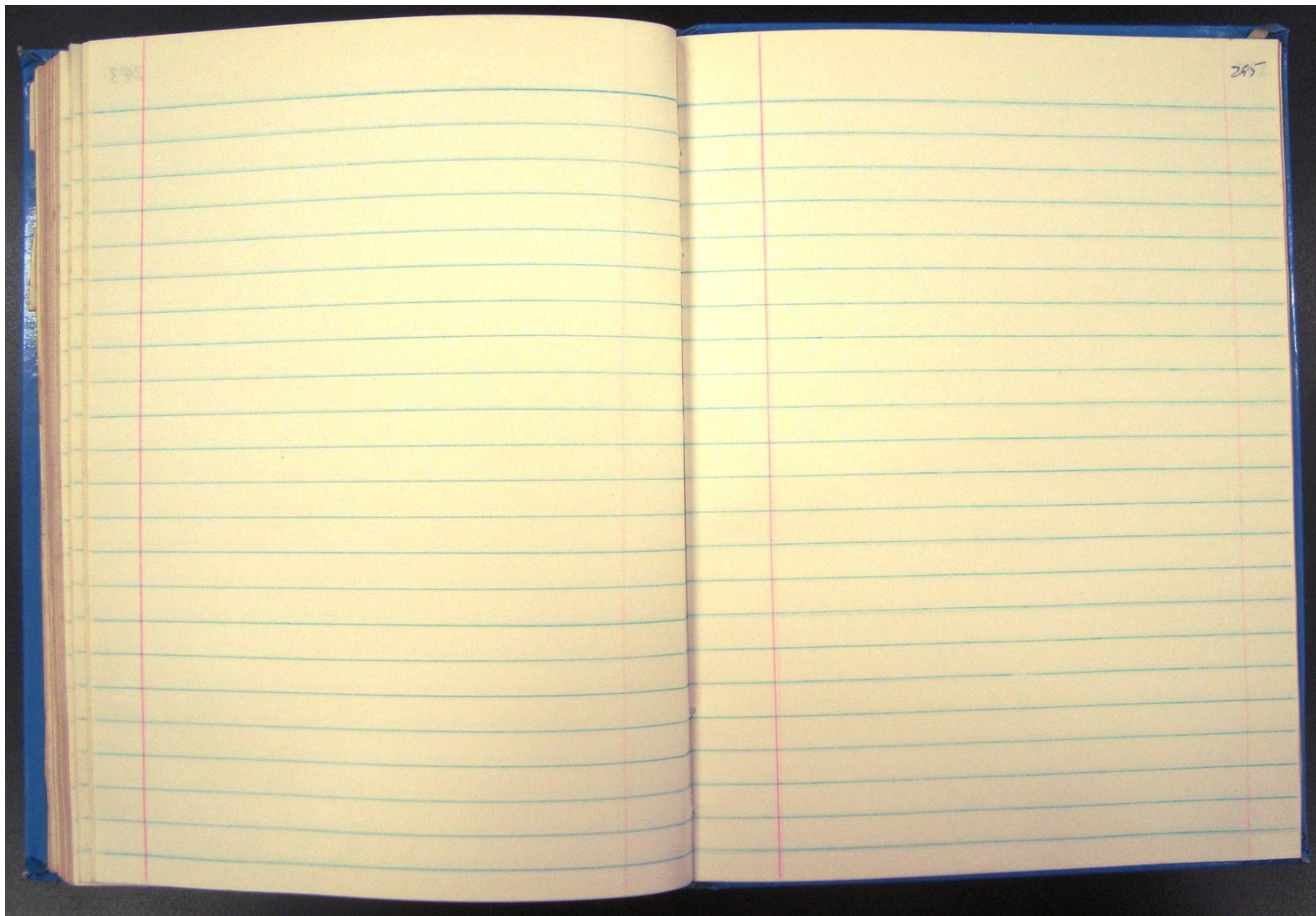


185

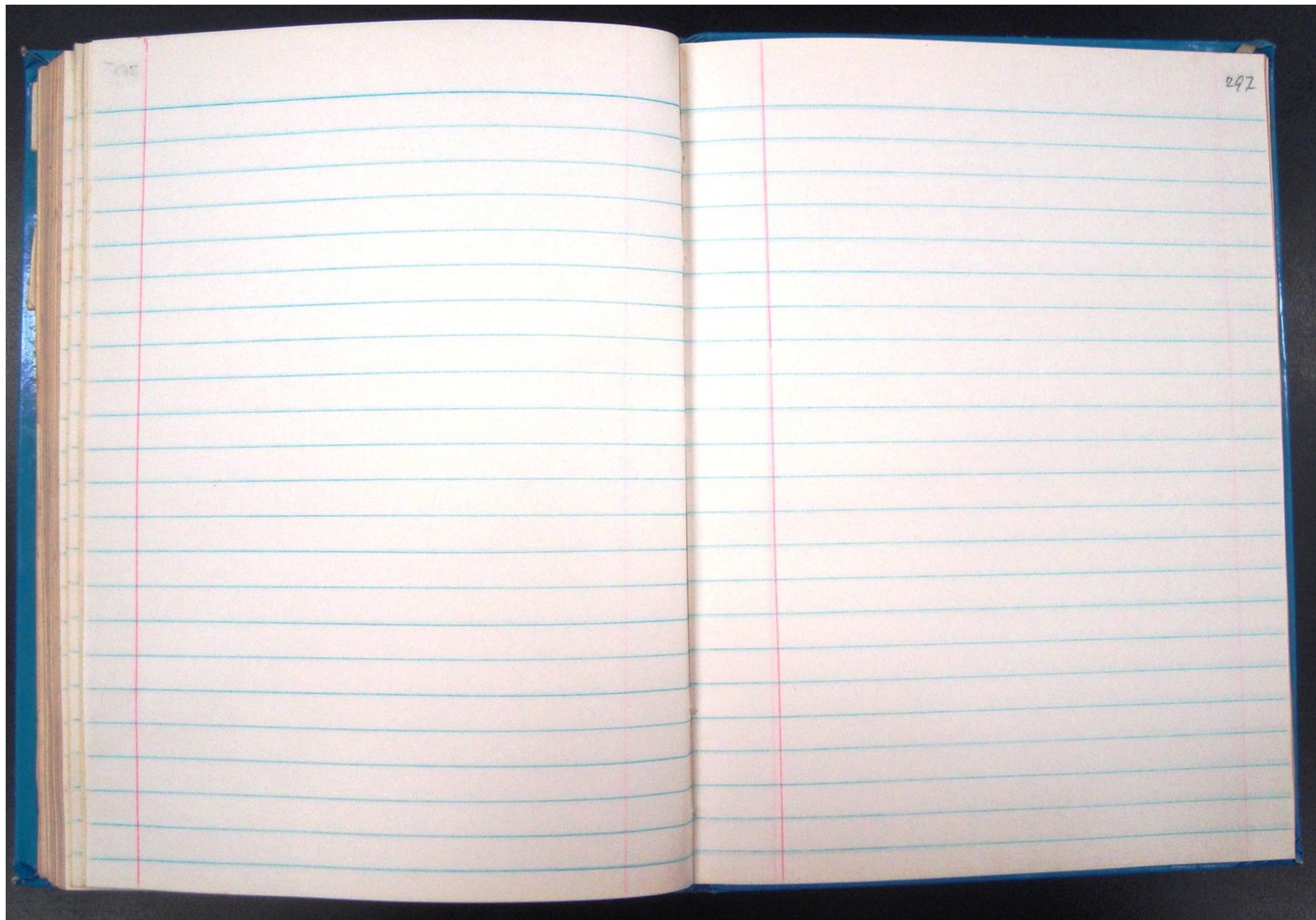
291







295

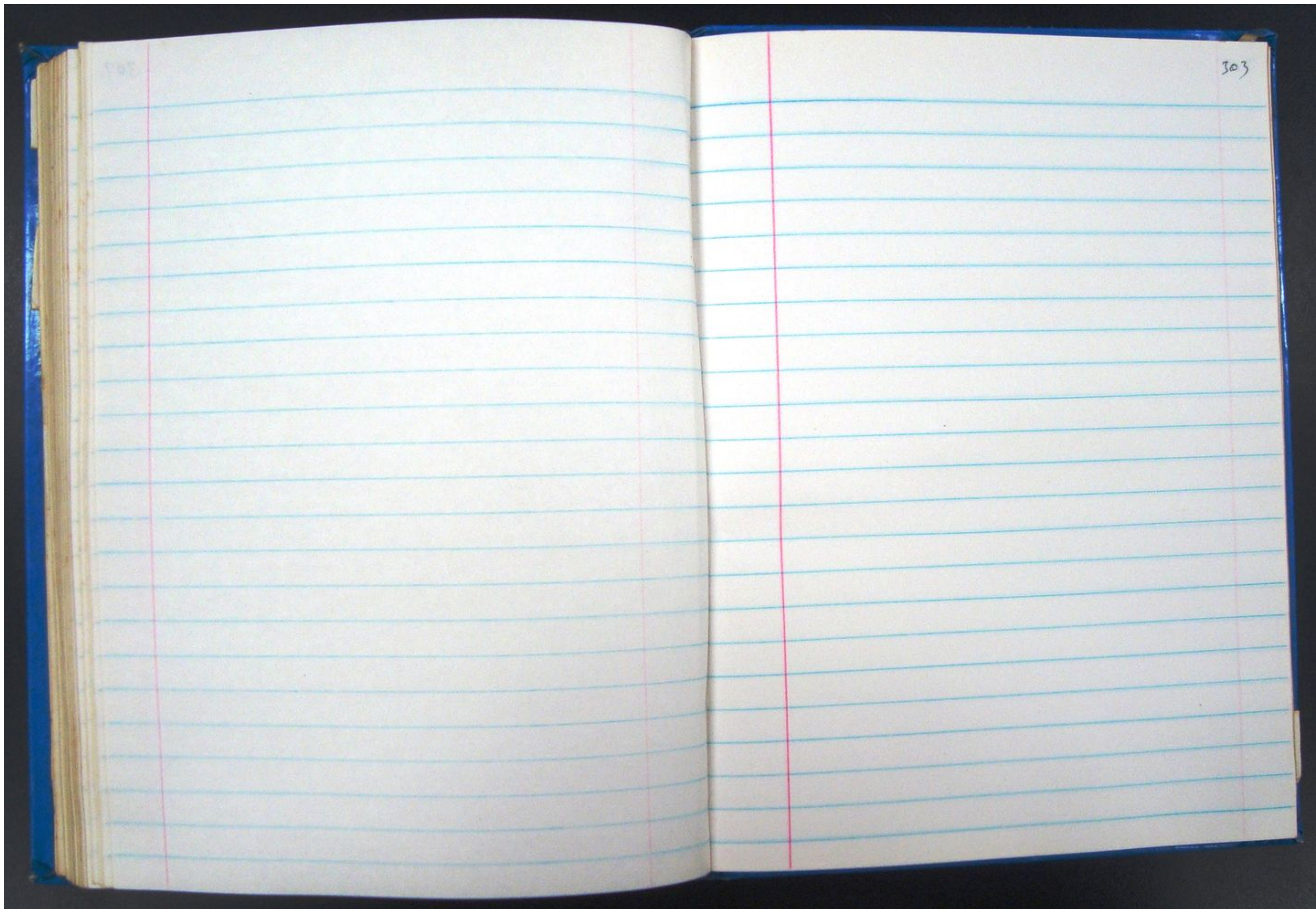


306

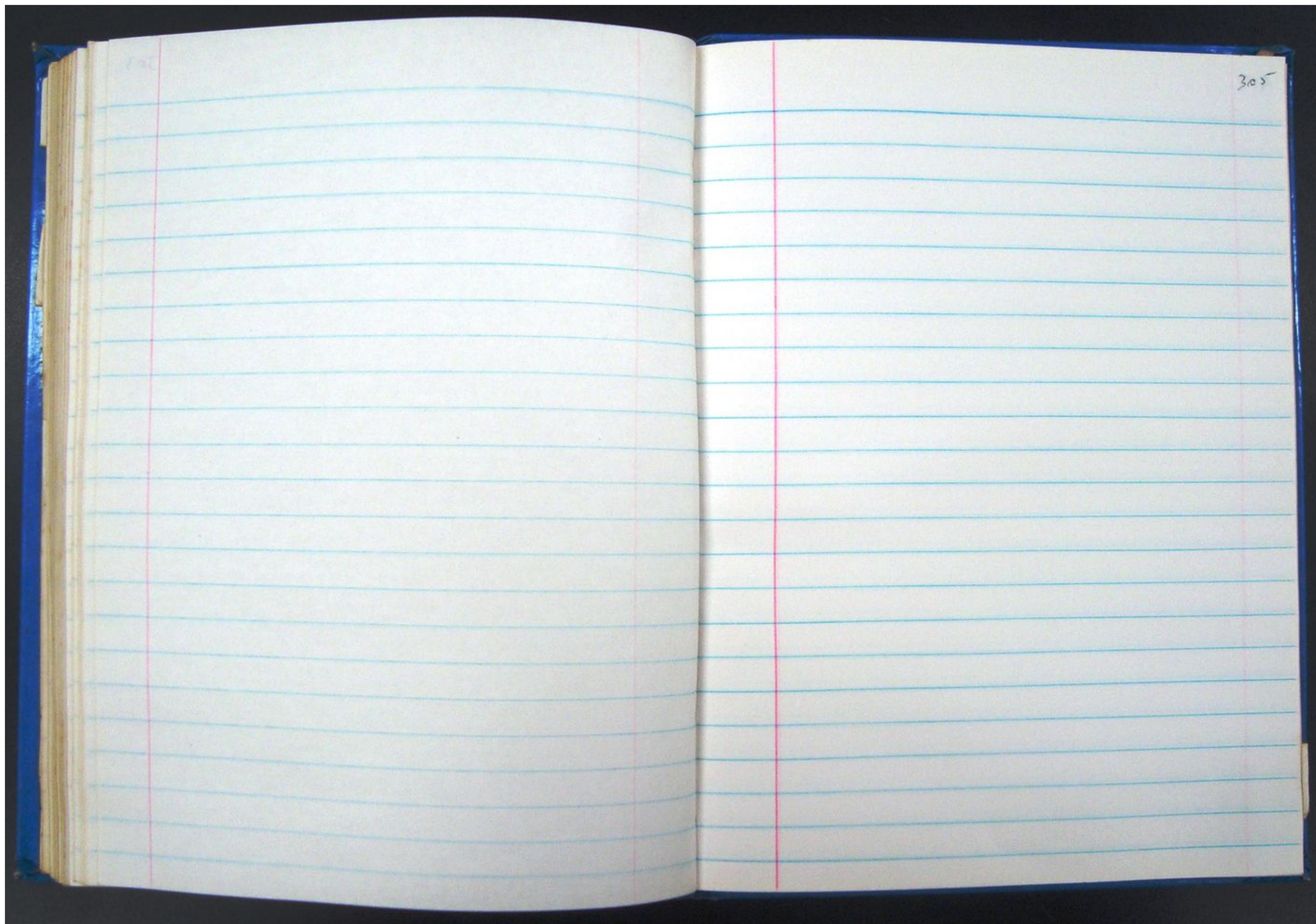
307

366

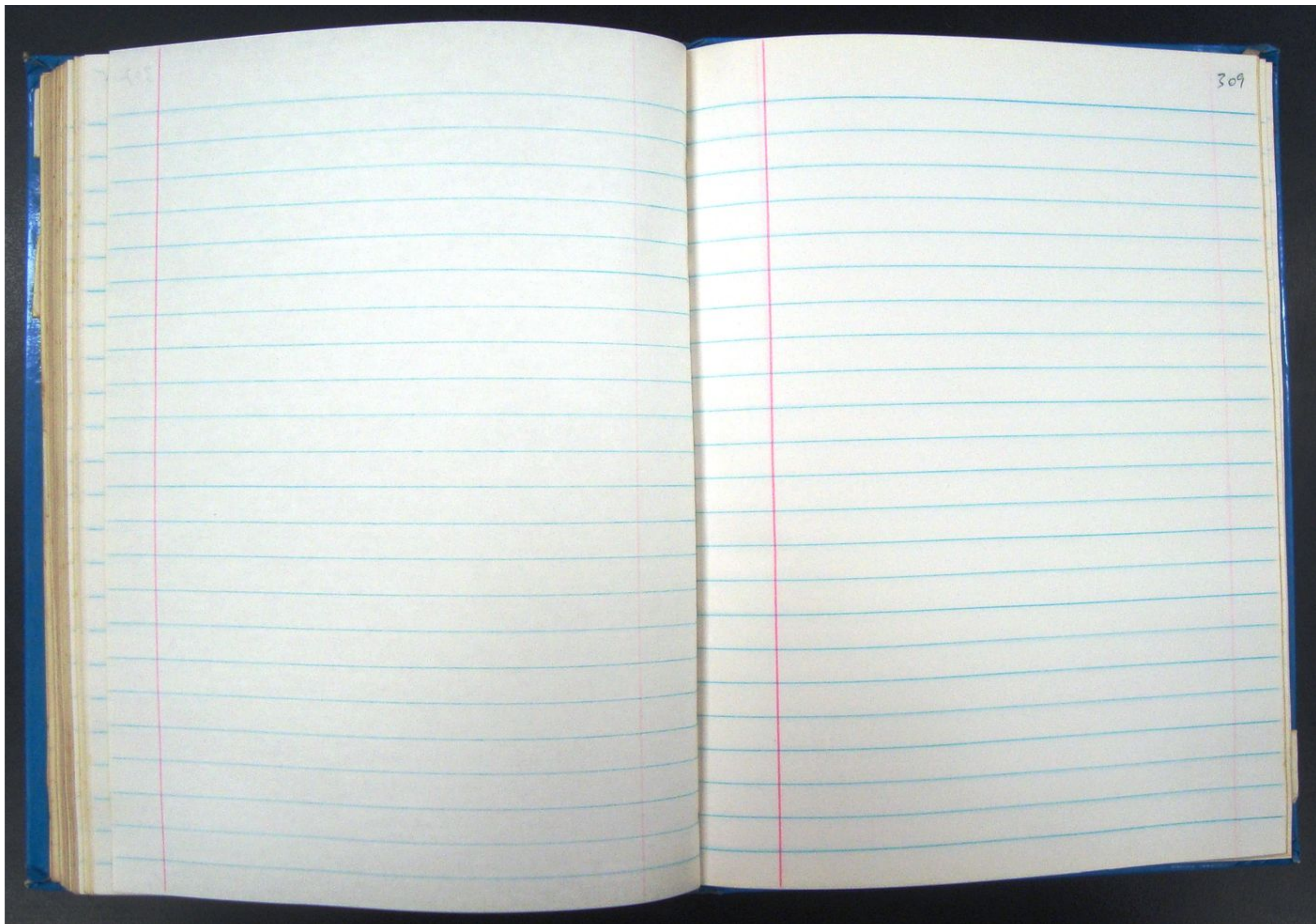
367

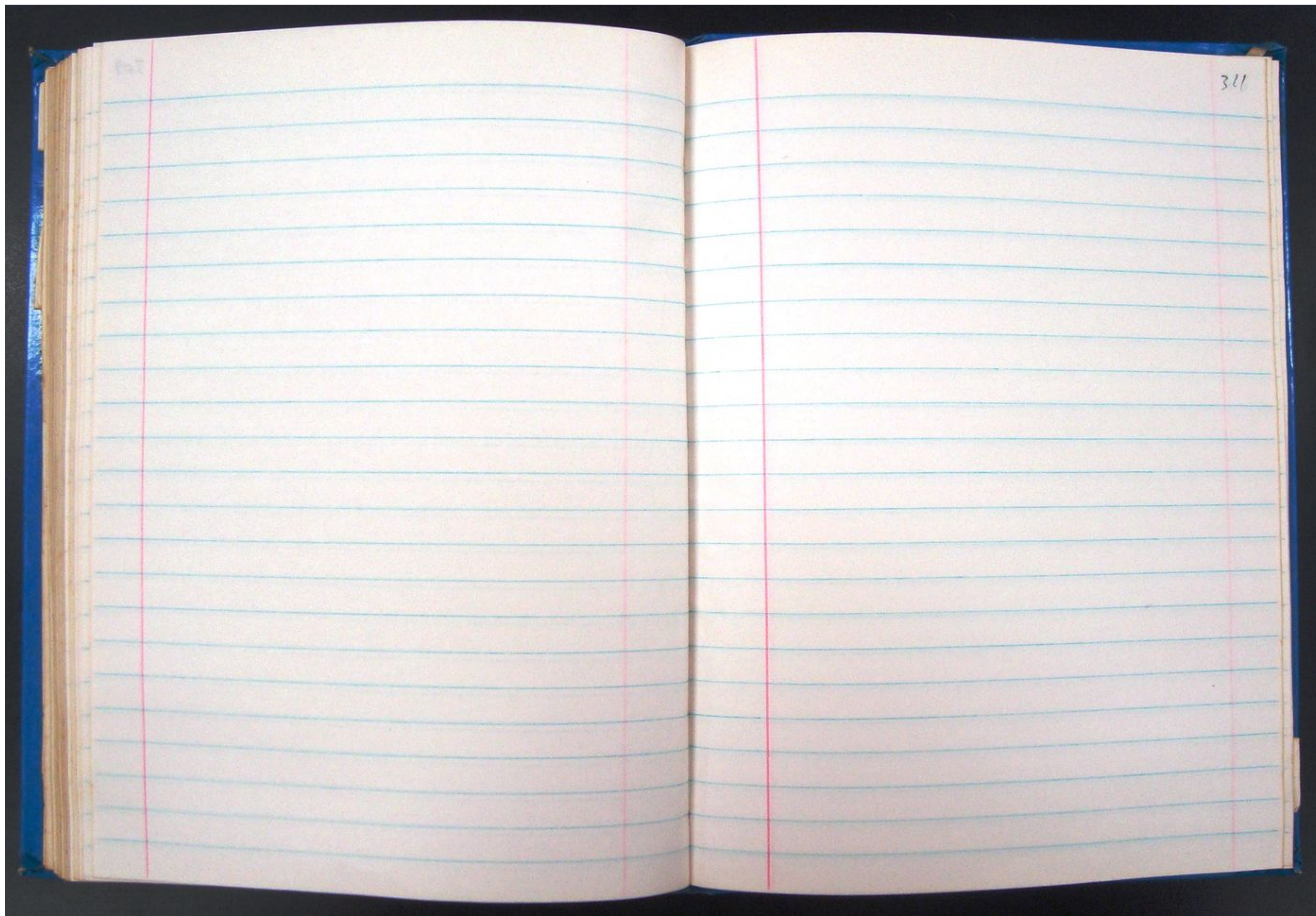


303

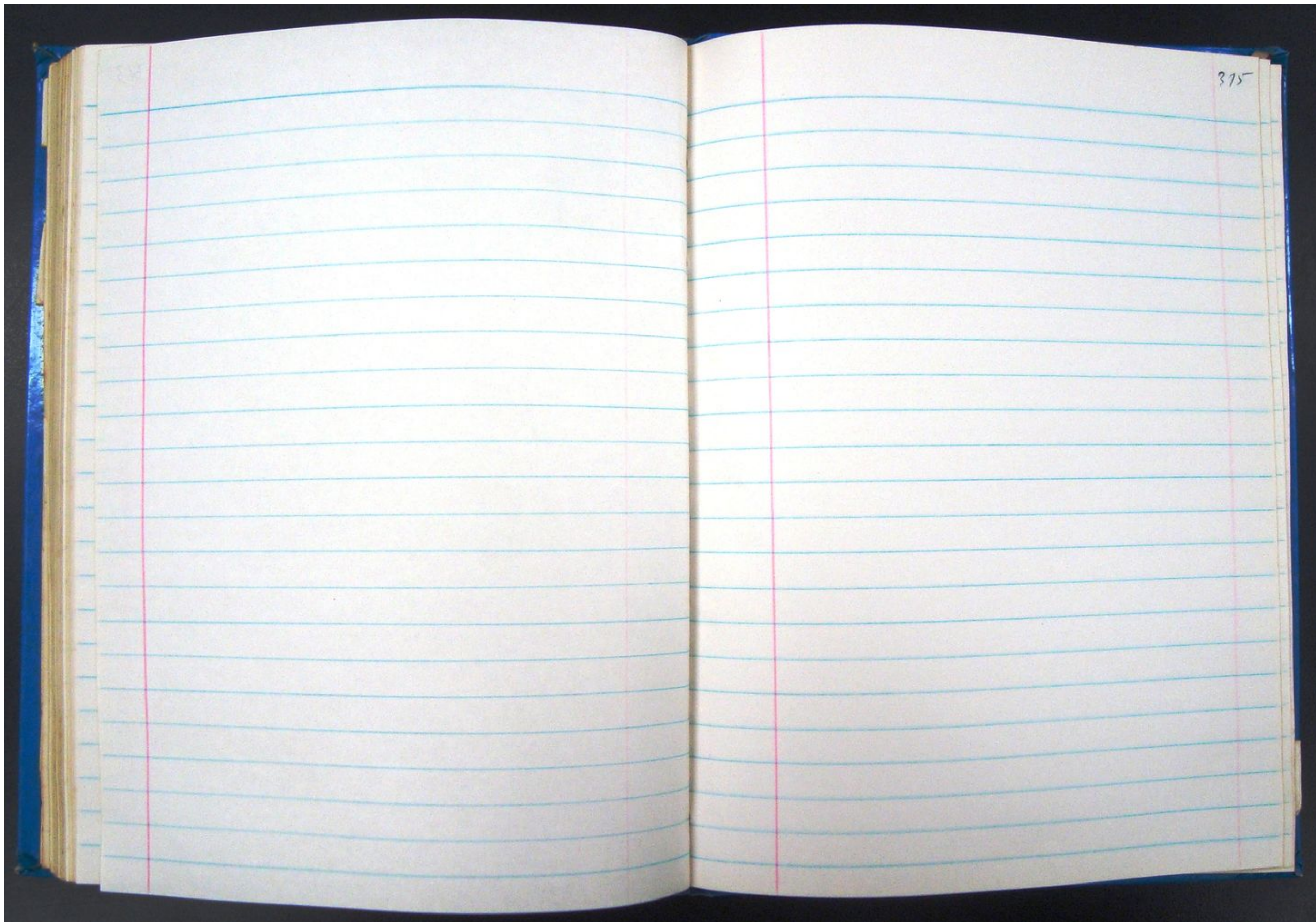


207

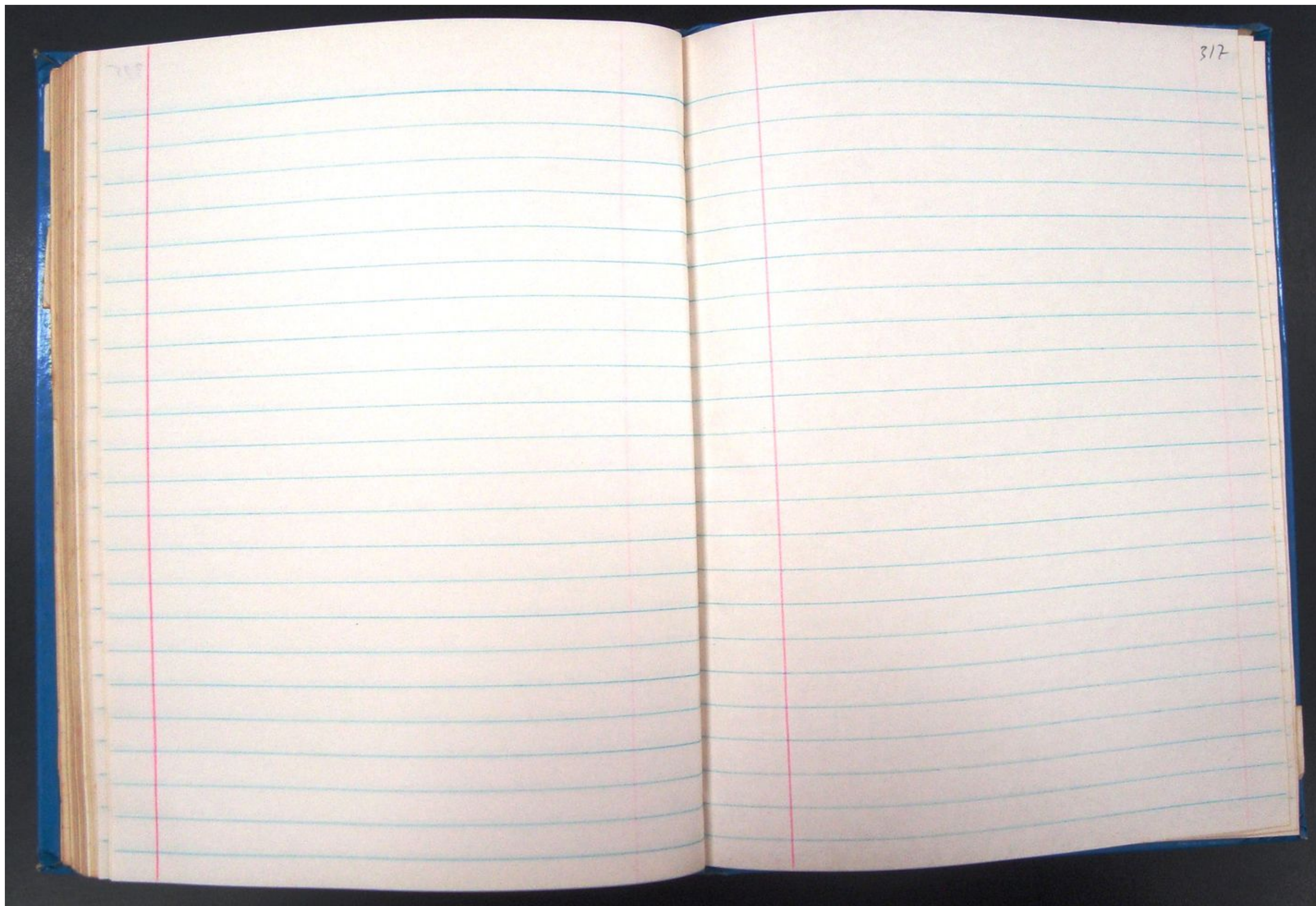




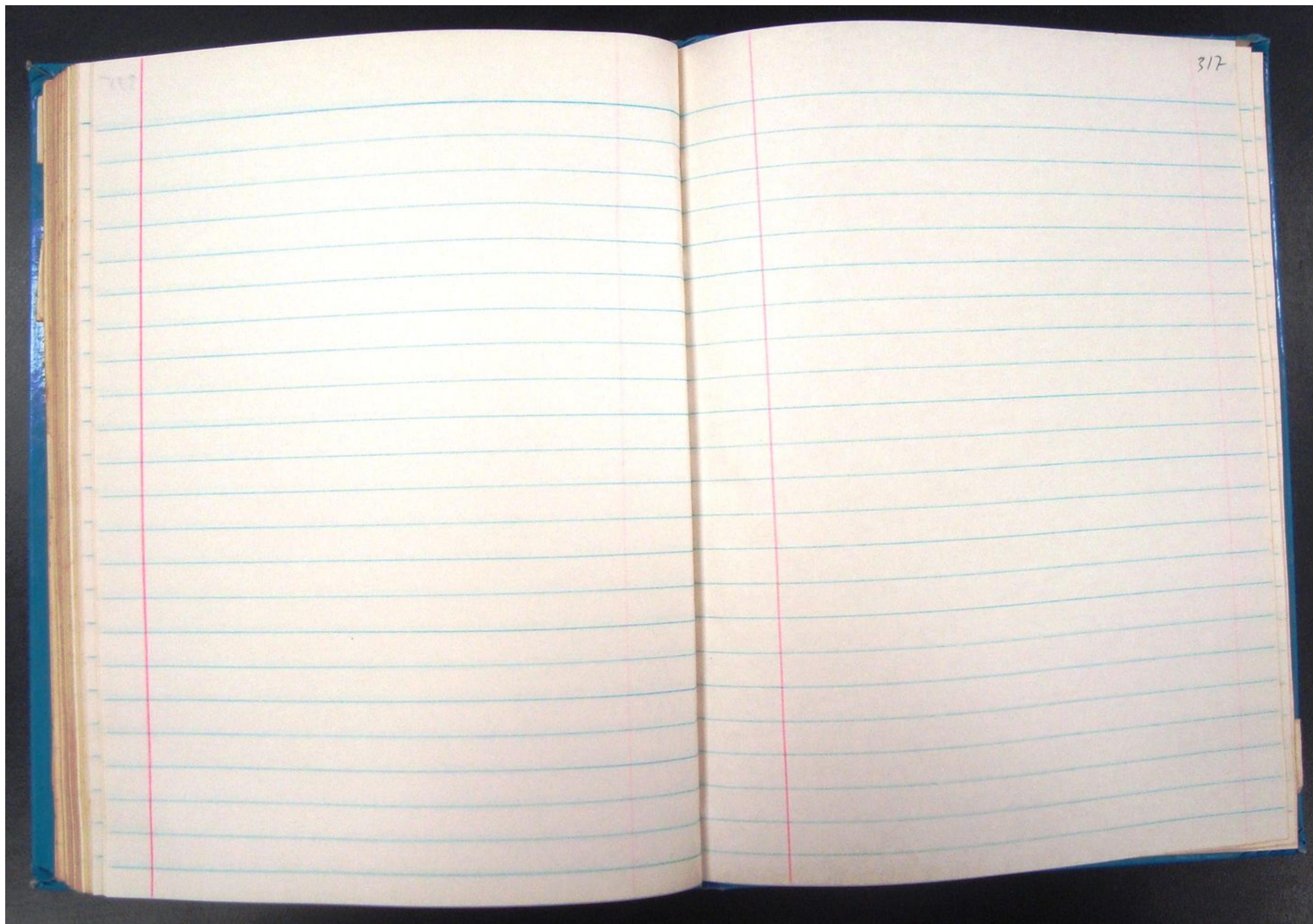
313

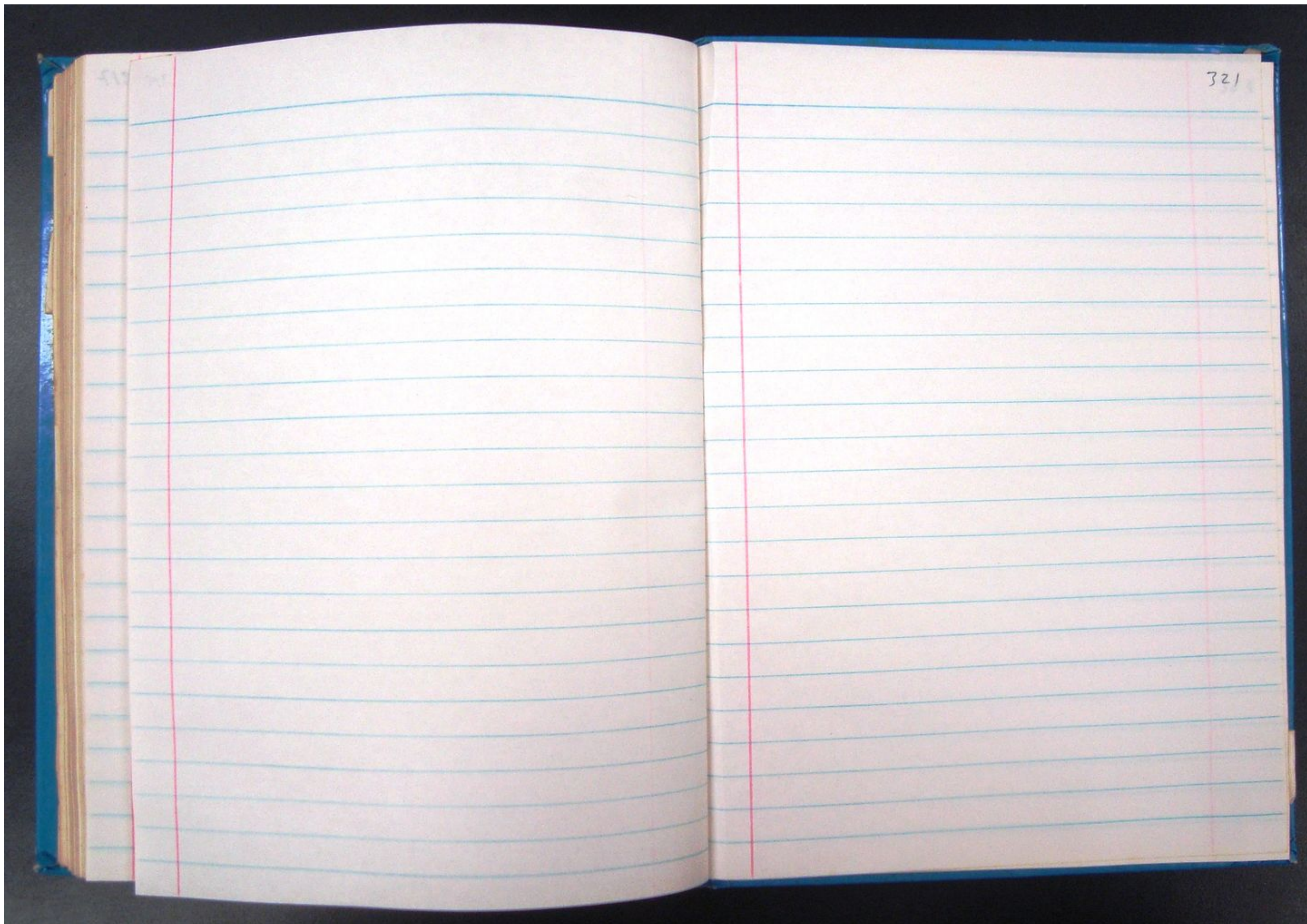


375



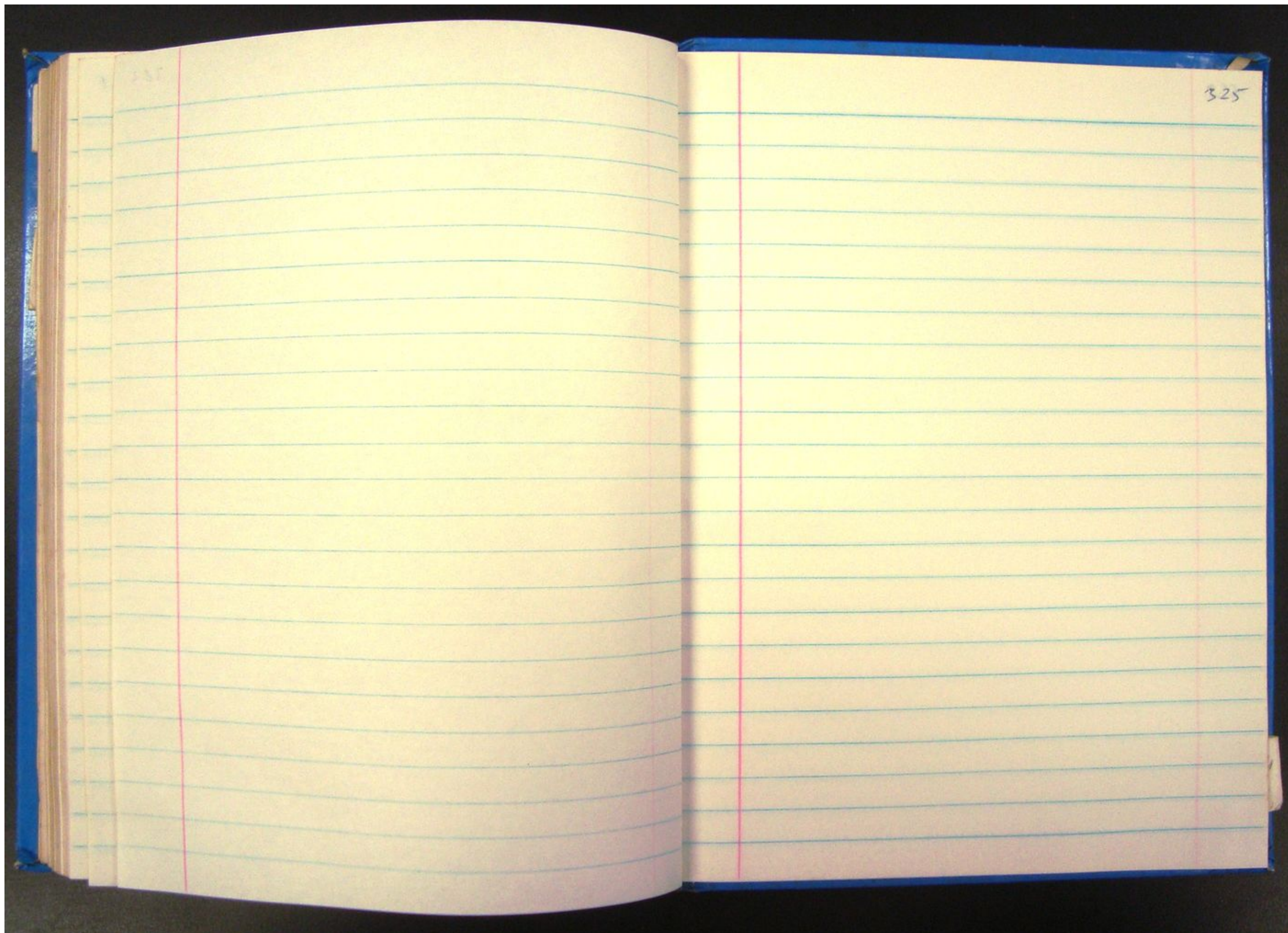
312



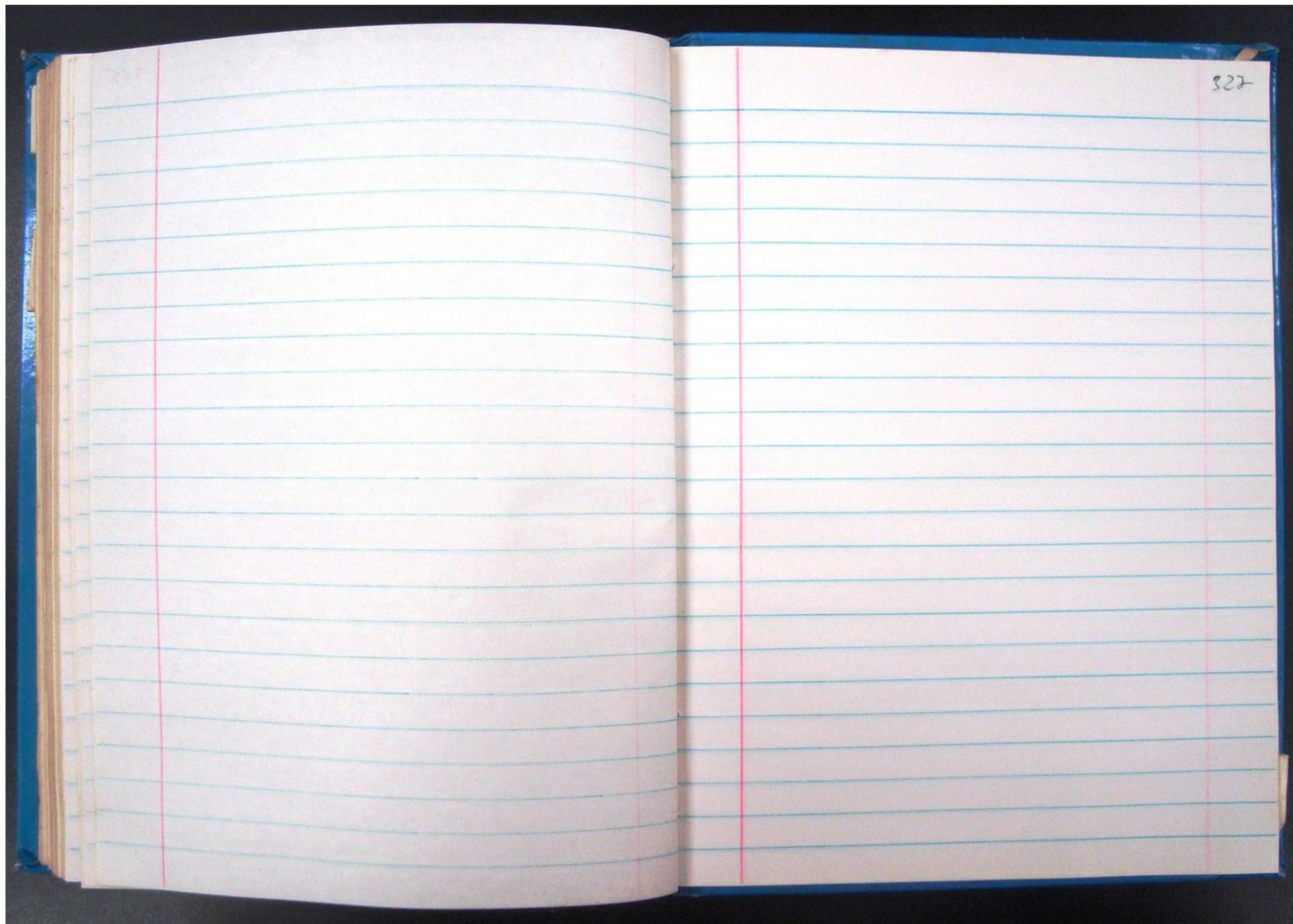


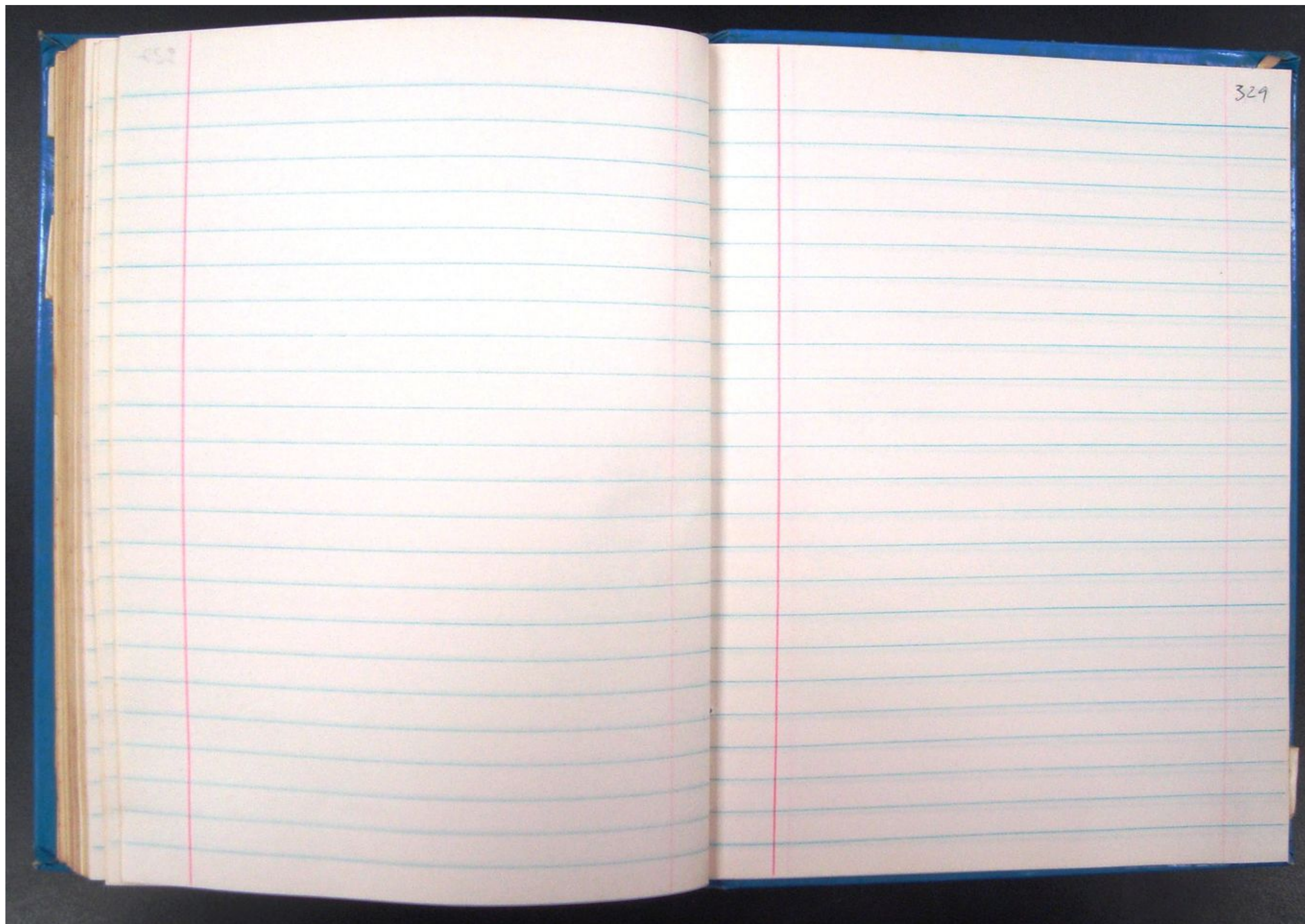
322

323



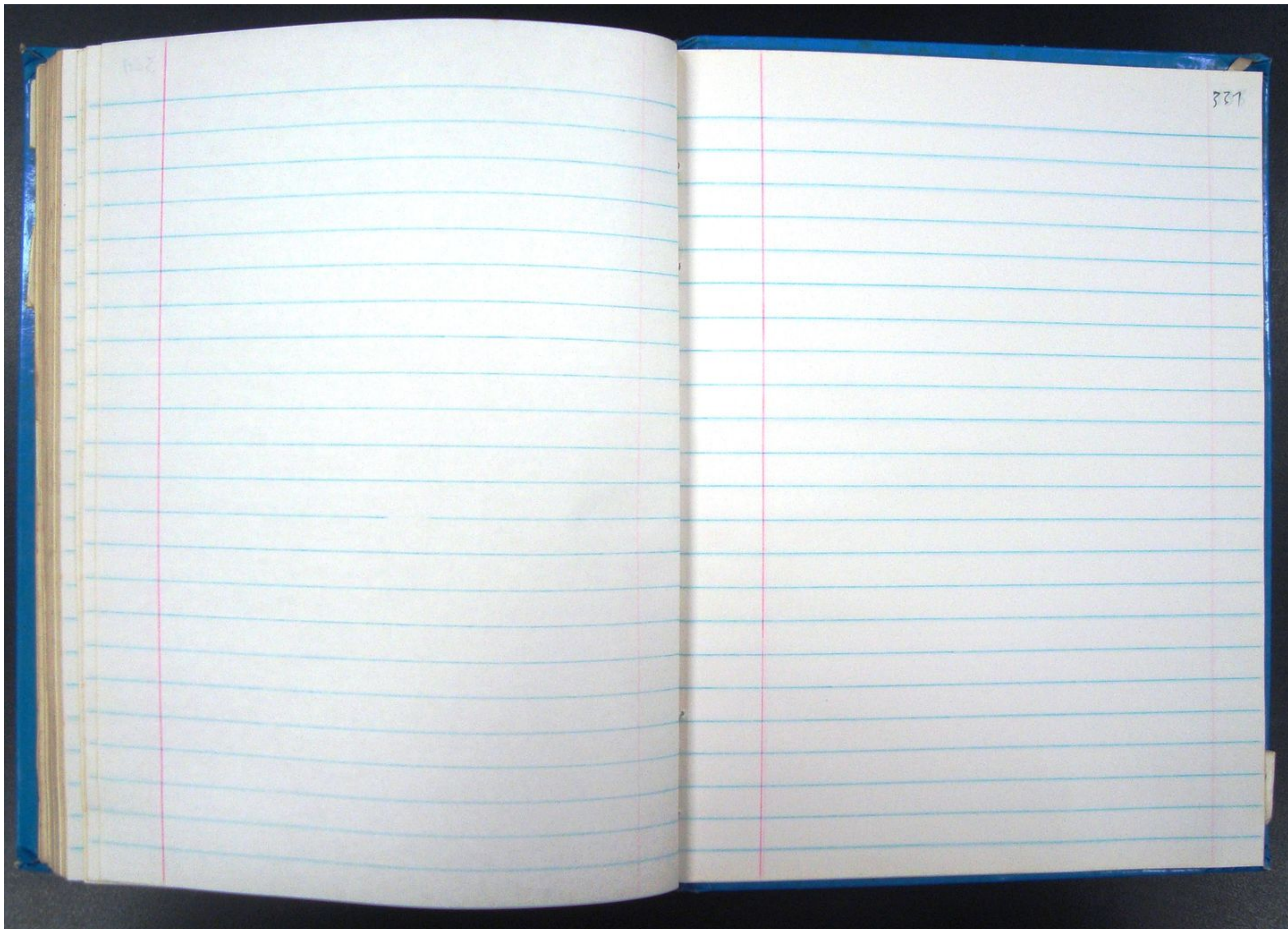
325



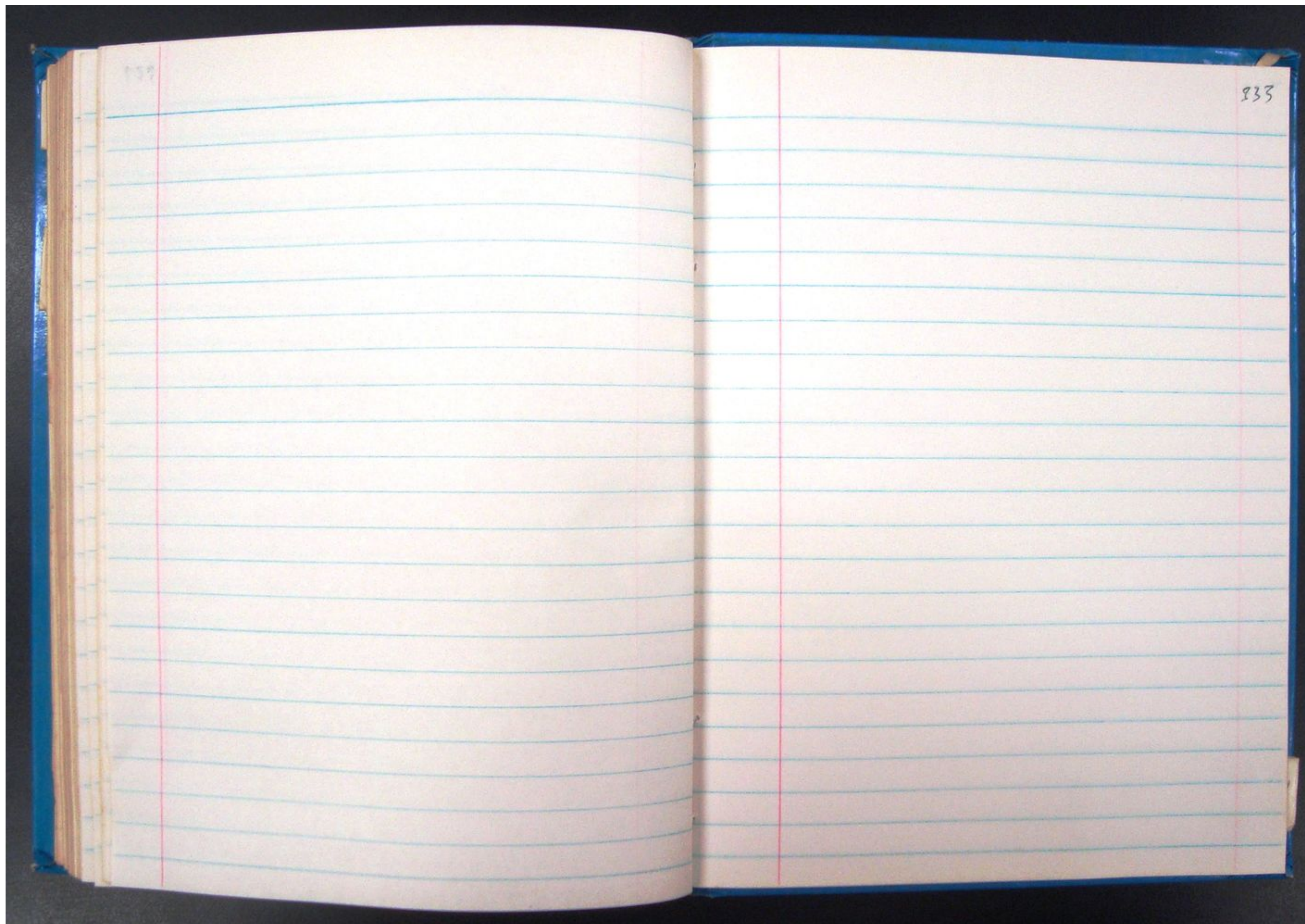


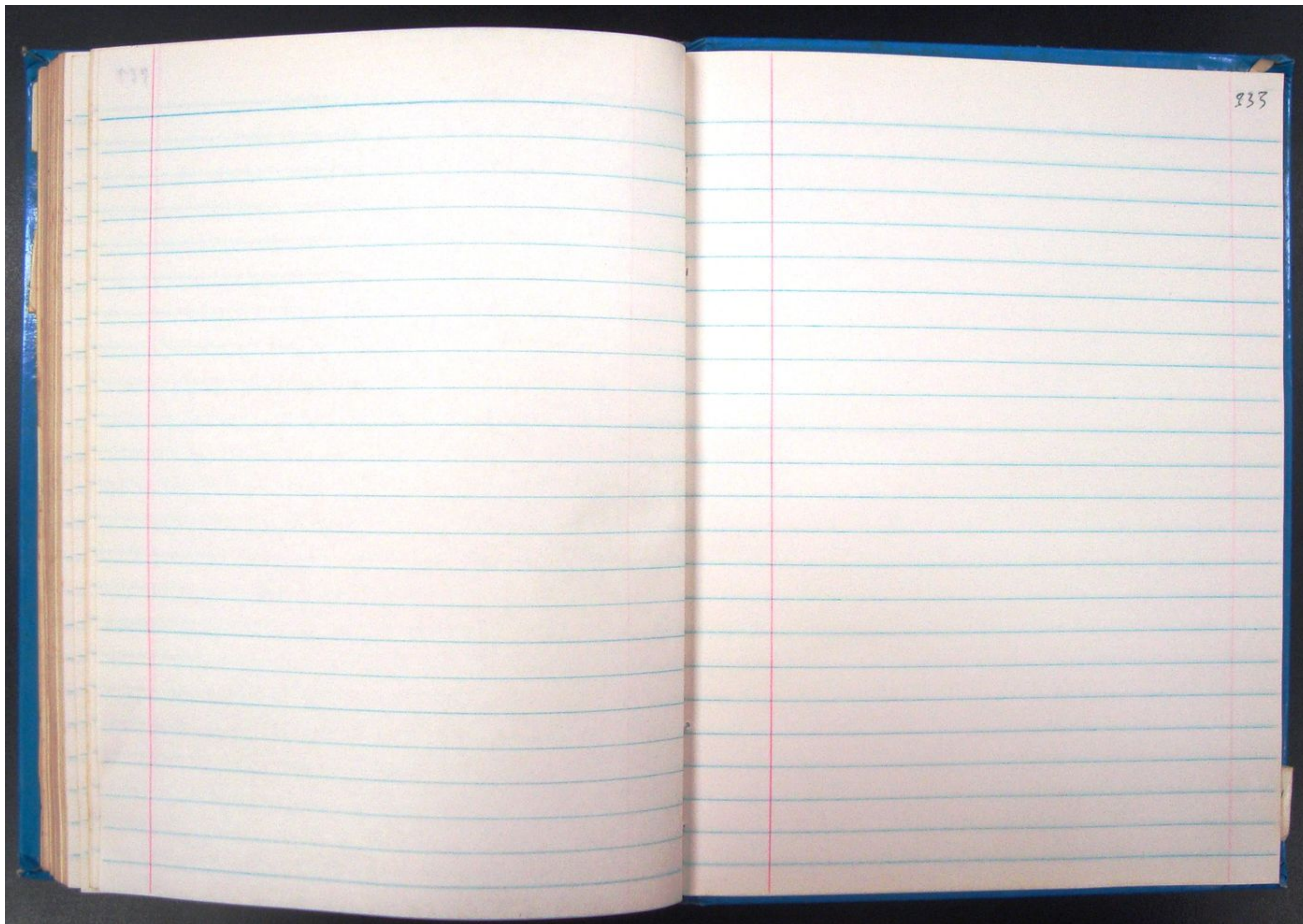
328

329



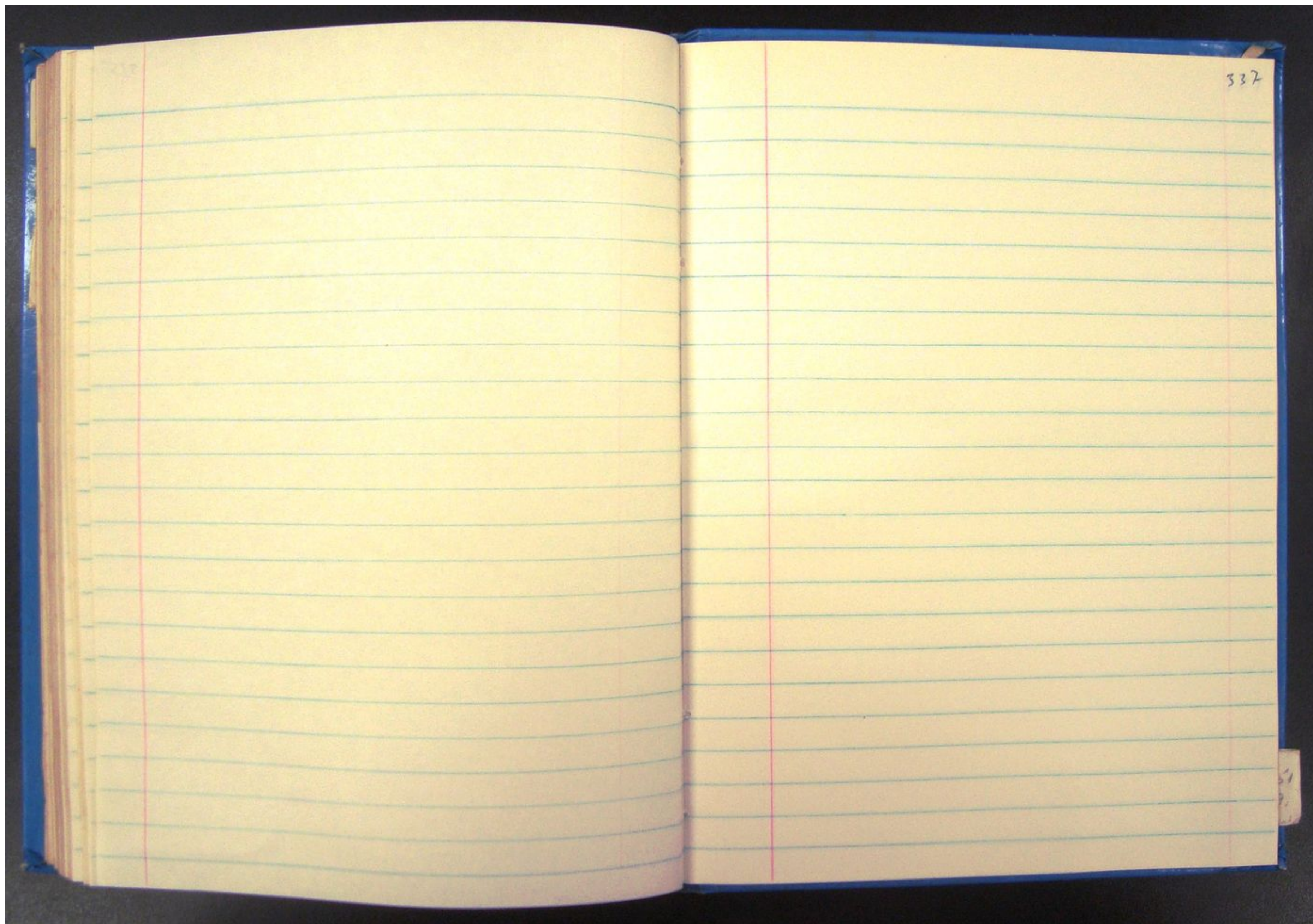
331

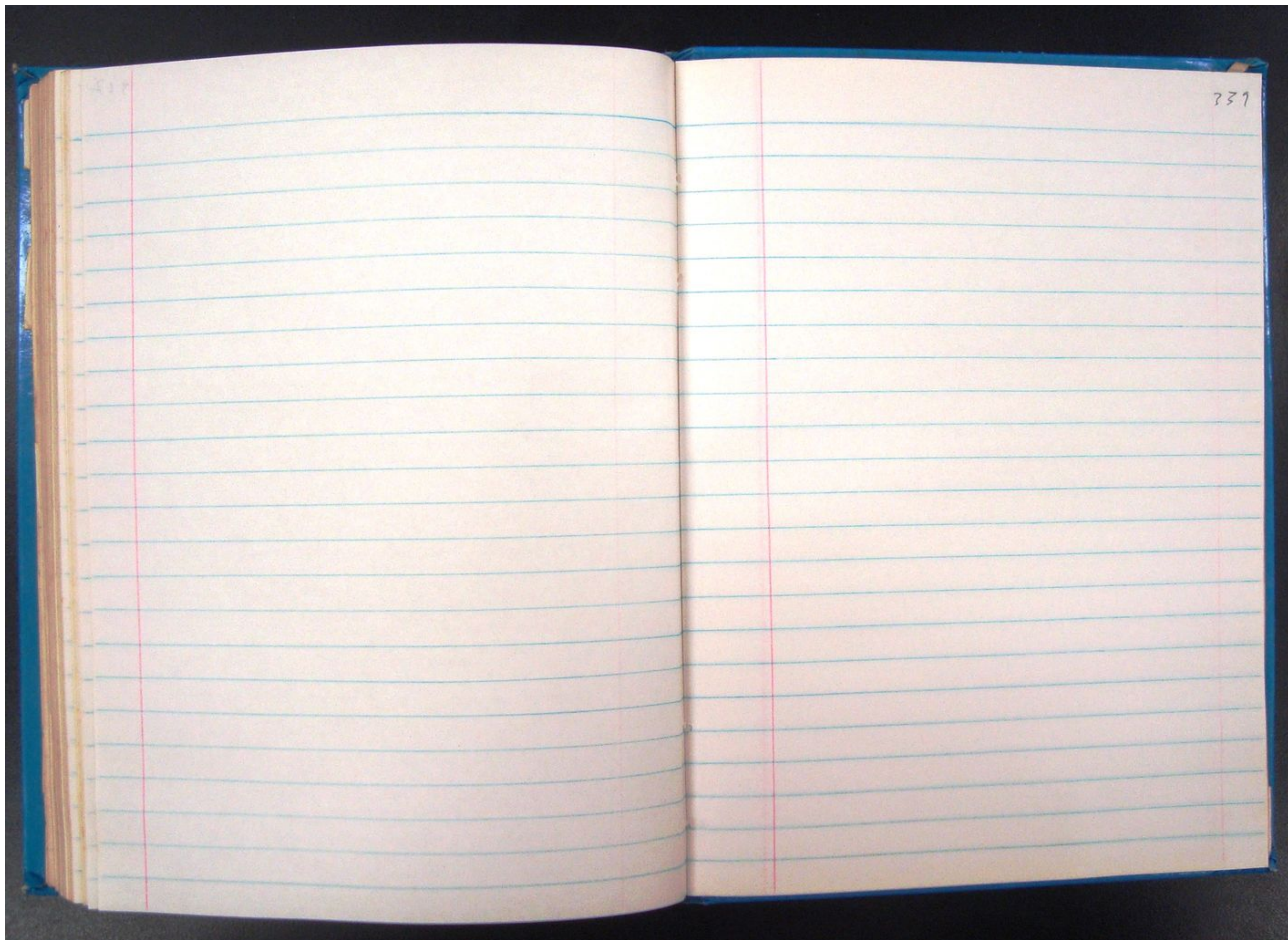




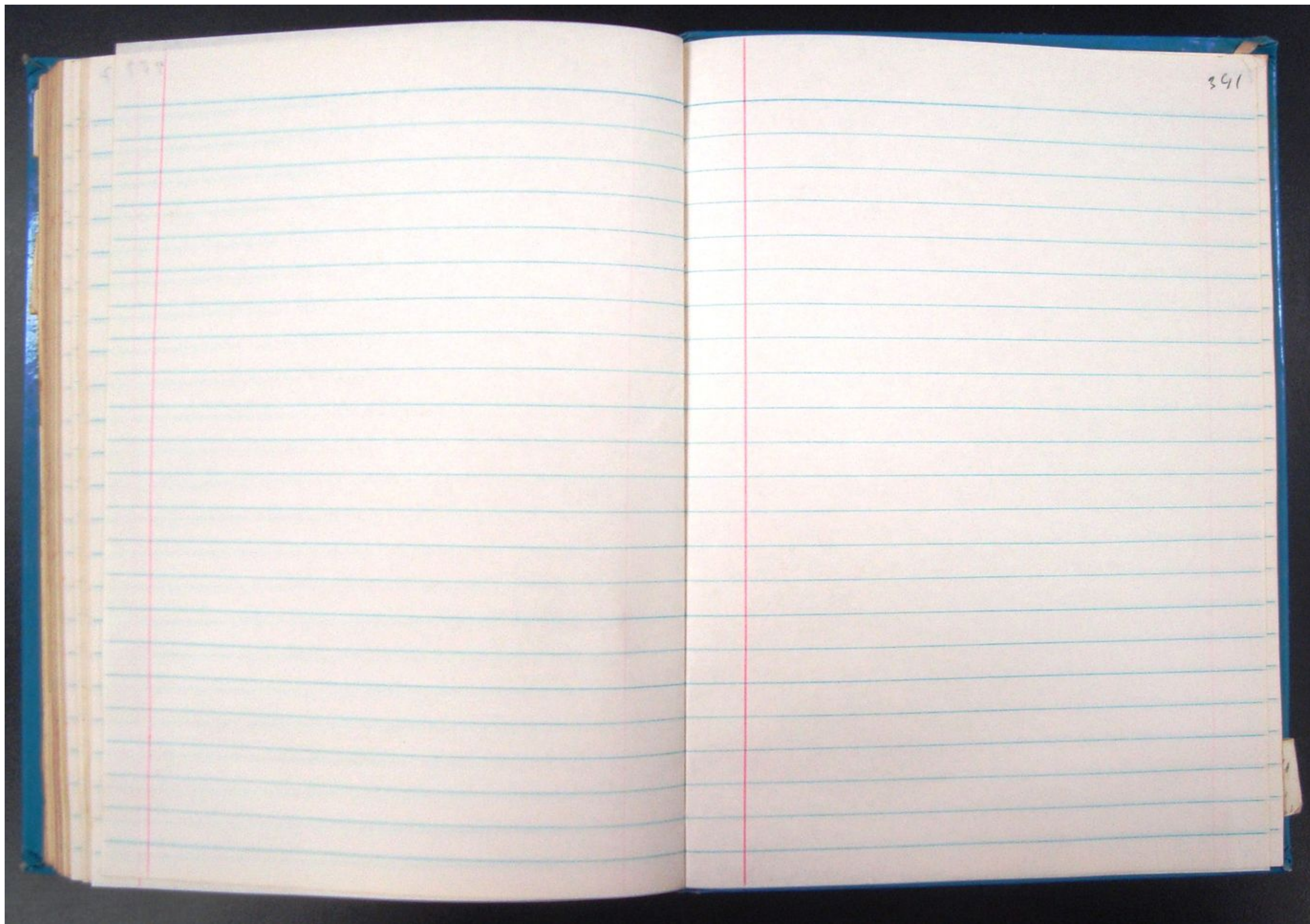
334

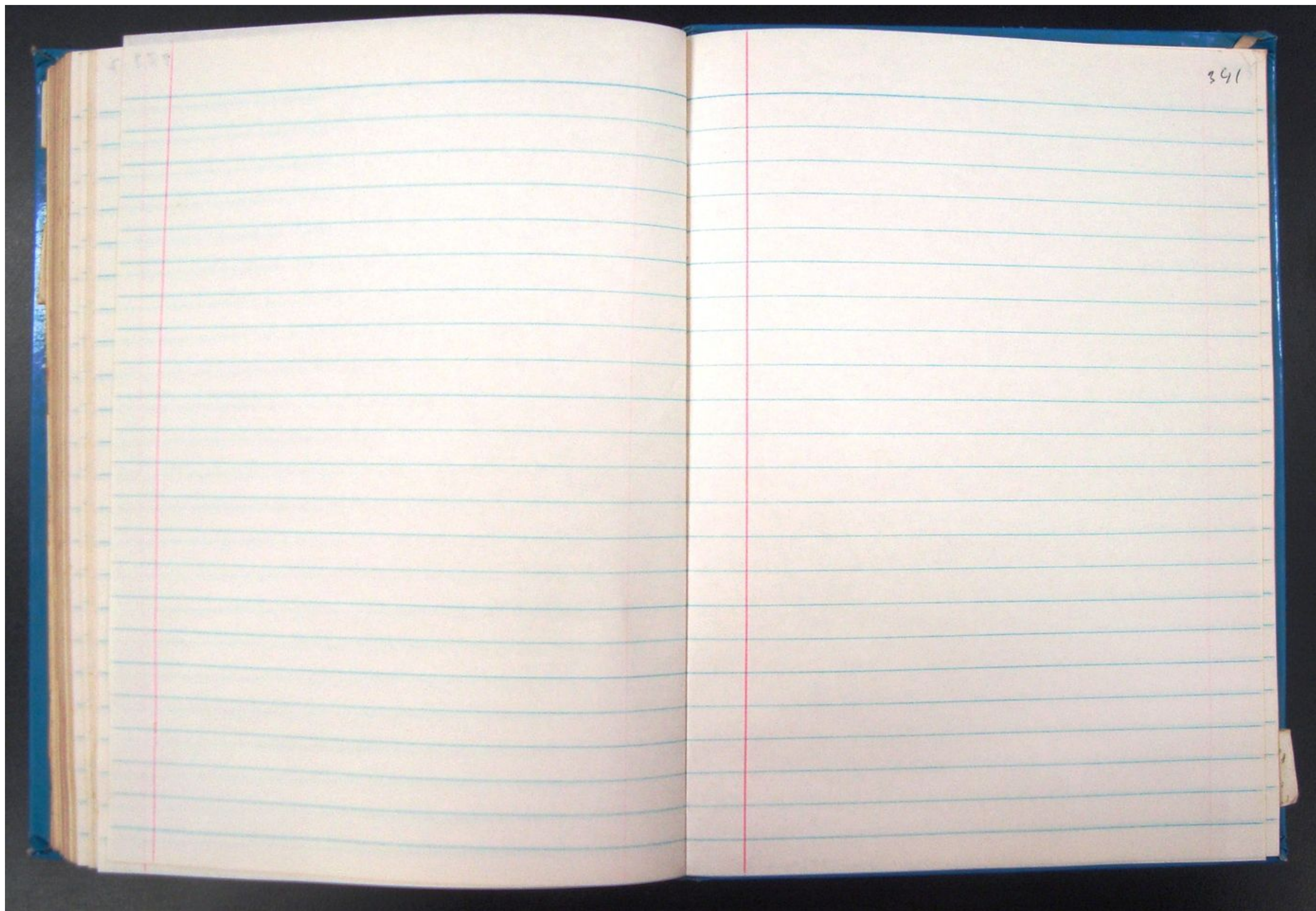
335





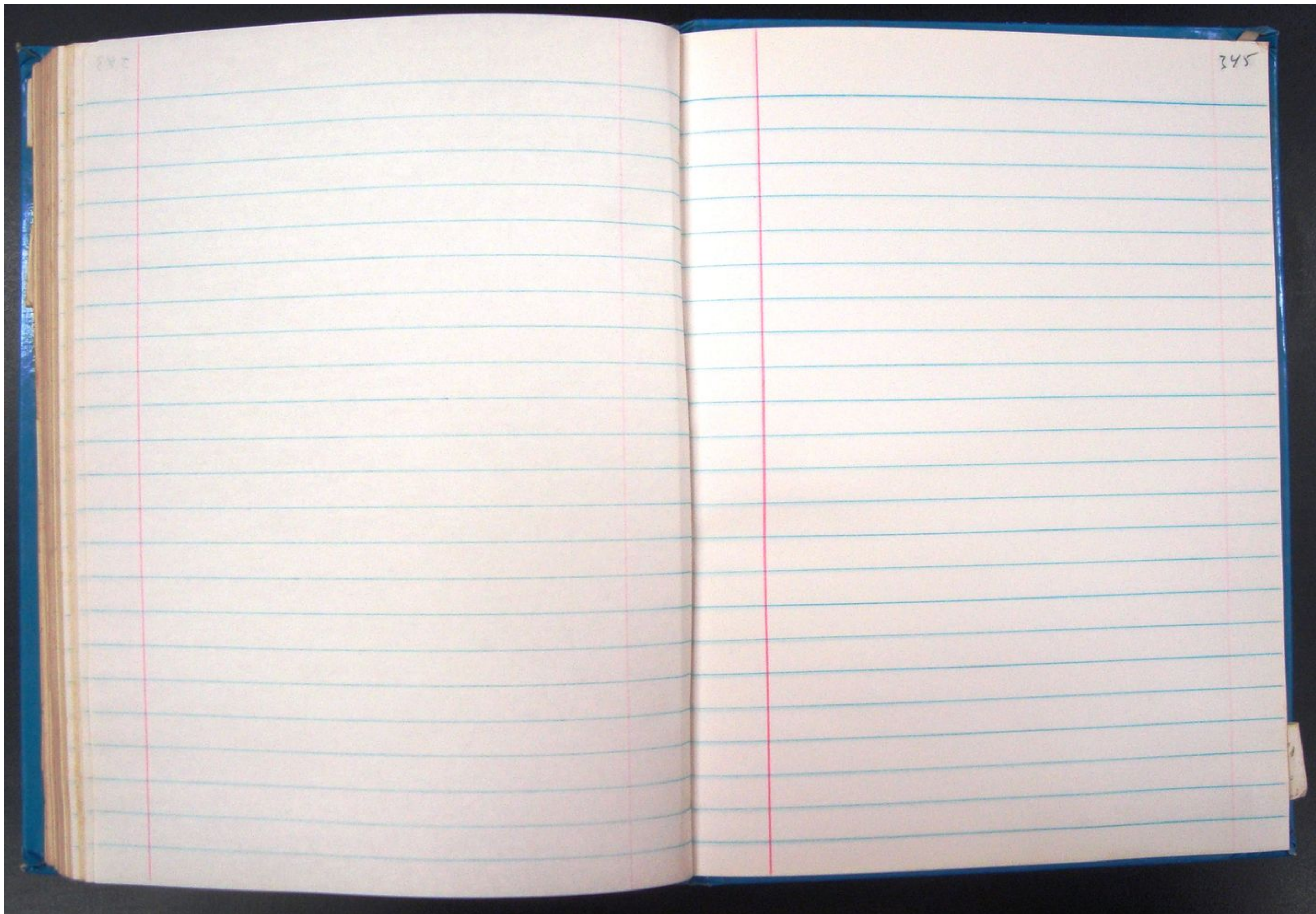
331

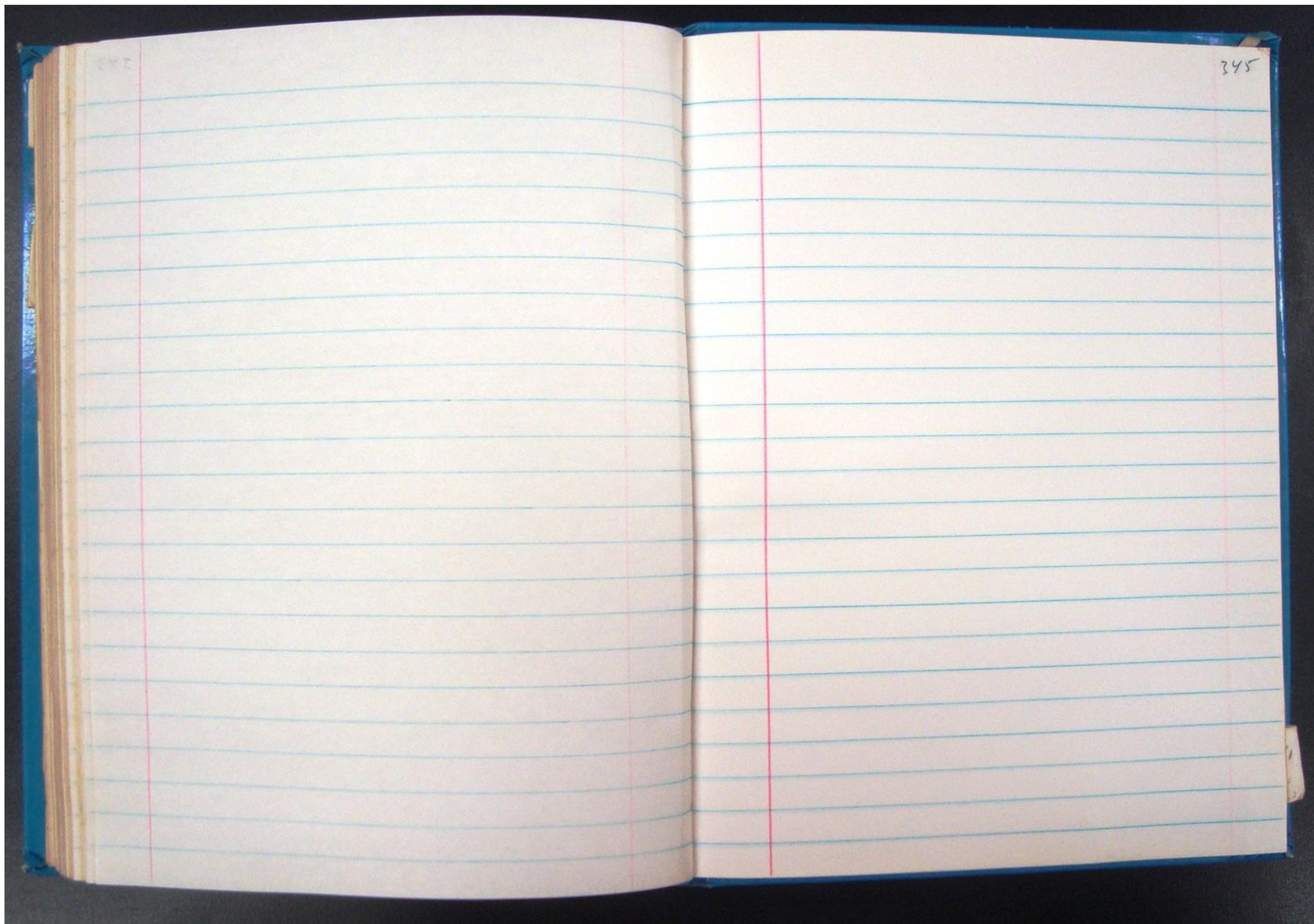


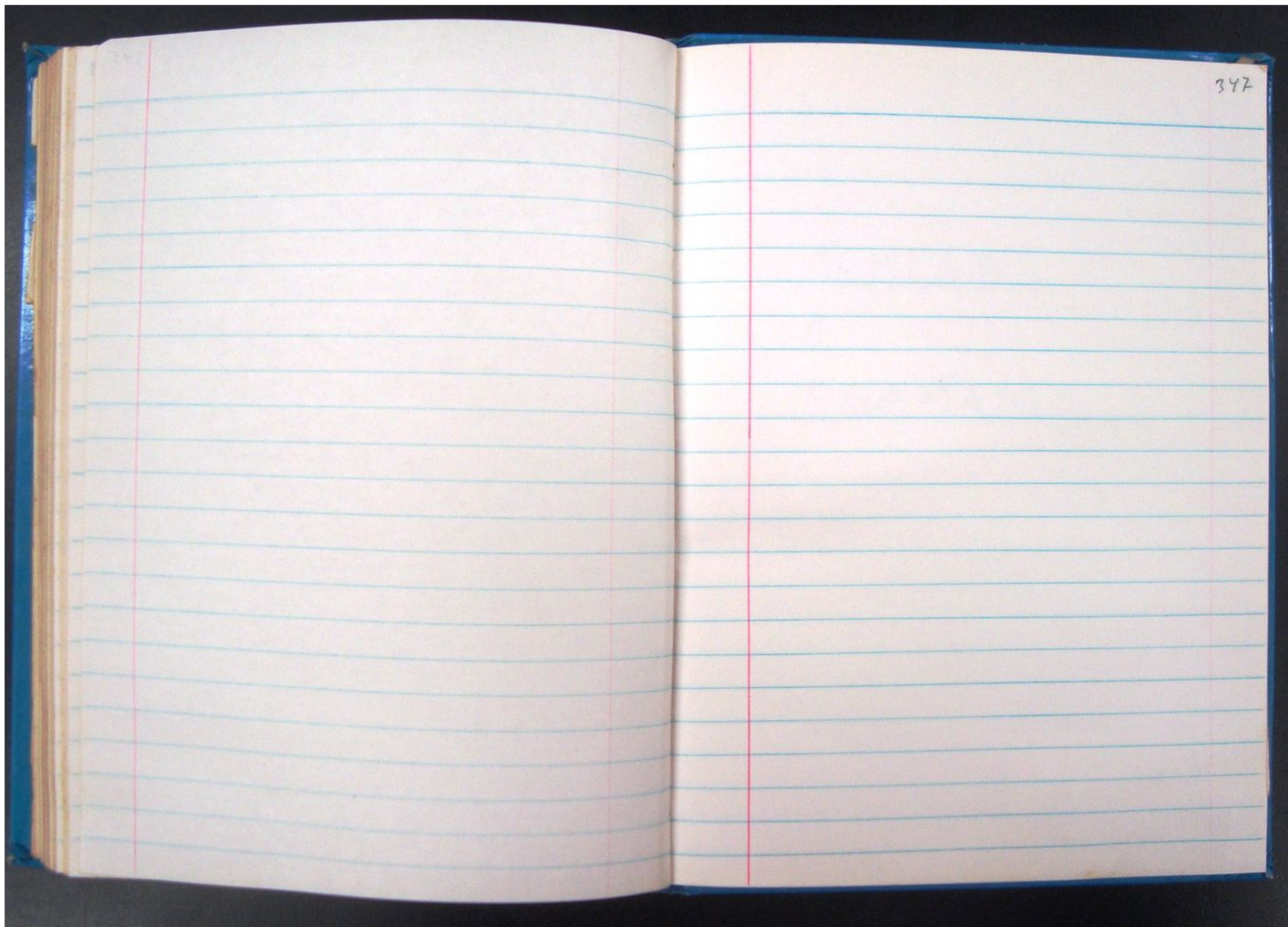


102

103







ACHEGAS

E

CHAMADAS

ACHEGAS

E

CHAMADAS

ACHETA

E

CHAMADA

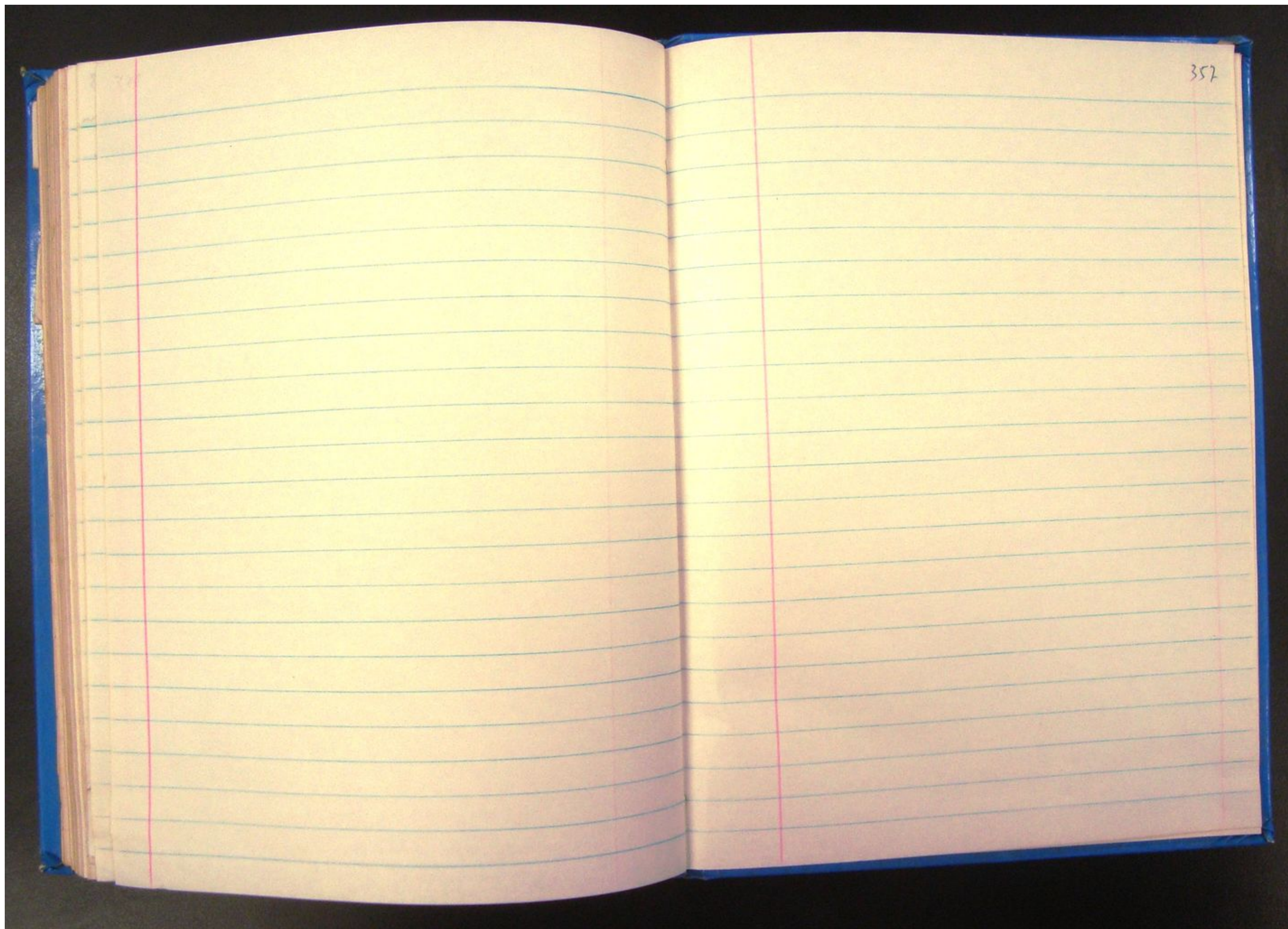
353
1 *Stevens*: o diário começa em 1947, conforme
conta no prefácio de Claire. Completa
a cronologia com este livro.

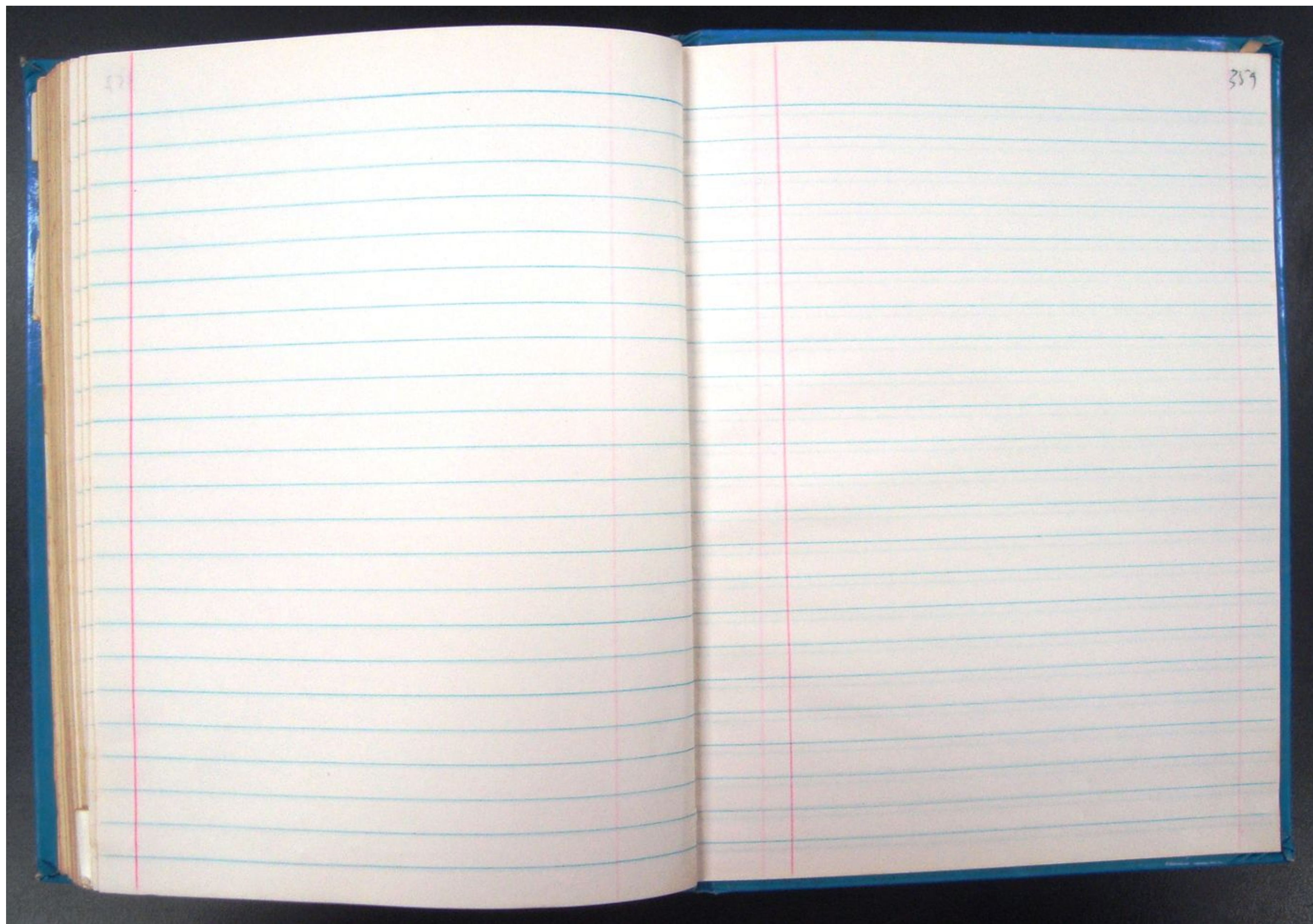
2 Mas falei no Grupo Escola Cruz e Souza?

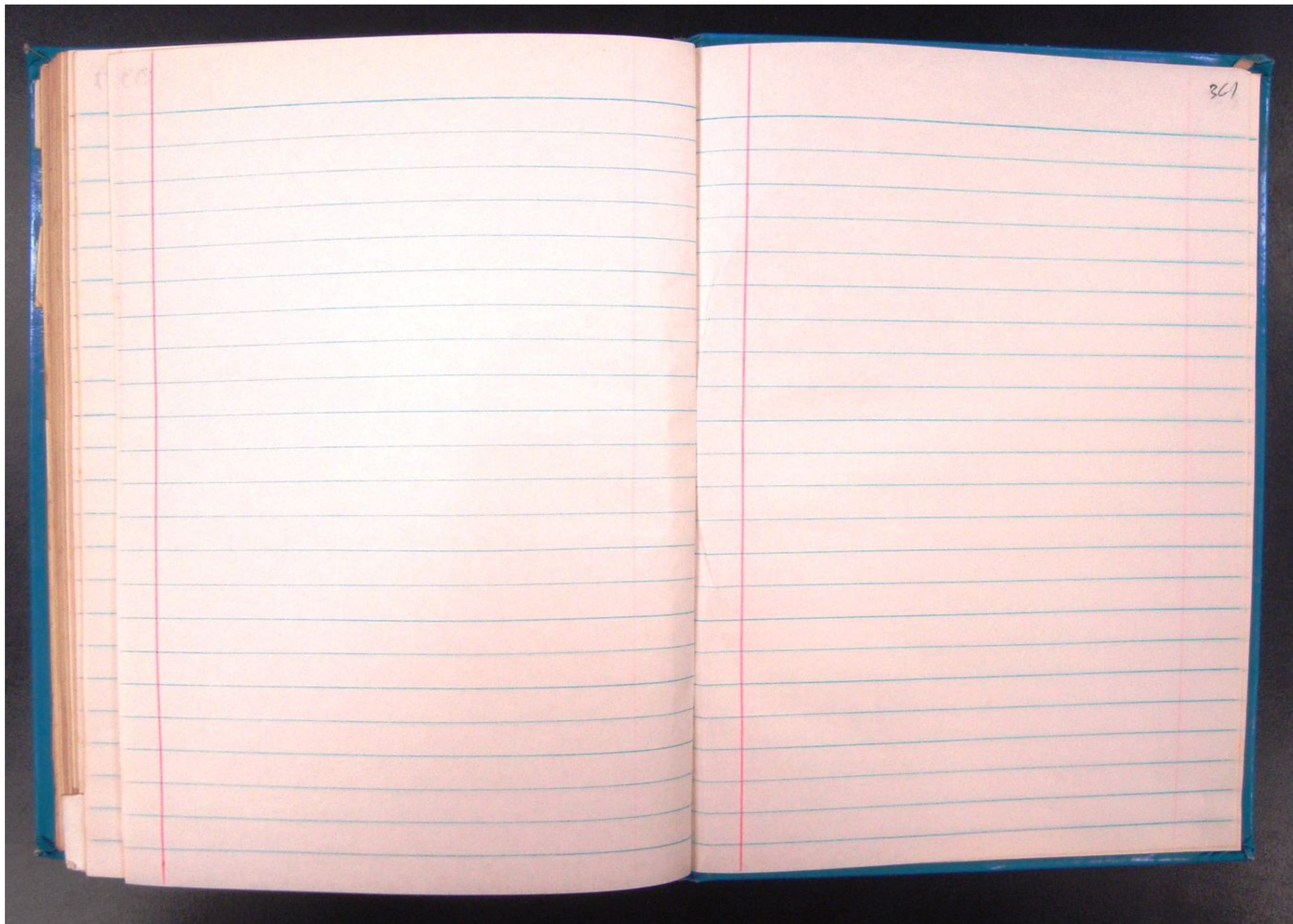
1. *Stenopus*: a shrimp common in 1879 when
we were first in the Channel. (Capt. J. S. Silliman)
a number of the fish.

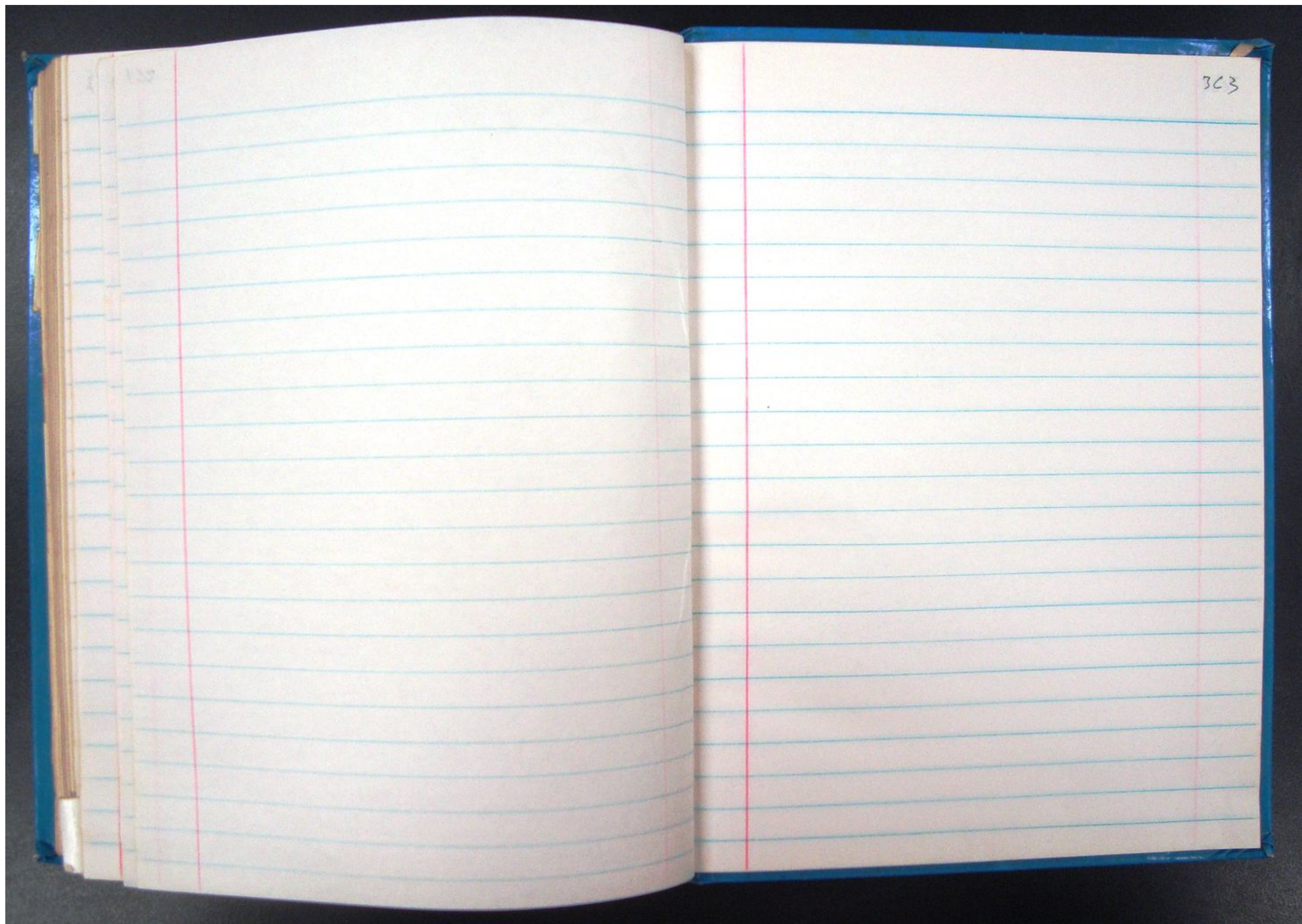
2. *Stenopus* in *Stenopus* (Capt. J. S. Silliman)

357



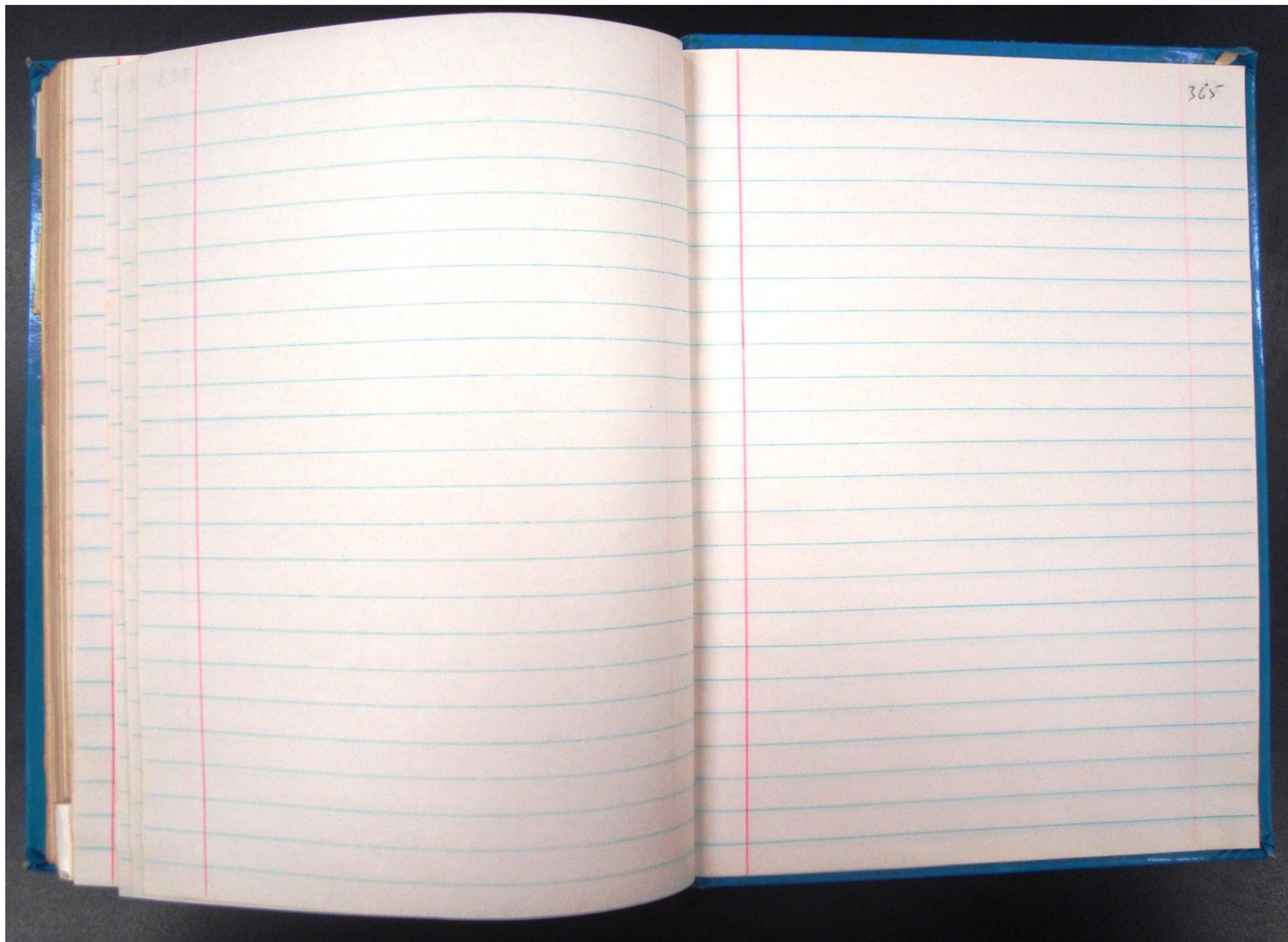




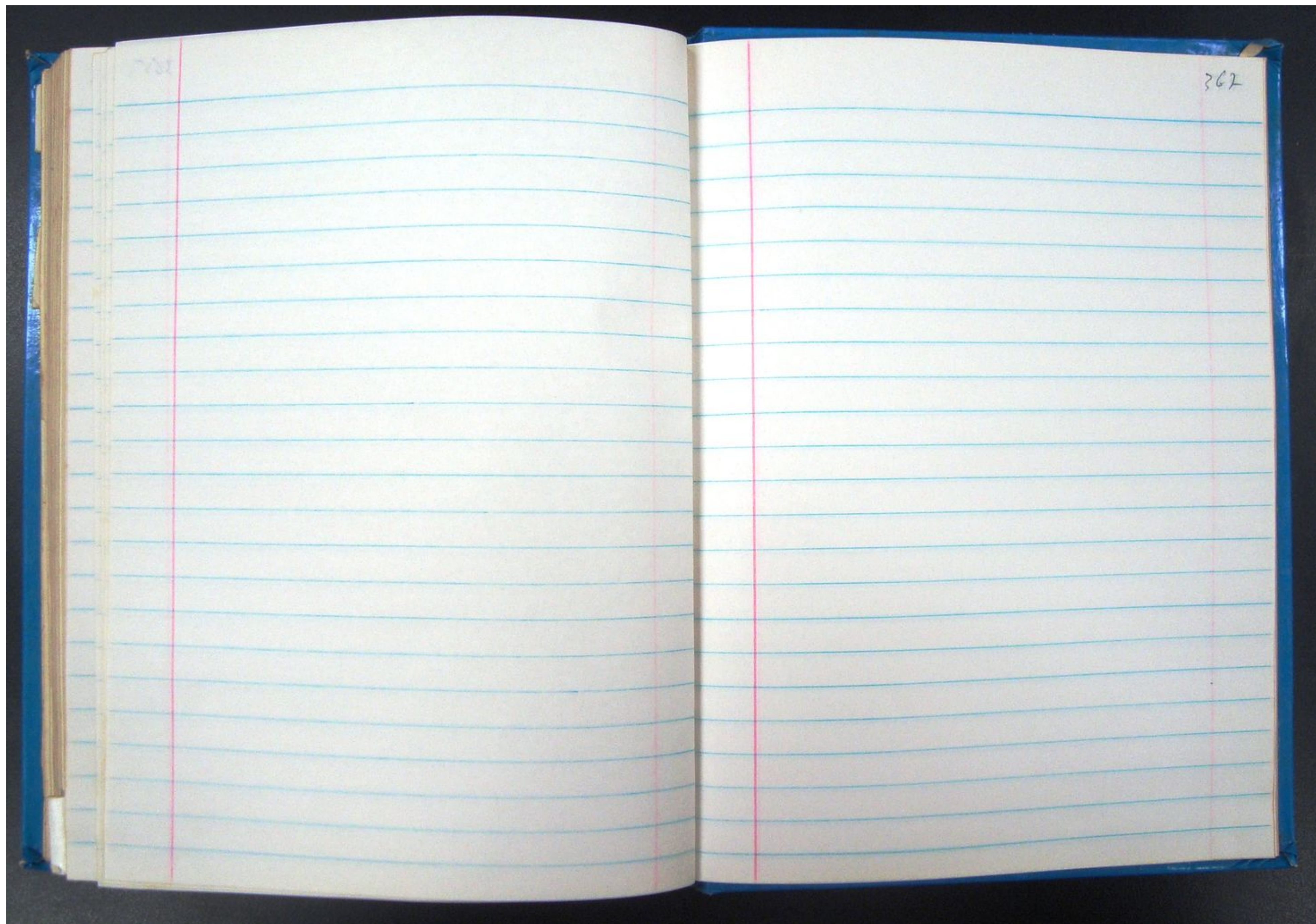


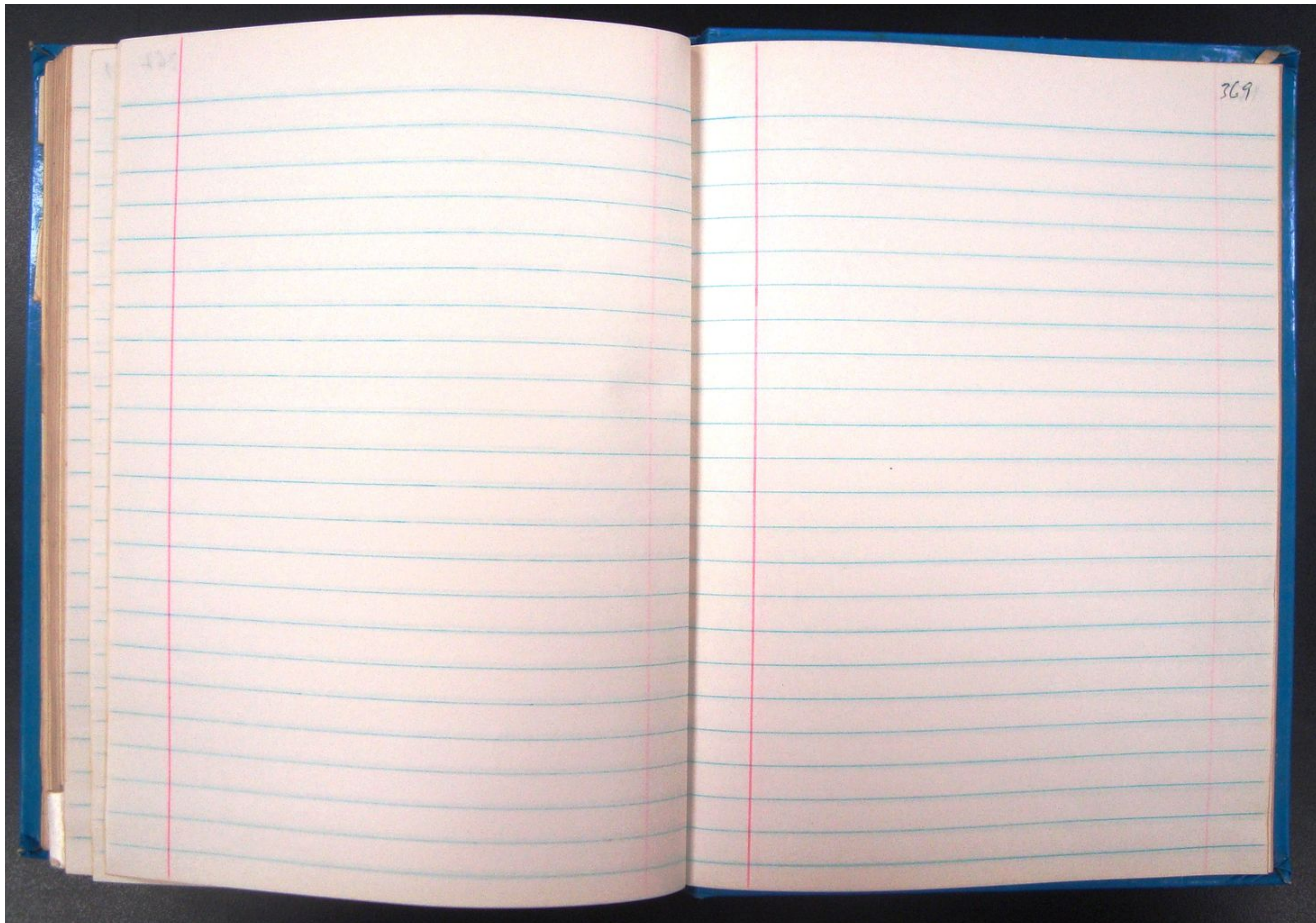
303

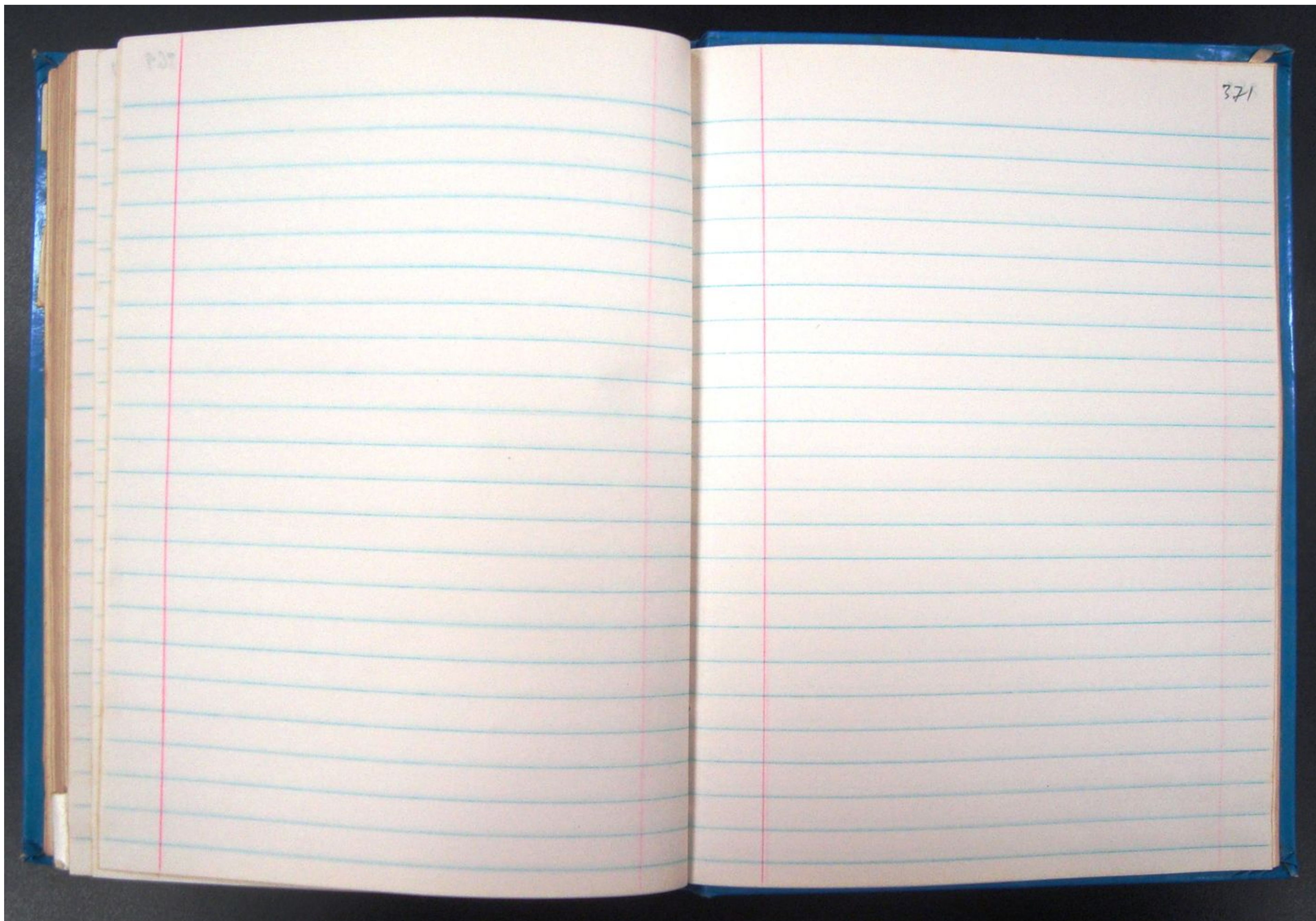
303

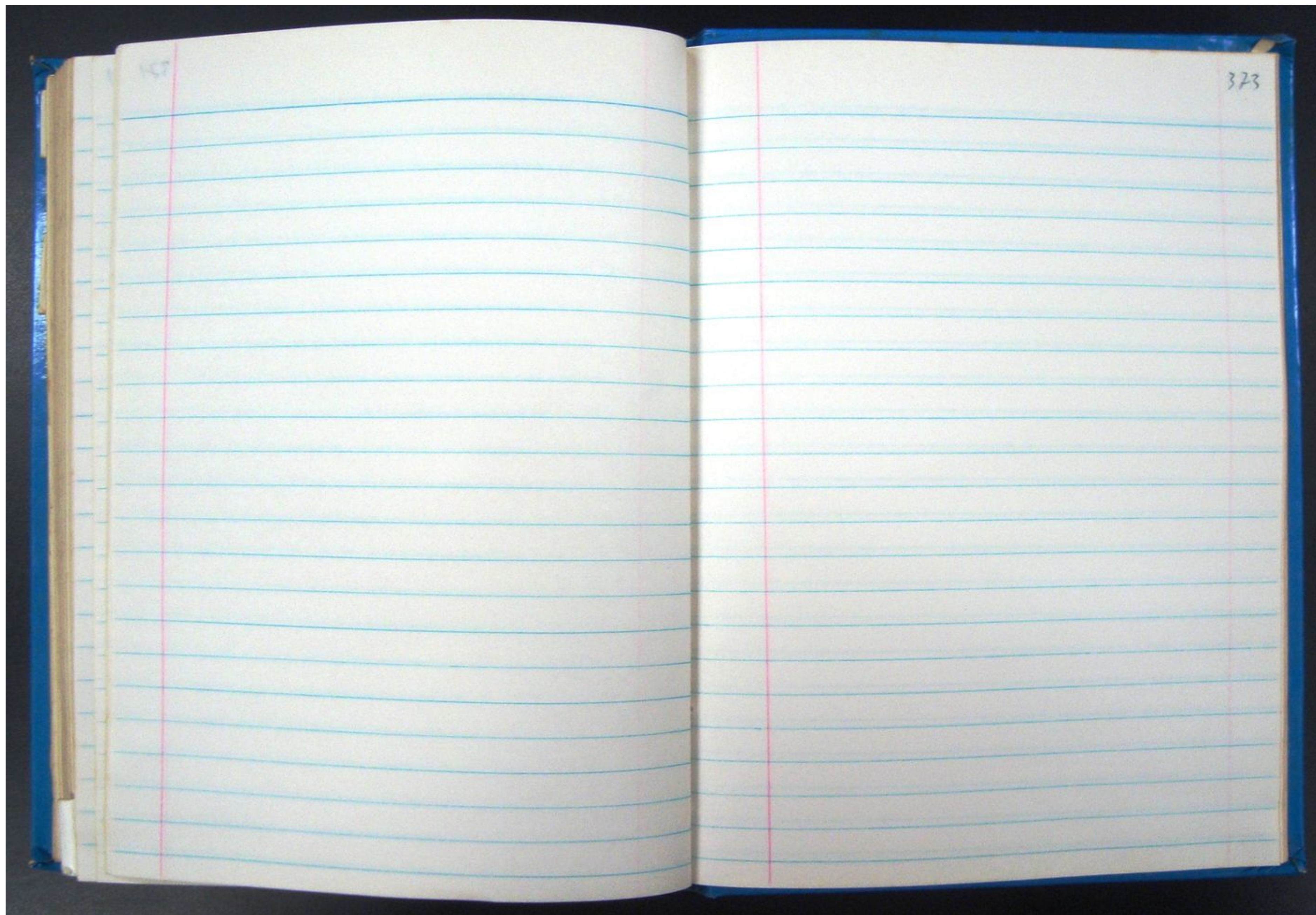


365



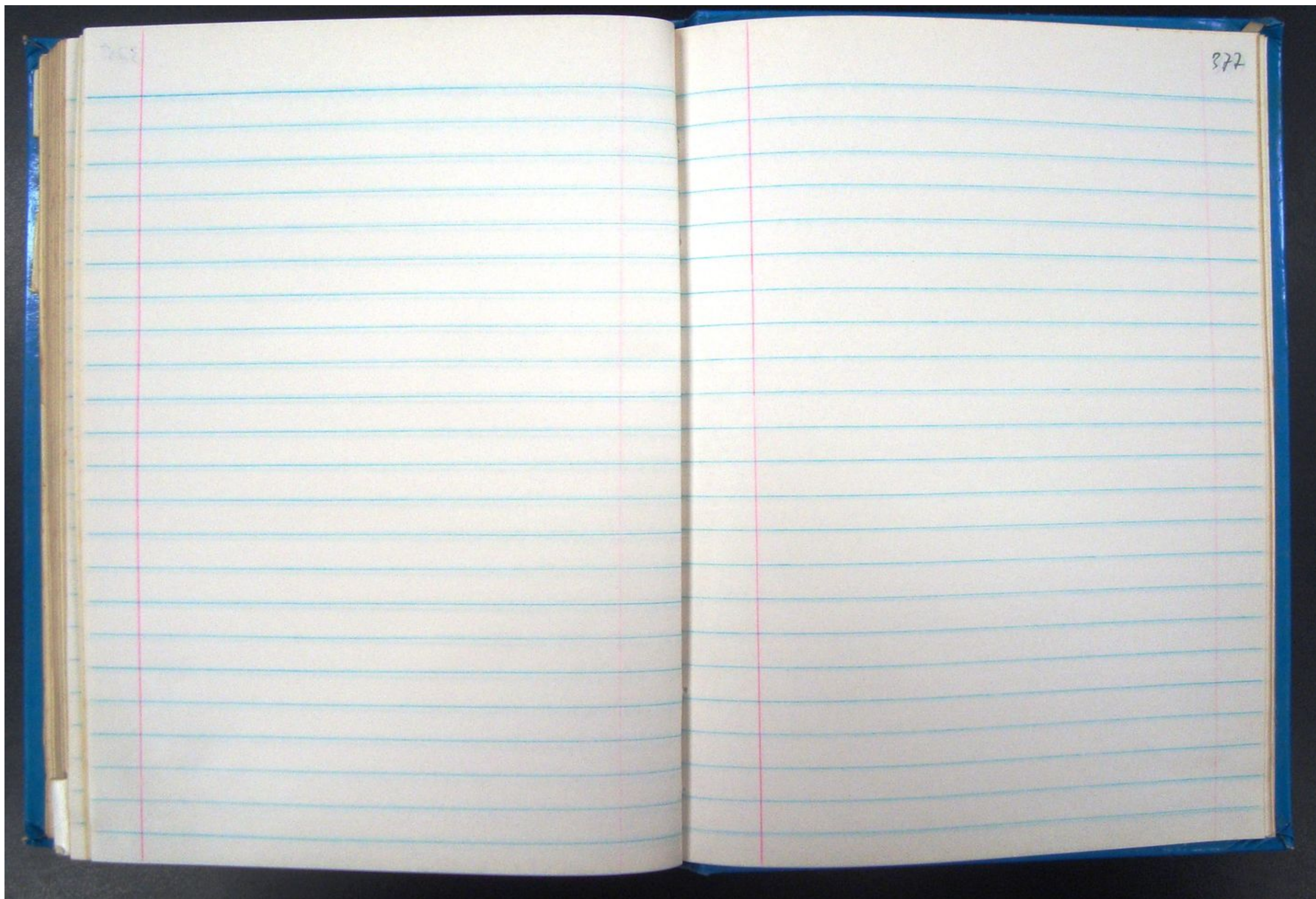






374

375



265

272

328

329

380

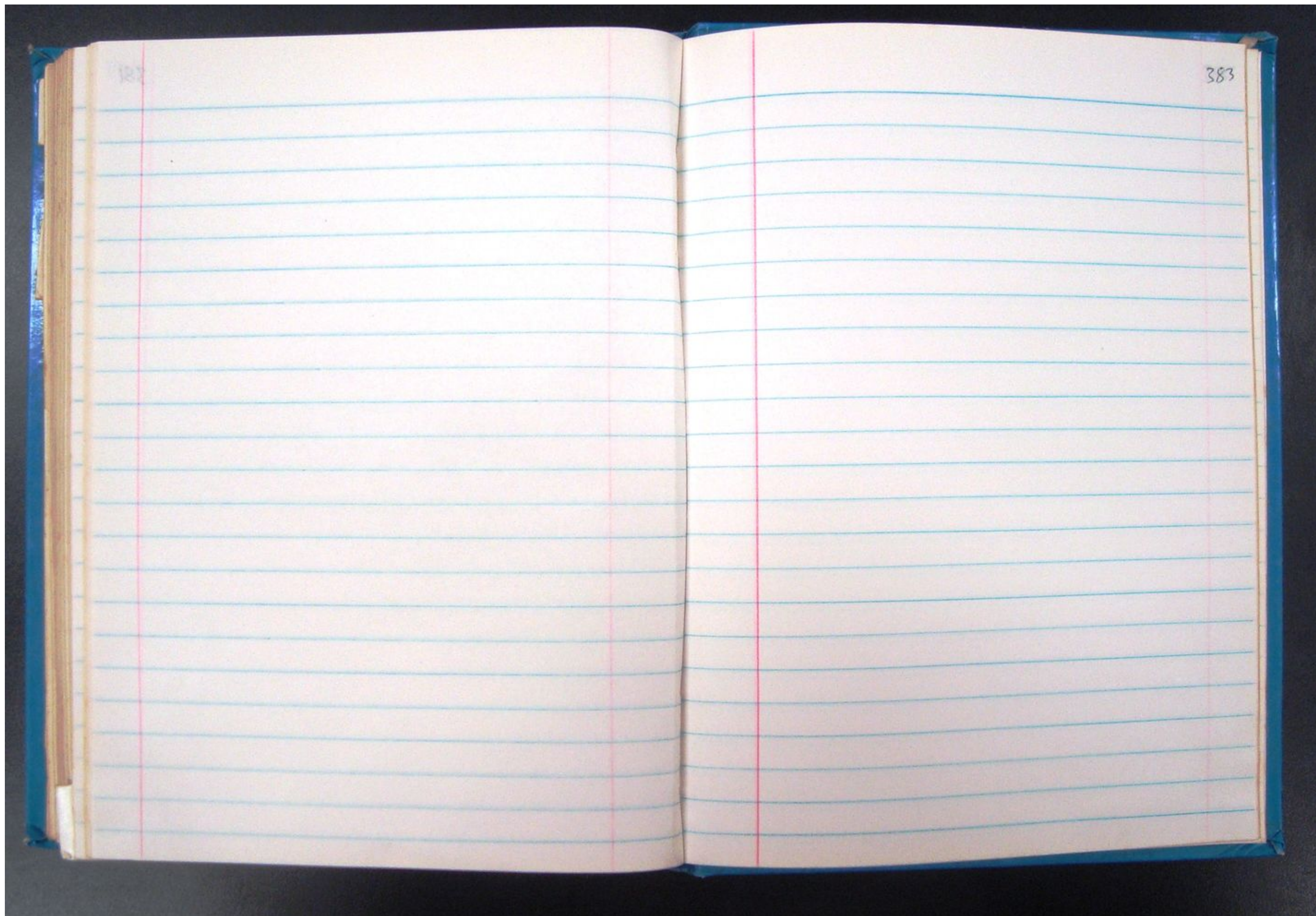
381

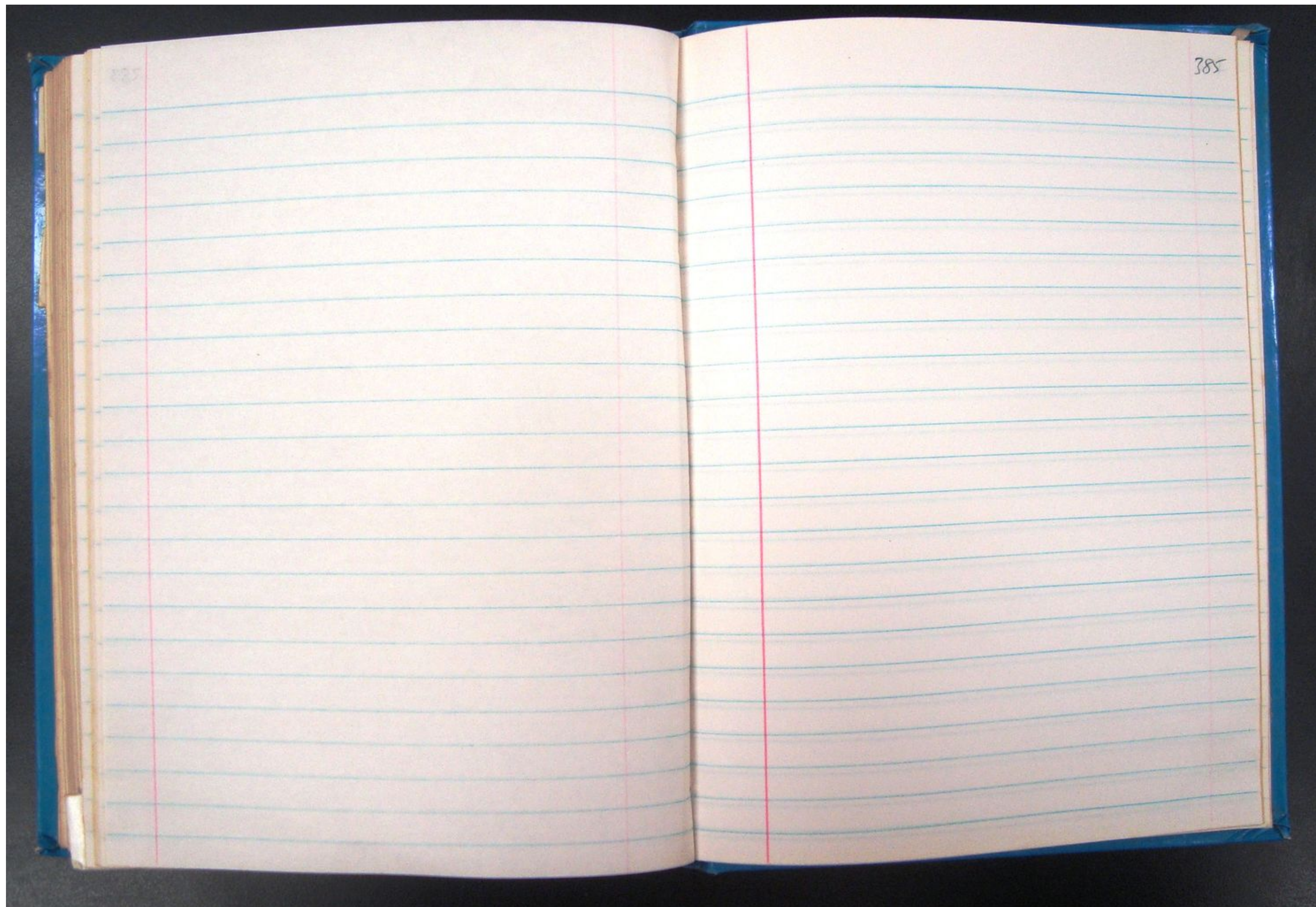
380

381

187

383





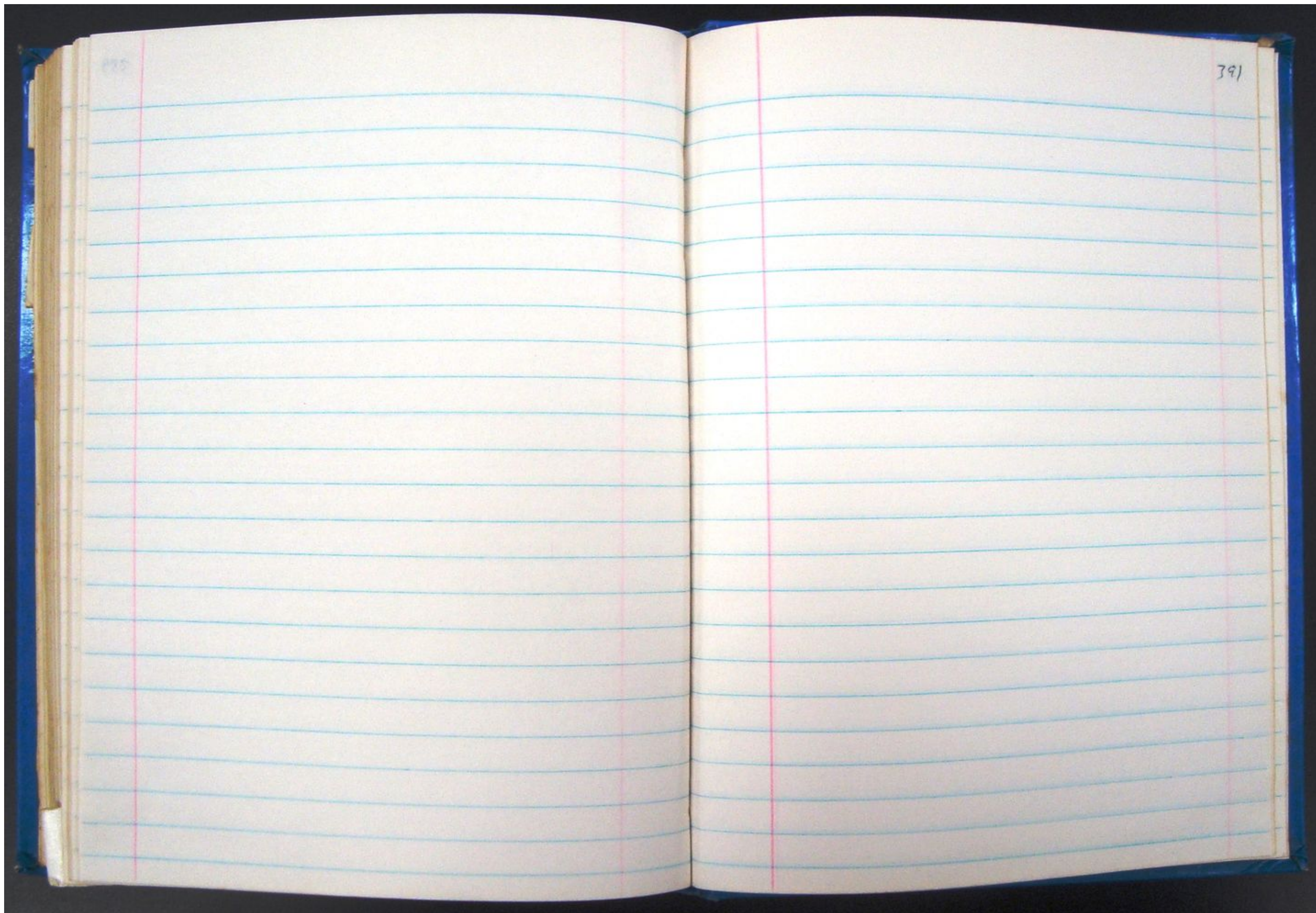
385

385

382

388

389



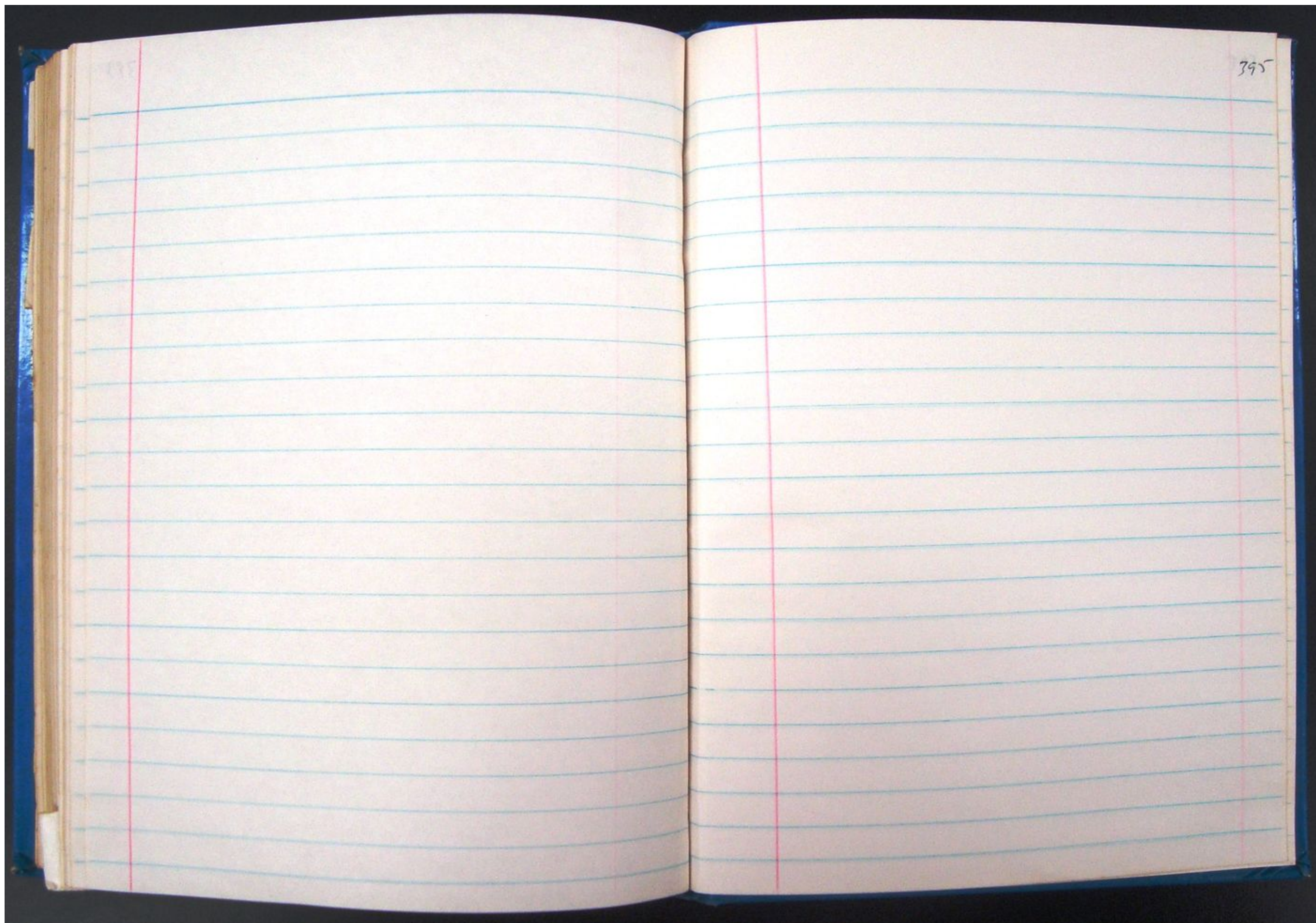
391

195

393

191

393



395

358

359

